

**KÁTIA FRANCIELE CORRÊA BORGES**

**SANTA, ESPOSA-MÃE E PROFESSORA:  
REVISTA *FLOR DO LÁCIO* E EDUCAÇÃO DE MULHERES NO COLÉGIO  
IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS/MG (1943 - 1957)**

MONTES CLAROS/MG  
2011

**KÁTIA FRANCIELE CORRÊA BORGES**

**SANTA, ESPOSA-MÃE E PROFESSORA:  
REVISTA *FLOR DO LÁCIO* E EDUCAÇÃO DE MULHERES NO COLÉGIO  
IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS/MG (1943 - 1957)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra Sarah Jane Alves Durães  
Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra Maria Helena de Souza Ide

MONTES CLAROS/MG  
2011

B732s                    Borges, Kátia Franciele Corrêa.  
                              Santa, esposa-mãe e professora [manuscrito] : revista Flor do Lácio e  
educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG  
(1943 – 1957) / Kátia Franciele Corrêa Borges. – 2011.  
                              165 f. : il.

Bibliografia: f. 129-136.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -  
Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS,  
2011.

Orientadora: Profª Drª. Sarah Jane Alves Durães.

Coorientadora: Profª Drª Maria Helena de Souza Ide.

1. Educação feminina – Montes Claros (MG). 2. Revista Flor do Lácio. 3.  
Representações sociais – meninas – mulheres. 4. Relações de gênero. I.  
Durães, Sarah Jane Alves. II. Ide, Maria Helena de Souza. III. Universidade  
Estadual de Montes Claros. IV. Título. V. Título: Revista Flor do Lácio e  
educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG  
(1943 – 1957).

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Dissertação intitulada “Santa, esposa-mãe e professora: Revista *Flor do Lácio* e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG (1943 - 1957)” de autoria da mestranda Kátia Franciele Corrêa Borges, \_\_\_\_\_ pela banca examinadora, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011, pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sarah Jane Alves Durães – Orientadora (PPGDS-UNIMONTES)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Helena de Souza Ide – Co-orientadora (PPGDS-UNIMONTES)

---

Prof. Dr. João Valdir Alves de Souza – Examinador convidado (UFMG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Regina Célia Carneiro – Examinadora do programa (PPGDS-UNIMONTES)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cláudia De Jesus Maia – Examinadora Suplente (Unimontes)

MONTES CLAROS  
2011

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que em algum momento da vida se viram encaixadas em uma das representações da santa, esposa-mãe e professora.*

*Dedico especialmente as minhas Avós Laurinda (Vó Mãe) e Waldívia (in memoriam), cujos exemplos de maternidade e subserviência levaram-me a questionar as origens de tamanha entrega.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me concedeu força, paciência e sabedoria não só durante este processo, mas durante toda a minha existência.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de Bolsa para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a minha família, em especial meu pai Luiz e a minha mãe Maria Aparecida, o conforto imaterial, as incontáveis demonstrações de carinho e o incentivo constante. Os meus sobrinhos Dayane e Marcelo, por me proporcionar alguns momentos de folga durante a realização desta pesquisa. As minhas irmãs Karla e Maria Luiza por compartilhar da minha luta nesse processo.

Agradeço as amigas Valéria Lopes, Graziela Queiroz, Siliane Xavier e Alessandra Sanchez, por compreenderem minha ausência durante este processo.

Agradeço os Colegas do Mestrado, em especial as amigas: Amanda, Ana Maria, Carol, Janikelle, Josiane, Isabela, Patrícia, Tatiane e Wanderléia. Obrigada pela amizade e por compartilharem comigo momentos de alegria e de “pressão” durante este período.

Agradeço o amigo Roberto, por compartilhar comigo as dores e as alegrias encontradas no percurso para tornar-me Mestre.

Agradeço os amigos Carlos Nascimento, Frederico Santos, José Maria e Ricardo pelo carinho, apoio e amizade, não só durante esse processo, como também em outros momentos da minha vida.

Agradeço a professora Dra Sarah Jane Alves Durães pela orientação, pelo apoio, incentivo e também puxões de orelha.

Agradeço a professora Dra Maria Helena de Souza Ide pela co-orientação e apoio.

Agradeço os demais professores do Programa pela confiança e amizade, em especial: Luciene Rodrigues, Gilmar Ribeiro e Carlos Renato Theófilo.

Agradeço o professor e amigo Herbert Toledo por acreditar na minha capacidade, obrigada do fundo do meu coração.

Agradeço a professora Sônia Frias, pela amizade e apoio nos momentos difíceis.

Agradeço o servidor Giuliano e a equipe da Imprensa Universitária da Unimontes, em especial Humberto e Sânzio, obrigada pelas digitalizações dos documentos.

Agradeço o amigo Camilo, por me socorrer com suas explicações sobre antropologia, suas dicas foram de grande utilidade.

Agradeço a Irmã Lazineira – Diretora do Colégio Imaculada Conceição – pela confiança nesta pesquisa e por todo apoio concedido.

Agradeço a equipe da Secretaria do PPGDS, pela atenção que sempre me reservou e por atenderem tão solícitamente todas as vezes que precisei.

Agradeço as gentis funcionárias do prédio 3, em especial, Andréia e Neuza. Obrigada pelo cafezinho e pelo incentivo.

Por fim, agradeço a todos/as que contribuíram, diretamente ou indiretamente, na construção desta dissertação. Minha sincera gratidão.

**MULHERES DE ATENAS**Chico Buarque

*Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas:  
 Vivem pros seus maridos,  
 Orgulho e raça de Atenas.  
 Quando amadas, se perfumam,  
 Se banham com leite, se arrumam  
 Suas melenas.  
 Quando fustigadas não choram!  
 Se ajoelham, pedem imploram  
 Mais duras penas; cadenas.  
 Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas:  
 Sofrem pros seus maridos,  
 Poder e força de Atenas.  
 Quando eles embarcam soldados  
 Elas tecem longos bordados;  
 Mil quarentenas.  
 E quando eles voltam, sedentos,  
 Querem arrancar, violentos,  
 Carícias plenas, obscenas.  
 Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas:  
 Despem-se pros maridos,  
 Bravos guerreiros de Atenas.  
 Quando eles se entopem de vinho  
 Costumam buscar um carinho  
 De outras falenas,  
 Mas no fim da noite, aos pedaços,  
 Quase sempre voltam pros braços  
 De suas pequenas, Helenas.  
 Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas:  
 Geram pros seus maridos,  
 Os novos filhos de Atenas.  
 Elas não têm gosto ou vontade,  
 Nem defeito, nem qualidade;  
 Têm medo apenas.  
 Não tem sonhos, só tem presságios.  
 O seu homem, mares, naufrágios...  
 Lindas sirenas, morenas.  
 Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas:  
 Temem por seus maridos,  
 Heróis e amantes de Atenas.  
 As jovens viúvas marcadas  
 E as gestantes abandonadas,  
 Não fazem cenas.  
 Vestem-se de negro, se encolhem,  
 Se conformam e se recolhem  
 Às suas novenas;  
 Serenas.  
 Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas:  
 Secam por seus maridos,  
 Orgulho e raça de Atenas.*



## RESUMO

O presente estudo discute algumas representações sociais femininas como: *santa*, *esposa-mãe* e *professora-primária* veiculadas pela revista *Flor do Lácio*, nos períodos de 1943-44 e 1956-57. Esta revista caracterizou-se como impresso do Colégio Imaculada Conceição, na cidade de Montes Claros/MG e teve como principais colaboradoras alunas e professoras do educandário. A pesquisa situa-se na interface dos estudos sobre representações, focalizando a instrução e escolarização feminina como condição para o progresso. Parte-se da análise do impresso e sua utilização no processo de educação e escolarização feminina, sobretudo, a educação no ensino normal oferecida pelo Colégio Imaculada Conceição. Em seguida busca-se compreender a influência e a aceitação da imagem da Virgem Maria como modelo feminino ideal. Finaliza-se com a abordagem que culminou na transformação das meninas/mulheres em professoras. Os procedimentos metodológicos, para a realização do estudo proposto, residiram sobre três dimensões articuladas entre si: revisão bibliográfica, análise de fontes escritas e impressas e interpretação de fontes orais. Constatamos no estudo que algumas representações da *mulher santa*, *da esposa-mãe* e *da professora primária* poderiam ser atribuídas a uma concepção de *Trindade Santa* feminina. Por fim, nosso estudo, buscou trazer para o campo do social o debate das relações de gênero que contribuíram para formar, através da escola, um perfil de ideal feminino e de professora.

Palavras-chave: educação feminina, Flor do Lácio, representações sociais, meninas/mulheres, relações de gênero.

## ABSTRACT

This study discusses some female social representations like saint, wife-mother and elementary school mistress joined by Flor do Lácio magazine, from 1943 to 1944 and from 1956 to 1957. Schoolgirls and school mistress were main collaborators of this magazine which was characterized as printing of Imaculada Conceição School, in Montes Claros city. The research is inserted in the interface of investigations about representations, focalizing the instruction and female learning as condition to progress. Firstly, the printing and its utilization in education process and female learning were analyzed over all education in normal teaching offered by Imaculada Conceição School. Thereafter, influence and acceptance of Virgin Maria image as ideal female model were understood. Finally, the approach was finished in transformation from little girls/ladies to school mistress. In order to perform the proposed study, methodological procedures were based on three linked dimensions each other: bibliography, analysis of written and printed resources and interpretation of interviews. We verified that some representations of saint women, wife-mother and elementary school mistress could be attributed to a conception of saint female Trinity. Moreover, the debate about gender relationships which contributed to form a profile of ideal feminine and school mistress, supported by school, was brought to a social area.

Keywords: female education, Flor do Lácio, little girls/ladies social representations, gender relationships

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- Foto da fachada do Colégio Imaculada Conceição no ano 1927.....	41
FIGURA 2	- Cabeçalho de Flor do Lácio.....	49
FIGURA 3	- Homenagens às alunas Terezinha Machado e Maria Júlia Sepúlveda. ANEXO A.....	138
FIGURA 4	- Homenagens às alunas Genoveva da C. Mota, Hilda do Vale. ANEXO A.....	138
FIGURA 5	- Homenagens à aluna Maria Aleluia Murta. ANEXO A.....	139
FIGURA 6	- Homenagens às alunas Terezinha Nonato e Berenice Melo. ANEXO A.....	139
FIGURA 7	- Capas de FLOR DO LÁCIO 1956/1957.....	55
FIGURA 8	- Poema a Nossa Senhora.....	78
FIGURA 9	- Resultado dos Trabalhos em Prol das Missões pelas Alunas do Colégio Imaculada Conceição. ANEXO A.....	140
FIGURA 10	- Foto das Alunas Missionárias.....	84
FIGURA 11	- Foto Maria de Lourdes Mourão.....	93
FIGURA 12	- Capa de Flor do Lácio: Fascículo nº 4/1944 e Fascículo nº 5/1945..	104
GRÁFICO 1	- Divisão das regiões de naturalidade das alunas matriculadas no 1º Ano do Ensino Normal do Colégio Imaculada Conceição, no período de 1943 a 1955.....	46
QUADRO 1	- A Imprensa em Montes Claros (1984/1957). ANEXO B.....	142
QUADRO 2	- Períodos de circulação da revista <i>FLOR DO LÁCIO</i> .....	49
QUADRO 3	- Diretoras e Redatoras de <i>FLOR DO LÁCIO</i> - 1943/45.....	51
QUADRO 4	- Autores/as que escreveram matérias para <i>FLOR DO LÁCIO</i> (1943/1945). ANEXO B.....	148
QUADRO 5	- Corpo editorial de <i>FLOR DO LÁCIO</i> 1956/57.....	53

QUADRO 6 - Autores/as que escreveram matérias para FLOR DO LÁCIO (1956/1957). ANEXO B.....	150
QUADRO 7 - Distribuição dos textos de <i>FLOR DO LÁCIO</i> .....	58
QUADRO 8 - Seções e subseções de <i>Flor do Lácio</i> 1943/45 E 1956/57. ANEXO B.....	153
QUADRO 9 - Distribuição dos textos de FLOR DO LÁCIO conforme representações de perfis femininos.....	60

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	- Estatística demográfica do Colégio Imaculada Conceição de 1927 a 1937.....	41
TABELA 2	- Distribuição por Série das Alunas matriculadas no Colégio Imaculada Conceição, no período 1929 a 1939.....	42
TABELA 3	- Distribuição por Série das Alunas matriculadas no Colégio Imaculada Conceição, no período 1940 a 1957.....	43
TABELA 4	- Estatística Demográfica do Colégio Imaculada Conceição de 1942 a 1962.....	44
TABELA 5	- Distribuição das alunas matriculadas no 1º Ano do Ensino Normal do Colégio Imaculada Conceição, no período de 1943 a 1955 e respectivas cidades natais.....	45
TABELA 6	- Admissão de professores, por sexo, nas escolas públicas primárias de Minas Gerais de 1830 a 1910.....	99

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPITULO 1 – IMPRESSO, EDUCAÇÃO FEMININA E A MATERIALIZAÇÃO DA REVISTA <i>FLOR DO LÁCIO</i> .....	24
1.1. Impresso e cultura impressa .....	25
1.1.1. Os impressos dentro da Igreja Católica: conjuntura histórica (século XIX e primeira metade do século XX) .....	28
1.1.2. Os impressos e a educação feminina .....	31
1.2. A cidade de Montes Claros/MG e a Imprensa: um breve contexto histórico e político .....	33
1.3. <i>Flor do Lácio</i> : um impresso produzido pelo Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG.....	38
1.3.1. O Colégio Imaculada .....	38
1.3.2. Apresentando a revista <i>Flor do Lácio</i> .....	47
1.3.3. <i>Flor do Lácio</i> e sua circulação estratégica.....	55
1.3.4. Leitura: representações de <i>Flor do Lácio</i> no cotidiano escolar.....	57
CAPITULO 2 – EM NOME DO PAI, DO FILHO, DO ESPÍRITO SANTO E DA “VIRGEM MARIA”: AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER-SANTA E DA ESPOSA-MÃE .....	62
2.1. Mulher – a santa, a esposa prendada e a mãe abnegada.....	63
2.2. <i>Flor do Lácio</i> : o Culto a Virgem Maria e a representação da mulher santa.....	71
2.2.1. A prática da caridade e da beneficência: <i>missão de salvar alma</i> e construir uma <i>vida santa</i> .....	80
2.3. <i>Flor do Lácio</i> : a construção da representação da esposa-mãe.....	85
2.3.1. <i>Flor do Lácio</i> : esculpindo corpos e refletindo sobre os valores da vida.....	92

CAPITULO 3 – FLOR DO LÁCIO: CONSTRUINDO E TRANSFORMANDO MENINAS/MULHERES EM PROFESSORAS .....	96
3.1. A educar e instruir meninas/mulheres professoras: refletindo a história.....	97
3.2. De normalistas a professoras e o dever de servir a Deus e a Pátria.....	101
3.2.1 Flor do Lácio e produção da representação professora como <i>mãe das alunas</i> – figura <i>bondosa e carinhosa</i> .....	109
3.3. Flor do Lácio: veiculando ideias e conceitos pedagógicos na construção da professora moderna.....	113
CONCLUSÃO.....	125
FONTES.....	129
REFERÊNCIA.....	129
APÊNDICES.....	137
ANEXOS.....	138

## INTRODUÇÃO

*A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (MARY DEL PRIORI, 2009, p.07).*

A presente dissertação tem como objetivo identificar algumas representações sociais femininas *da santa, esposa-mãe e professora-primária* veiculada pela revista Flor do Lácio - nos períodos de 1943-44 e de 1956-57. A referida revista caracterizou-se como impresso do Colégio Imaculada Conceição, na cidade de Montes Claros/MG, e teve como principais colaboradoras alunas e professoras do educandário. A pesquisa situa-se na interface dos estudos sobre representações, focalizando a instrução e a escolarização feminina como condição para o progresso.

No estudo da História da Educação Brasileira, a história das representações de gênero nos espaços educacionais está inserida em perspectivas analíticas das mais diferentes, como, por exemplo, as relações sociais que se estabeleceram entre religião católica e educação feminina, particularmente, nos mecanismos e meios utilizados para a formação de um modelo ideal feminino durante a primeira metade do século XX.

Para Louro (2008) as identidades de gênero são forjadas a partir do momento em que os sujeitos se identificam social e historicamente como masculinos e/ou femininos. Assim “as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (LOURO, 2008, p.27).

Na primeira metade do século XX, diversos movimentos político-sociais e correntes de ideias, iniciados ainda no final do século XIX, como, por exemplo, o nacionalismo, modernismo, liberalismo, entre outros, estavam em curso na sociedade brasileira influenciando diversos setores da sociedade, entre eles a educação. Nagle (1976), ao estudar o contexto da Primeira República, apontou que a educação foi vista por seus *entusiastas*, inclusive aqueles pertencentes à doutrina católica, como um caminho para progresso.



Dentro dessa conjuntura sócio-histórica, Souza (2003) reporta que a Igreja Católica comandou um processo de *romanização do catolicismo*, que também teve início no século XIX e se estendeu para o século XX. O objetivo dessa *romanização* consistia em combater o processo de mudança cultural que estava ocorrendo na Europa (*laicização, desencantamento e secularização* – consequência do iluminismo e do materialismo filosófico), assim como também, enfrentar as *práticas culturais* brasileiras entendidas pelo Vaticano como superstição, ignorância religiosa e primitivismo cultural (SOUZA, 2003).

No tocante às atribuições da mulher durante o processo de *romanização*, Durães (2002) informa que a Igreja Católica buscou incentivar a presença das mulheres em todos os seus espaços através de três iniciativas: a criação das associações femininas de piedade como Pias e outras, o incentivo de cerimônias litúrgicas diurnas ao invés de noturnas e o incentivo à educação feminina dentro da escola. Assim:

Em nome dessa defesa, um substancial argumento passou a fazer parte do discurso da Igreja Católica. Ela passou a conclamar a participação das mulheres argumentando que seriam elas as grandes responsáveis pela difusão dos preceitos católicos e, sobretudo, dos princípios morais e sociais (DURÃES, 2002, p. 88).

Não obstante, influências do *positivismo*<sup>1</sup> e do *higienismo*<sup>2</sup> buscaram instituir modelos e padrões de comportamentos normatizadores. As concepções desses modelos estiveram presentes durante a segunda metade do século XIX e, especialmente, na primeira metade do século XX. Almeida (2007) aponta que o pensamento positivista introduziu concepções sobre obrigações das mulheres, afirmando que estas seriam diretamente responsáveis pelas tarefas do lar e pela educação dos filhos. Segundo Louro (2009, p.454) “os argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável”. Dentro desses conceitos a imagem de *mulher ideal* seria aquela que fosse culta,

---

<sup>1</sup>O Positivismo foi uma linha de pensamento sociológica criada no século XIX pelo filósofo francês August Comte. Ele defendeu que toda sociedade deveria possuir, através da ciência, uma ideia imperativa de perfeição, em que a *ordem e o progresso* se apresentariam de forma linear. Inspirado pelo comportamento recatado e resignado de Clotilde de Vaux, Comte também apresentou normas de condutas e comportamentos femininos. Assim, a mulher ideal, segundo a ideia positivista, seria aquela que possuísse: superioridade do sentimento sobre a inteligência e altruísmo visto como fonte da felicidade e do dever (COMTE, 1983).

<sup>2</sup>O Higienismo, segundo Gois Junior (2002) foi um movimento que surgiu no fim do século XIX e início do XX na Europa tendo como objetivo melhorar a qualidade de vida humana. No Brasil, médicos, sanitaristas e adeptos desse movimento propuseram prevenir as doenças, aprimorar a saúde, descobrir cientificamente os melhores hábitos para a defesa da saúde individual e coletiva. Para o autor, esse movimento surgiu de “uma nova mentalidade que se propunha a cuidar da população educando e ensinando novos hábitos” (GOIS JUNIOR, 2002, p.47).

educada, prendada, boa esposa e mãe, enfim estivesse preparada para educar os filhos da nação que precisaria progredir (ALMEIDA, 2007; LOURO, 2009).

Nagle (1976), Carvalho (2001) e Faria Filho (2001) inferem que na década de 1920 emergiu um novo modelo educacional denominado de *escolanovismo* ou *nova escola*. Esse novo modelo foi articulado pelos discursos de um *trinômio indissociável: Educação, Cidadania e República* que tinha como método o ensino centrado no aluno. Tomazzetti (2003) lembra que essa nova metodologia contou com o respaldo dos estudos ligados à Filosofia, à Psicologia e à Ética.

Carvalho (2001) ainda informa que, diante das concepções propostas pelo escolanovismo, duas correntes distintas disputariam pela implementação, na educação brasileira, de suas propostas pedagógicas: católicos e pioneiros. Conforme Nagle (1976), o fim do regime de *Padroado*, ocorrido pelo advento da *República*, possibilitou ao grupo católico maior autonomia de expansão no território brasileiro, uma vez que diante da ameaça da entrada de ideologias rivais (correntes leigas e protestantes) os católicos também se inseriram numa luta nacionalista afirmando que “o Brasil seria uma nação exclusivamente de origem católica” (NAGLE, 1976).

Nesse ensejo, Manoel (1996) e Nunes (2009) apontam que a Igreja Católica, por meio de suas congregações religiosas, se encontrava em pleno processo de expansão das suas redes de ensino<sup>3</sup>. Manoel (1996) ainda ressalta que essa mesma Igreja movimentou um discurso justificando a necessidade de redes de ensino católicas. Com isso, conseguiu apoio financeiro de diversas oligarquias (cafeeira [SP], ervateira [PR], leiteira [MG], entre outras do território brasileiro). Nunes (2009, p.494) infere que “o interesse da Igreja no campo da educação e o apoio do governo tornaram possível às congregações estabelecerem seus colégios”. Para essa autora o movimento católico pela educação foi de suma importância para a consolidação da escolarização das mulheres. As escolas para meninas no Brasil “tiveram as religiosas como elementos fundamentais” (NUNES, 2009, p.491).

---

<sup>3</sup> Essa expansão ocorreu entre os períodos de 1859-1959 (MANOEL, 1996; NUNES, 2009)

Ao estudar a educação feminina nas primeiras décadas do século XX no contexto paulista, Almeida (2007, p.83) observou que a essa educação foi justificada sob o pretexto de que a mulher seria “a principal responsável pela moralização da família e da pátria”. A autora também notou que a educação no magistério primário foi compreendida como possibilidade de profissionalizar a mulher. Assim sobre essas duas análises Almeida (2007) constatou que:

Se, para essa sociedade, a educação feminina vinha para atender aos apelos e interesses da nação por meio da família solidamente estruturada, para as mulheres educar-se e instruir-se, mais do que nunca, significou uma forma de quebrar os grilhões domésticos e conquistar uma reduzida parcela do espaço público. Foi também a possibilidade de se adequarem às normas sociais e ao mundo novo que se descortinava e principiava a selecionar os mais preparados intelectualmente e abria cada vez maior espaço para sociabilidade (ALMEIDA, p.83).

De acordo ainda com Almeida (2007, p. 110), essa educação escolarizada se tornou “importante e necessária para as mulheres, mas deveria ser domesticadora para que não transcendesse os limites impostos pelas estruturas sociais”. Ou seja, as mulheres não poderiam “exercer profissões que concorressem com os homens”. Nessa conjuntura, diversas escolas normais, com ensino público ou privado, de caráter leigo ou religioso se expandiram tornando referência para educação e escolarização feminina (ALMEIDA, 2009).

Diante dessa expansão da escolarização feminina ocorreu o aumento da presença feminina nas Escolas Normais e na ocupação da profissão do magistério por mulheres. Esse fenômeno ficou conhecido, na literatura da História da Educação, como o *processo de feminização do magistério primário*. Durães (2002), ao pesquisar o contexto da feminização no Brasil, particularmente em Minas Gerais, constatou que esse fenômeno tratou-se de um processo que não deve ser analisado somente a partir da alteração quantitativa do aumento do número de mulheres, mas também, a partir de um processo que alterou qualitativamente os atributos exigidos ao trabalho docente.

Louro (2009) infere que fatores, como o processo de urbanização; industrialização e ampliação das atividades de comércio; a maior circulação de jornais e revistas; a instituição de novos hábitos e comportamentos; a criação de novos postos de trabalhos masculinos; entre outros fatores, produziram novos sujeitos sociais viabilizando o

movimento de feminização do magistério primário. Esse movimento, no entanto não representou um fator isolado no espaço brasileiro, também foi notado na Inglaterra, no País de Gales, no Estados Unidos, na Espanha e em Portugal (LOURO, 2009).

Nesse contexto sócio-histórico, nossos estudos se delimitaram no espaço do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG, fundado em 1907, pelas Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Belaar (Bélgica). Esse colégio foi de fato a primeira instituição de ensino para mulheres com sistema de internato e externato situado nessa cidade. Memorialistas como Hermes de Paula, Urbino Viana e a pesquisadora Elizabeth Carneiro atribuem a esta instituição a responsabilidade pela formação das *moças de família*, ou seja, as moças que pertenciam a denominada *elite montesclareense*. Tal elite seria composta por fazendeiros, comerciantes, advogados, médicos, entre outros. (VIANA, 1916; PAULA, 1957; 2007; CARNEIRO, 2003).

A escolha do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG foi motivada por diversos fatores entre eles se destacariam: o fato de se tratar de um colégio de freiras fundado durante o período de *romanização do catolicismo*; o desejo de pesquisar o ensino normal oferecido no espaço desse colégio e a vontade de compreender como se processou a educação e a escolarização feminina, assim como também as relações sociais nesse espaço.

Tomamos como base os estudos de Louro (2008, p.64) quando afirma que no processo de investigação do espaço escolar “currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe [...]”. *A priori* as perguntas que nortearam nossa pesquisa foram: Como se processou o ensino normal para moças no espaço Colégio Imaculada Conceição? Qual seria sua proposta curricular? Quais foram os valores cultivados por este educandário?

Partimos da hipótese de que o ensino no Colégio Imaculada Conceição serviu como base para a construção do papel social da mulher como: *santa, esposa-mãe e professora primária*. Assim, iniciamos nossa busca por fontes documentais como: cadernos de planejamentos, diários de classe, avaliações, enfim tudo que pudesse oferecer pistas sobre

o ensino proferido no espaço desse colégio. Entretanto, encontramos nosso primeiro obstáculo: a deteriorização e praticamente a inexistência de algumas fontes. As informações que obtivemos nessa primeira etapa da pesquisa conduziram-nos ao que já havia sido produzido por Viana (1916), Paula (1957:2007) e Carneiro (2003). Desse modo, pouco poderiam contribuir para o *ineditismo* dos estudos que pretendíamos realizar.

Na incessante busca por fontes, tomamos conhecimento da produção do periódico denominado *Flor do Lácio* – uma revista, produzida por alunas e professoras com edições ora semestrais, ora anuais – que circulou nos períodos de 1943/45 e de 1956/1957. Tivemos acesso a seis fascículos: nº 2 de 1943; nº 3 e 4 de 1944; nº 5 de 1945 e dois exemplares sem numeração um do ano de 1956 e outro do ano de 1957. Constatamos, desse modo, que as fontes existiam, mas estavam em *migalhas* e dispersas, no entanto traziam informações precisas e inéditas que poderíamos apoiar nossa hipótese. Assim fizemos o exercício de auscultá-las.

Chartier (1991, p.178) reporta que “toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico”. Assim ao analisar *Flor do Lácio* identificamos conteúdos que se dirigiam a três perspectivas diferenciadas, ainda que não excludentes, de formação: de *santa (ou religiosa)*, de *esposa-mãe* e de *professora de escola primária*. Para tanto, ora o conteúdo estava direcionado para o exercício da prática religiosa, ora para uma prática docente fundamentada em teorias pedagógicas (científicas), ou ainda, com conteúdos preparatórios para o exercício do papel de esposa e/ou para o exercício da maternidade. Esses conteúdos poderiam propiciar a afirmação total, parcial ou a rejeição da nossa hipótese, ao mesmo tempo em que direcionariam nossos estudos para a análise das representações.

As representações, de acordo com Moscovici (2001, p.45), permite-nos “estudar os problemas da cognição e dos grupos [...]. estudar a difusão dos saberes, a relação pensamento/comunicação e a gênese do senso comum”. Para pesquisadores como Roger Chartier e Stuart Hall as representações seriam matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Desse modo, elas estariam inseridas em regimes de verossimilhança e de credibilidade (CHARTIER, 1991; HALL, 2002). Sobre este conceito, Hall (1997, 2002) lembra que a representação é

parte essencial de um processo em que o significado é produzido e trocado entre os membros de uma determinada cultura que envolve o uso da linguagem, dos sinais e das imagens que defendem ou representam coisas.

Moscovici (2001) ainda alerta que, uma das funções das representações consiste em preservar vínculos entre membros de um determinado grupo preparando-os para agirem e pensarem de maneira uniforme. Assim, fundamentando-se em Durkheim, Moscovici (2001, p.49) afirmou “os fenômenos poderiam ser explicados a partir das representações e das ações por elas autorizadas”.

Ao analisar os fascículos de *Flor do Lácio* levantamos as seguintes questões: A quais fenômenos atribuíam-se as representações da *mulher-santa*, da *esposa-mãe* e da *professora primária* presentes em Flor do Lácio? Qual seria o público-alvo que esse periódico pretendia uniformizar? Quais as perspectivas sócio-históricas presentes em suas páginas?

Os procedimentos metodológicos para a realização do estudo proposto residiram em três dimensões articuladas entre si: revisão bibliográfica, análise de fontes escritas e impressas e interpretação de fontes orais. Neste sentido, a abordagem foi qualitativa e partiu do “conhecimento hermenêutico e histórico preocupado com o significado e a compreensão dos eventos históricos” e do “conhecimento crítico orientado para a exposição das condições de opressão e dominação” Habermas<sup>4</sup> (1971, *apud* SANTOS FILHO, 1995, p.35).

A revisão bibliográfica conduziu todo o trabalho desenvolvido neste estudo. Buscamos identificar e compreender teorias e concepções trazidas por autores clássicos e contemporâneos através de livros, monografias, teses, dissertações, artigos, revistas entre outros, cujo objetivo consistiu em consultar os materiais bibliográficos, para a constituição do referencial teórico indispensável à sequência das análises.

---

<sup>4</sup> HABERMAS, Jürgen. **Theorie und Praxis**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971a.

Na análise das fontes orais baseamo-nos, sobretudo, em Thompson (1998, p.137) quando afirma que “a evidência oral transforma os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’ que contribuem para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”. Assim, entrevistamos algumas ex-alunas do Colégio Imaculada Conceição: Clarice Sarmiento e Regina Barroca Peres e a professora – membro da Academia Montesclarensense de Letras – Ruth Tupinambá Graça. As contribuições advindas das nossas entrevistas possibilitaram-nos situar o contexto histórico e cultural da cidade de Montes Claros/MG, assim como também a produção e circulação de *Flor do Lácio*.

Todavia, foram as fontes escritas e impressas que nortearam nossa pesquisa. No estudo das fontes optamos pela técnica de Análise de Conteúdo e *mantivemos a ortografia da época*. De acordo com Bardin (2009, p.40) “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens”. Assim corroboramos com a autora, sobretudo, quando ressalta que o interesse dessa técnica está na possibilidade de ensino que os conteúdos após analisados podem oferecer seja de ordem psicológica, histórica ou econômica (BARDIN, 2009).

Ao partir da análise de Slenes (1999, p.14) quando infere que “os títulos, uma vez escolhidos, têm vida própria e impõem-se a seus autores” escolhemos o título: *Santa, esposa-mãe e professora: revista Flor do Lácio e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG (1943 - 1957)*, por acreditarmos que nosso título sintetizou as categorias que propusemos analisar, assim como também, traçou nossos objetivos. Para compreender o processo que culminou na *materialização* de *Flor do Lácio* e da *apropriação do seu conteúdo*, dividimos a dissertação em três capítulos.

No Capítulo 1: *Impresso, Educação Feminina e a Materialização da Revista Flor do Lácio* abordamos sobre a cultura impressa; imprensa na Igreja Católica; imprensa e a educação feminina e a imprensa na cidade de Montes Claros. Apresentamos também o Colégio Imaculada Conceição e a revista *Flor do Lácio*. Levantamos alguns motivos que justificariam o surgimento de *Flor do Lácio*, alguns significados e representações construídos por esse impresso; sua relação com o contexto histórico brasileiro; as estratégias de circulação e de apropriação adotadas.

*Em Nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo e da “Virgem Maria”*: representações da mulher-santa e da esposa-mãe é a discussão do segundo capítulo. Buscamos compreender como se deu o processo sócio-histórico que culminou na representação social da esposa-prendada, da mãe abnegada e da santa e algumas das influências da Igreja Católica na construção de um modelo de representação feminina pautado na imagem da Virgem Maria e na prática caritativa.

Esta dissertação é finalizada com o terceiro capítulo - *Flor do Lácio: construindo e transformando meninas/mulheres em professoras*, que reflete sobre a história da educação e sobre a instrução das meninas/mulheres no ensino normal. Identificamos expectativas de *Flor do Lácio* na construção do perfil da mestra; amealhamos informações sobre teorias pedagógicas que as professoras modernas deveriam conhecer e confrontamos essas informações com as mudanças histórico-sociais presentes no contexto sócio-histórico brasileiro como: feminização do magistério, escolanovismo, positivismo, higienismo e outros aspectos.



## CAPÍTULO 1

### IMPRESSO, EDUCAÇÃO FEMININA E A MATERIALIZAÇÃO DA REVISTA *FLOR DO LÁCIO*

*As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990 p.17)*

A epígrafe que abre este capítulo convida-nos a refletir a *não neutralidade dos discursos* produzidos no campo histórico-social. Ao escrever sobre a técnica de *análise de conteúdo*, Bardin (2009, p.43) infere que “a leitura efetuada pelo analista do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura <<à letra>>, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano<sup>5</sup>”.

Ao encontro do exposto, o presente capítulo visa compreender alguns aspectos que fizeram parte do processo de construção/materialização de alguns sentidos a partir da revista *Flor do Lácio*, no ensino normal do Colégio Imaculada Conceição, especialmente em direção à educação feminina.

Para tanto, parte-se da análise do surgimento do impresso e da cultura impressa buscando identificar, através de análises sociais e históricas, como os impressos se tornaram instrumentos de *comunicação de massa*. Os reconhecendo como tal, foram e ainda são veículos de concepções ideológicas, políticas, sociais que contribuíram e contribuem para o surgimento de algumas *representações sociais femininas* como, por exemplo, *a construção da imagem da mulher santa, esposa-mãe e professora-primária*. Neste sentido, buscamos compreender, especificamente, o uso do impresso por meio da Igreja Católica e

---

<sup>5</sup> Grifos da autora

de grupos que reivindicavam a *emancipação, educação e escolarização*<sup>6</sup> de mulheres no Brasil.

Em seguida, realiza-se uma breve análise sobre a cidade de Montes Claros e a imprensa - a formação de uma cultura impressa e a sua influência na educação local. Posteriormente, apresenta-se um breve histórico sobre o Colégio Imaculada Conceição e levantamos algumas condições que contribuíram para o surgimento e materialização de *Flor do Lácio*. Nesta parte procuramos identificar como *Flor do Lácio* se dividia; quem eram as pessoas responsáveis por sua edição; como ocorria sua circulação e quais representações femininas poderiam estar inseridas em seus textos. Assim, finaliza-se o capítulo relacionando a quantidade de textos aos perfis: da *mulher santa, esposa-mãe e professora-primária*.

### 1.1. Impresso e cultura impressa

A imprensa brasileira surgiu oficialmente no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1808, com a criação da Imprensa *Régia* pelo príncipe-regente, Dom João. Antes do seu surgimento a metrópole portuguesa proibia a colônia de desenvolver qualquer atividade de imprensa, seja ela publicação de jornais, livros ou panfletos. Segundo Jinzenji (2010), no Período Imperial, na *imprensa áulica*, aconteceu uma veloz expansão das publicações periódicas. Este fato ocorreu porque:

As discussões ocasionadas pelo período pré e pós-independência deram origem a uma outra série de publicação que, em fins da década de 1820, já se alastrava pelos principais centros urbanos. Pasquins, folhetos e panfletos dividiam o espaço nas rotinas das tipografias, com os jornais que eram utilizados como veículo para expressão e o debate das temáticas que fervilhavam no momento (JINZENJI, 2010, p.20).

Os impressos transformaram-se em importantes difusores de comunicação. Morel e Barros (2003, p.16) relatam que “os impressos viajavam, transpunham mares e faziam *vigiar* seus leitores”. Hahner (2003, p.84) salientou que “os jornais eram o principal meio de troca de

---

<sup>6</sup> No primeiro caso, sobre a educação, atribui-se a dimensão pedagógica do impresso e no segundo a escolarização, ao debate o que o impresso traz sobre este assunto (NAGLE, 1976; FARIA FILHO, 2001; LOURO, 2009; JINZENJI, 2010).

idéias (*sic*) e informações entre os brasileiros alfabetizados. Nos séculos XIX e XX proliferaram periódicos, uns efêmeros e outros de longa duração”.

Nos conteúdos dos impressos podemos encontrar correntes políticas, ideológicas e culturais de determinados períodos históricos. Assim, os impressos poderiam fomentar também diversas *representações sociais* através de romances, folhetos, jornais e revistas. De acordo com Jinzenji (2010), a imprensa periódica, *como agente da história e não somente como mero registro dela*, comportou vários sentidos específicos ao procurar introduzir uma mentalidade e uma forma de olhar seu público leitor. Deste modo, a imprensa se estabeleceu “como elemento essencial para a cultura política brasileira do século XIX, entendendo que sua vigorosa produção e circulação eram alimentadas, em boa parte, pelas atividades políticas desenvolvidas nesse momento histórico” (JINZENJI, 2010, p.20).

Jinzenji (2010) afirma ainda que Minas Gerais se tornou um campo propício para a cultura impressa, tendo seus primeiros periódicos produzidos por tipografias artesanais. O primeiro periódico mineiro, ressalta a autora, surgiu em Ouro Preto em 1823, denominado *O Compilador Mineiro*. Assim:

O surgimento e o desenvolvimento da imprensa estão relacionados a um conjunto de condições, sejam elas materiais, políticas, geográficas ou culturais. A associação entre o processo de desenvolvimento da imprensa e o processo de urbanização é pertinente, na medida em que a imprensa encontra condições necessárias a seu funcionamento em locais com estruturada atividade econômica, política, social e cultural. Minas Gerais foi, durante o século XVIII e boa parte do século XIX, a região mais populosa e mais urbanizada do Brasil, contando em 1833, com 900.700 habitantes (JINZENJI, 2010, p.49).

Contudo, a cultura impressa foi se formando e fazendo parte do cotidiano dos brasileiros/as *letrados/as*. Neste mesmo momento histórico surgiu no país a imprensa feminina, com revistas e jornais dirigidos ao público feminino. Entre os impressos publicados destacaram-se os jornais: *O Mentor das Brasileiras* (São João Del Rei/MG, início do século XIX); *A Esmeralda* e *O Jasmim* (Recife/PE, no ano de 1850); o *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro/RJ, no ano de 1852); o *Belo sexo* (Rio de Janeiro/RJ, no ano de 1862); *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (Rio de Janeiro/RJ, no ano de 1875); *Primavera* (Rio de Janeiro/RJ, no ano de 1880); *Voz da Verdade* (Rio de Janeiro/RJ, no ano de 1885); *O Sexo*

*Feminino*<sup>7</sup> (Rio de Janeiro/RJ, no ano de 1889); *A mulher*<sup>8</sup> (Brasil/1881) e *A Família* (São Paulo/SP, no ano de 1888) (DUARTE, 1999; HAHNER, 2003; JINZENJI, 2010).

De acordo com Hahner (2003), o crescimento da quantidade de jornais destinados ao público feminino ocorreu porque:

Como seus compatriotas masculinos, as defensoras da emancipação feminina da mesma forma consideravam a imprensa um importante meio de difusão de conhecimento e exortavam as mulheres a lerem os jornais, a fim de melhor conhecerem seus direitos e suas obrigações. Os periódicos forneciam às mulheres um caminho para começar a tratar seus interesses particulares (HAHNER 2003, p.84).

Todavia, Telles (1999, p.325) lembra que a cultura escrita entre as mulheres do século XIX “... se desenvolveu dentro da masculina dominante [ideologia machista], com tensões que ameaçavam os equilíbrios simbólicos, com contrastes e compromissos”. Por fim, foi uma conquista longa e difícil. Comumente os impressos desenvolvidos para o público feminino se apresentavam como manuais, cartilhas e guias de como *a mulher* deveria *comportar e agir no lar – seu habitat natural*. Neste sentido a Igreja Católica e a Escola se tornaram instituições propícias para fazer circular esses impressos (ALMEIDA, 2007; LOURO, 2008).

Sobre a primeira metade do século XX, Rago (1997) e Hahner (2003) informam que impressos de todos os tipos também serviram como apoio na busca por direitos políticos para os variados movimentos reivindicatórios entre eles: o movimento de mulheres e o movimento operário *anarquista*<sup>9</sup>. Sobre este mesmo período, Carvalho (2001) lembra que no campo escolar o impresso se projetou como ferramenta útil ao passo que:

O impresso-ferramenta projeta-se como maneira incisiva e direta de lidar com a prática do professor no dia-dia da sala de aula, transformando-a, já que pretende operar no interior do movimento mesmo de apropriação dos preceitos escolanovistas nas práticas docentes (CARVALHO, 2001, p.84).

---

<sup>7</sup> Foi lançado pela primeira vez em Campanha /MG – 1873 por Francisca Senhorinha, mais tarde em 1889 foi relançado no Rio de Janeiro. Maiores informações ver Duarte (1999) e Hahner (2003).

<sup>8</sup> Editado nos EUA em 1881, tinha abrangência Nacional. Segundo Duarte (1999), este jornal foi iniciativa das brasileiras Maria Augusta Generoso Estrella e Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliviera nos Estados Unidos, onde estudavam Medicina.

<sup>9</sup> Rago (1997) pesquisou o noticiário da imprensa anarquista no início do século XX e identificou manifestações de resistência cotidiana no interior das fábricas, dos bairros e das vidas operárias.

Assim, os impressos gradativamente passaram a fazer parte da rotina dos cidadãos e cidadãs brasileiros/as alfabetizados/as. Contribuíram para a divulgação de concepções políticas e ideológicas; noticiaram conquistas históricas como: a emancipação do direito feminino; serviram como instrumento pedagógico nas escolas laicas e religiosas e se tornaram fonte imprescindível para os estudos histórico-sociológicos, sobretudo os estudos sobre as relações de gênero (RAGO, 1997; CARVALHO 2001; HAHNER 2003).

### **1.1.1. Os impressos dentro da Igreja Católica: conjuntura histórica (século XIX e primeira metade do século XX)**

No início do XIX a Igreja Católica se encontrava diante de dois impasses que poderiam colocar em risco sua hegemonia no Ocidente. De um lado as práticas culturais religiosas desenvolvidas na América Latina, a partir da colonização, caracterizadas por credices populares e presença de diversas Irmandades<sup>10</sup>. Tais práticas eram vistas pelo Vaticano como: superstição, ignorância religiosa e primitivismo cultural. De outro lado a Europa estava atravessando um processo de mudança cultural influenciada pelo *iluminismo*<sup>11</sup> e pelo *materialismo filosófico*<sup>12</sup>, que conseqüentemente gerou uma tendência à *laicização, ao desencantamento e à secularização*. Tais impasses precisariam ser combatidos. Para tanto a Igreja incentivou e fomentou uma série de ações que ficariam conhecidas como processo de *romanização do catolicismo*<sup>13</sup> (NAGLE, 1976; SOUZA, 2000).

---

<sup>10</sup> De acordo com Marina de Mello e Souza, por exemplo, os viajantes europeus e norte-americanos descreviam as festas religiosas no Brasil ora como exóticas devido aos ritmos, aos instrumentos musicais e às atividades religiosas que se misturavam às superstições e magias dos negros; ora como ridículas por causa dos santos que eram bonecas enfeitadas com joias e dos modos como as pessoas vivenciavam a experiência religiosa. Para maiores informações ler SOUZA (2002).

<sup>11</sup> O Iluminismo surgiu na França do século XVII, no entanto seu apogeu só ocorreu no século XVIII. De acordo com Bassalobre (2010, p.443), o Iluminismo criticou as bases religiosas que difundiam uma visão mística sobre o mundo e propôs “uma nova forma de apreender as realidades e embasa a credibilidade nas grandes possibilidades da razão e da ciência, oferecendo aos indivíduos a possibilidade de promoverem o desenvolvimento econômico e social na direção de uma existência mais igualitária e elevada culturalmente”.

<sup>12</sup> Materialismo filosófico, teoria que defende que a vida social deve ser explicada a partir dos condicionantes materiais da realidade. O filósofo iluminista Holbach, um dos colaboradores Enciclopédia, foi um dos primeiros teóricos a utilizar essa expressão ainda no século XVIII. Maiores informações ver Durozoi e Roussel (1993).

<sup>13</sup> No Brasil, conforme Nagle (1976) e Souza (2002), durante o processo de Romanização do catolicismo, (XIX/XX) a Igreja Católica procurou ocupar todos os espaços sociais se impondo como grande empresa. Neste sentido, incentivou a criação de seminários; implementou o trabalho missionário e sua catequese; criou novas entidades religiosas sintonizadas com o Vaticano e interferiu nas entidades religiosas leigas, procurando regularizá-las com a Santa Sé, incentivou a formação de professoras (visando combater a “ignorância do povo brasileiro”).

No Brasil, com o declínio da Monarquia e a ascensão da República, no dia 15 de novembro de 1889, o Regime de *Padroado*<sup>14</sup> chegou ao fim<sup>15</sup>. Para pesquisadores do catolicismo, como Nagle (1976), Azzi (1999) e Souza (2000), o fim da união entre Igreja Católica e Estado proporcionou a ampliação do aparato católico no território brasileiro. Se por um lado, representou o fim da exclusividade católica apresentando a entrada e o estabelecimento de *religiões não católicas* no país. Por outro, com maior liberdade, *livre das amarras do Estado*, a Igreja Católica buscou, mediante ao apoio e fundação de diversas congregações (masculinas e femininas), expandir seus seminários, suas escolas e suas dioceses<sup>16</sup> (NAGLE, 1976; AZZI, 1999; SOUZA, 2000).

Para Nagle (1976) as autoridades eclesiásticas brasileiras acreditavam que deveriam combater *a ignorância religiosa, fonte de todos os males*. Para tanto, a Igreja Católica buscou se apoiar “nos meios intelectuais e nas camadas populares, na escola e na imprensa, entre os homens públicos e os pais de família” (NAGLE, 1976, p.58). Assim, mesmo o número de leitores sendo limitado<sup>17</sup>, os impressos - em forma de ordenações institucionais prescritas em Códigos, Bulas, Catecismos e outros documentos - funcionariam para a Igreja Católica como ferramenta agregadora durante o processo de romanização (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2002).

Nagle (1976) ainda salienta que, além da corrente católica, os setores político, econômico e social da sociedade brasileira também passavam por mudanças estruturais promovidas pela

---

<sup>14</sup> Segundo Cury (1993 *apud* SOUZA, 2000, p. 68), “O Padroado era uma instituição ibérica pela qual a Igreja Católica e as monarquias luso-hispânicas estabeleciam tratados e alianças entre si. Por ele, a permuta de favores consistia nos privilégios outorgados à Igreja, entre os quais o reconhecimento da religião católica como religião oficial, e em contrapartida, a Igreja atribuía à monarquia o poder de controlar e fiscalizar uma série de iniciativas (que, hierarquicamente falando, caberiam à própria instituição religiosa). Desse modo, até a nomeação dos bispos dependia da autoridade imperial e os clérigos seculares, eram de fato funcionários públicos. O imperador provia cargos eclesiásticos em troca de pagamento das atividades eclesiásticas exercidas pelos clérigos. Por outro lado, uma série de cargos públicos (que, politicamente falando, caberiam à instituição política) tinham como pré-condição de investidura o juramento de fé. É neste sentido que havia o juramento à fé católica exigido dos professores que assumissem cadeiras de ensino nos estabelecimentos oficiais”. CURY, Carlos Roberto Jamil. “Ensino religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil”. **Educação em Revista**. *Revista da Faculdade de Educação da UFMG*. Vol. VIII, nº 17. Belo Horizonte, jun./1993. p. 20-37.

<sup>15</sup> Conforme Nagle (1976, p.57) o Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890, determinou a separação entre Igreja e Estado, confirmada pela Constituição de 1891.

<sup>16</sup> Este fato é compreendido por Nagle (1976), Azzi (1999) e Souza (2002) como influência também do processo de Romanização.

<sup>17</sup> De acordo com o Anuário Estatístico do Brasil, do Instituto Nacional de Estatística, o percentual de analfabetos no ano de 1900 era de 75%. Maiores informações consultar o endereço eletrônico: [http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos\\_pdf/educacao.shtm](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/educacao.shtm).

ação de movimentos político-sociais e de outras correntes de ideias como: socialismo, anarquismo, maximalismo, nacionalismo, tenentismo, modernismo e integralismo. Esses grupos buscavam introduzir, através da imprensa, suas propostas, algumas com ideários conservadores outras com ideários libertadores. A Igreja Católica, neste momento, preocupada em *cristianizar a inteligência brasileira*, promoveu a formação de um grupo de intelectuais para fundar a revista *A Ordem*, em 1921.

*A Ordem* se apresentou, segundo Nagle (1976), como difusora do ideário da corrente católica. Esta revista contava com o apoio de intelectuais católicos e tinha como objetivo mobilizar e combater ideias e ações que se manifestassem contrárias à doutrina católica. Assim, *A Ordem foi compreendida como o instrumento de divulgação da ação católica e dos seus ideais*. Ela se posicionou contra os movimentos reacionários e a favor da *preservação da autoridade e rejeição das manifestações subversivas* que desestabilizavam a ordem. Conforme o autor:

O processo de arregimentação dos católicos para luta foi marcadamente na década dos vinte. Mobilizando a camada intelectual, desenvolvendo a “virilidade cristã” nos fiéis, por meio de periódicos e de organizações, e de forma bastante agressiva, o grupo católico teve posição saliente no domínio das idéias (*sic*) e no plano de atuação política social (NAGLE, 1976, p.64).

Por fim, Nagle (1976) ainda aponta que, o grupo católico, fazendo uso da revista e de outros órgãos eclesiásticos, promoveu a propagação da *ideologia da ordem*. Em síntese, a Igreja Católica se mostrou como a *escola da ordem*. Na década de 1920, Carvalho (2001) informa que durante a *Campanha Cívica Pela Causa Educacional*, esta liderada pela *Associação Brasileira de Educação - ABE*<sup>18</sup>, o grupo *católico* entrou em choque com o grupo dos *pioneiros*<sup>19</sup> visando a uma disputa doutrinária no campo pedagógico pelo

<sup>18</sup> Segundo Nagle (1976, p.123-124), a ABE “foi fundada em 1924, por iniciativa de Heitor Lira. [...] representou a mais ampla forma de institucionalizar a discussão dos problemas da escolarização, em âmbito nacional; em torno dela se reuniram as figuras mais expressivas entre os educadores, políticos, intelectuais e jornalistas, e sua ação se desdobrou na programação de cursos, palestras, reuniões, inquéritos, semanas de educação e conferências, especialmente as conferências nacionais de educação. [...] o aparecimento da ABE coincidiu com o dos ‘técnicos da educação’ que por meio dela, receberam vigoroso estímulo”.

<sup>19</sup> De acordo com Carvalho (2001, p.70), *pioneiros* “designa alguns dos signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* que assumiram o controle da *Associação Brasileira de Educação* a partir de 1932 e que ocuparam postos governamentais, na qualidade de técnicos, tomando iniciativas de reforma escolar pautadas na pedagogia escolanovista”. Assim, segundo ela, a designação *Pioneiros* trouxe também a possibilidade de posicionar diferencialmente as estratégias editoriais que antepuseram às articuladas pelos católicos e “evidenciou adequada para situar as estratégias editoriais de Lourenço Filho, na situação de Diretor da Instrução Pública em São Paulo, em 1930 e 1931, e de Anísio Teixeira à frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal” (CARVALHO, 2001, p.70, grifos da autora).

controle do aparelho escolar<sup>20</sup>. Ambas correntes defendiam o uso dos impressos como instrumento potencial de transformação. Assim, a autora observou que:

Para os católicos, o impresso foi, sobretudo, dispositivo de constituição de um lugar de autoridade para censurar os princípios doutrinários e as práticas escolanovistas de seus adversários e para constituir e legitimar um discurso escolanovista católico que ganhasse a adesão do professorado (CARVALHO, 2001, p.71/72).

Contudo, acreditamos que o uso dos impressos pela Igreja Católica se fundamentou em *relações de poder*<sup>21</sup>. Na revista *A Ordem*, por exemplo, Nagle (1976) alerta que os conteúdos buscavam embasar a doutrina católica mostrando: sua posição perante atitudes reacionárias; sua postura diante das mudanças educacionais; sua associação entre sentimento de brasilidade e catolicismo; entre outros aspectos. Em suma, os impressos se tornariam instrumentos agregadores na *apropriação* da ideologia católica.

### 1.1.2. Os impressos e a educação feminina

No campo escolar, Bufrem, Schmidt e Garcia (2006, p. 120) demonstram que os impressos foram e ainda são consideráveis “fontes para investigar a presença de elementos que, em dados períodos históricos, demarcaram as formas de pensar e de desenvolver o ensino no país”. Desta forma, para essas três autoras, os impressos se apresentariam como meios pelos quais se valiam as instituições educacionais para atingir suas finalidades pedagógicas.

Fundamentando em Lustosa – *O nascimento da imprensa* – Jinzenji (2010) afirmou que “no início do desenvolvimento da imprensa no Brasil, o jornalista se confundia com o educador. Ele via como missão suprir a falta de escolas e de livros através dos seus escritos

---

<sup>20</sup> Carvalho (2001, p.69-70) informa que, “o consenso em torno da *causa educacional* trasmuda-se em disputa pela implementação de programas político-pedagógicos concorrentes. Nesta disputa, dois grupos se constituem, antagonizando-se a partir de propostas rivais de controle técnico e doutrinário das escolas: os católicos e os pioneiros”.

<sup>21</sup> Quando nos referimos a concepção *relações de poder* estamos nos referindo à concepção apresentada por Michel Foucault. Para Foucault (2003) as relações de poder se constituem e se produzem nos espaços fechados da sociedade e são produtos dos jogos de verdades, de saberes e dos poderes. Assim sendo, “o uso dos impressos pela igreja católica se fundamentou em relações de poder” porque essa instituição articulou, constituiu, produziu e instituiu nos seus espaços tais relações.



jornalísticos” (JINZENJI, 2010, p.22). Sobre este contexto Galvão *et al.* (2002, p.348) salientou que “até meados do século XIX, os livros de leitura praticamente não existiam nas escolas”.

No século XIX e início do século XX, modernistas e liberais, por meio dos impressos (jornais e revistas), passaram a defender melhorias no sistema educacional, sobretudo o direito das mulheres à educação. Foi quando emergiram no país discussões, por meio dos impressos, sobre a educação feminina. Jinzenji (2010) atribui aos liberais a iniciativa de defender a educação para as mulheres com base no discurso da *educação e do progresso*. Hanner (2003) informa que as defensoras dos direitos da mulher acreditavam que a *emancipação* para seu sexo seria conquistada através da *educação*.

Contudo, Almeida (2007) lembra que a educação feminina aconteceu dentro dos moldes conservadores, em que:

(...) um modelo normativo de mulher, criado desde meados do século 19, inspirado nos arquétipos do cristianismo, espelhava a cultura vigente instituindo formas de comportamento em que exaltam virtudes femininas, como castidade, e abnegação, forjando uma representação simbólica de mulher por meio de uma ideologia imposta pela religião e pela sociedade, na qual o perigo era principalmente representado pela sexualidade (ALMEIDA, 2007, p.69).

A autora ainda observa que as escolas de modo geral, inclusive os educandários religiosos para mulheres, faziam uso de impressos para transmitir metodologias de ensino, fomentar representações femininas e, sobretudo, divulgar suas ideologias. Louro (2008) reafirma a observação feita por Almeida (2007) quando discorre que, o espaço escolar foi e ainda é visto como produtor de *gestos, movimentos e sentidos que são incorporados por meninas e meninos* (ALMEIDA, 2007, LOURO, 2008).

Ao analisar a utilização dos impressos no processo de escolarização feminina, Durães (2009) informa que eles foram utilizados pelas escolas normais *como mecanismos de circulação de modelos concebidos por diferentes teorias pedagógicas*. Manuais, livros, jornais e revistas escolares se tornaram importantes veículos para a formação de mulheres-professoras. Neste sentido, compreendemos que a utilização do impresso na ação pedagógica do processo de educação feminina não se resumiu somente a uma disciplina

escolar ou a um ensino específico, os impressos adentraram nos espaços públicos e privados, assim como nas relações sociais e culturais nestes espaços produzidas.

Por fim, entendemos que a utilização do impresso no processo de educação e de *escolarização* feminina poderia ter diversos objetivos como: induzir um modelo de representação ideal do sexo feminino; conscientizar sobre os direitos e deveres da mulher; auxiliar no seu processo de escrita e leitura; sensibilizar opiniões e defender um modelo de educação feminina.

## **1.2. A cidade de Montes Claros/MG e a Imprensa: um breve contexto histórico e político**

A cidade de Montes Claros está situada na Região do Alto Médio São Francisco, ao Norte do Estado de Minas Gerais. A formação da cidade, assim como sua ocupação territorial, ocorreu por meio das fazendas de gado de Antônio Gonçalves Figueira e de Matias Cardoso. Assim, seu povoamento se processou a partir das atividades agrícolas e pastoris. A cidade foi chamada de *Arraial das Formigas*, *Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José das Formigas*, *Vila de Montes Claros* e, finalmente com a elevação a condição de cidade, ocorrida em 1857, *Montes Claros* (VIANA, 1916, BRITO, p.2006). Estudos de Pereira (2007) apontam que na transição do século XIX para o século XX “Montes Claros foi se firmando como principal centro político e econômico da região” (PEREIRA, 2007, p.34).

Ao discutir o tema *religião* no que diz respeito à população de Montes Claros, nos períodos entre fim do século XIX e início do século XX, Viana (1916) afirmou que, a prática do catolicismo romano era quase que exclusiva entre os moradores. Embora, segundo ele, fosse notado entre alguns cidadãos o alinhamento a nenhum dogmatismo, tendo a *religião como uma simples convenção social*<sup>22</sup>. O autor afirma que, a *família sertaneja* imitava as *modas da cidade*<sup>23</sup> se inspirando em Paris e incorporando características como: vaidade e

---

<sup>22</sup> Viana (1916) atribuiu a criação da Diocese de Montes Claros, 10 de dezembro de 1910, à tentativa de normatizar tais práticas. Porém, para esse autor “apesar da sua elevação a Bispo a modificação almejada não se operou como deveria, apesar dos esforços do Prelado, desejoso de modificar usos e costumes” (VIANA, 1916, p.255).

<sup>23</sup> Linguagem utilizada por Viana (1916, p.253).

superficialidade. Essas condutas, a seu ver, eram *prejudiciais ao desenvolvimento da fé católica romana que teria seu Templo frequentado por pessoas mal educadas*<sup>24</sup>. Contudo, o autor afirma que, era grande a presença das famílias nas missas (VIANA, 1916).

Com relação à *instrução dos montesclarenses*, Viana (1916) mostrou que, as primeiras cadeiras de instrução primárias do município foram criadas ainda em 1837. Mas, ressalta que a criação de uma Escola Normal Mista em 1879<sup>25</sup> foi o ponto chave para o desempenho intelectual dos *moços*.

Segundo o autor, em pauta:

Montes Claros, sem ser propriamente uma cidade de feição intelectual é, no entanto, um núcleo onde se move a inteligência com alguma largueza, garantida a liberdade de pensamento, senão em toda plenitude, o bastante para desenvolver e fazer evoluir o pensamento. (§) Foi na sede de uma Escola Normal que chegou a ser classificada como segunda do Estado, pela alta importância e consideração que os docentes davam ao ensino; viveiro de moços [...] tendo outros se elevado a posições salientes (VIANA, 1916, p.100).

O texto de Viana (1916) ainda sinaliza que, durante a transição do século XIX para o século XX, Montes Claros se mostrava como uma cidade envolvida com a formação intelectual dos jovens, sobretudo os jovens de famílias abastadas. Neste mesmo sentido, Brito (2006) inferiu que:

A elite montes-clarense: [...] inicia-se no curso primário na Escola Normal, em Montes Claros, em seguida dirigia-se ao secundário, no Caraça ou no Seminário da Igreja Mariana e, posteriormente, ingressa-se nos cursos de Direito de São Paulo e nos de Medicina do Rio de Janeiro [...]. O ideal de progresso, marca da elite brasileira, caminha rumo aos avanços técnicos-científicos. Essa elite também foi formada no bojo do ideário positivista (BRITO, 2006, p.150).

---

<sup>24</sup> *Idem*.

<sup>25</sup> Segundo Viana (1916) a Escola Normal Mista foi criada pelo Regulamento nº 84, de 21 de Março de 1879, “que se baseou na autorização contida no § 8º do Art.3 da Lei Provincial nº 2.476, de 9 de novembro de 1878 [...]” (VIANA, 1916, p.117).

O surgimento da imprensa em 1884 poderia ser atribuído ao papel desta elite<sup>26</sup> que, depois de concluir seus estudos, regressavam a Montes Claros e se destacavam como *formadores* de opinião pública, fundando jornais ou atuando como colaboradores, por exemplo. Viana (1916) identificou em Montes Claros, no período entre 1884 e 1914, 12 empreendimentos jornalísticos: *Correio do Norte, Montes Claros, O novo Montes Claros, O Estudante, O Operário, O Agricultor, A Luta, D. Joaquim, A Opinião do Norte, O Bohemio, A Veneta, A Verdade, A Palavra, O Petiz e A Thesoura e O Sol*. Paula (2007), no período entre 1916 e 1920, identificou 10 periódicos: *Boletim Paroquial, O Bisturi, Montes Claros, O Binóculo, O Civilista, A Escola, Gazeta do Norte, A Brasa e O Gelo* (ver QUADRO 1 - A Imprensa em Montes Claros [1984/1957] - ANEXO B).

Quanto ao período de 1920 a 1957, Paula (2007) identificou mais 28 empreendimentos jornalísticos: *Formigas, A Liga, A Ordem, O Jahu, A Crítica, O Trololó, O Cansação, Folha do Norte, A Cidade, O Brasil, Chuva de Rosas, O Operário<sup>27</sup>, Jornal do Sertão, 17 de Julho, Folha do Instituto, A Voz do Estudante, Yrumoara, Gangorra, Sampaio, O Dever, Flor do Lácio, A Tribuna do Norte, O Craque, O Fanal, O Atirador, O Esporte, O Seminário, Montes Claros em foco e o Encontro* (ver QUADRO 1 - A Imprensa em Montes Claros [1984/1957] - ANEXO B).

Para o historiador Viana (1916, p.93), o fechamento de alguns jornais como, por exemplo, o *Correio do Norte* foi por causa da criação da Imprensa Oficial em 1894, que determinou que “no interior só poderá existir a imprensa que apadrinhar com rendas edilidades, acostando-se aos orçamentos; do contrário nem mesmo para o papel chegarão para as assinaturas”. Daí o motivo de a maioria dos jornais ser de propriedade de membros provenientes de famílias pertencentes à elite montesclareense. Já autores como Paula (2007) e Veloso (2008) abordam que os empreendimentos jornalísticos fechavam devido à limitação de leitores neste período, aspecto que dificultava a venda dos jornais<sup>28</sup>, e devido

---

<sup>26</sup> O termo “elite montesclareense”, utilizado por Brito (2006); Pereira (2008) e Veloso (2008), ao que tudo indica, se refere a uma classe composta por: fazendeiros, médicos, engenheiros, farmacêuticos, advogados entre outras pessoas. Essa Classe comandava a política local, alguns membros também desenvolviam atividades jornalísticas.

<sup>27</sup> Em nossa pesquisa encontramos dois periódicos com o nome *O Operário*, no entanto não encontramos relação entre ambos. O primeiro circulou no período de 1894 a 1896, já o segundo circulou no período de 1931 a 1941.

<sup>28</sup> Segundo Paula (1957:2007), Montes Claros possuía em 1913 4.193 habitantes.

às *disputas políticas*<sup>29</sup>, que muitas vezes ocasionavam no *empastelamento* de alguns jornais de oposição.

Brito (2006) escreve que:

Esses jornais anunciavam-se como porta-vozes de determinadas classes. Na realidade, não havia tantos leitores para inúmeras páginas, cabendo esse ofício à elite, detentora dos respectivos jornais e representante das duas facções políticas da cidade: Estrepres e Pelados (Famílias Alves e Prates). [...] Tendo vínculos com uma das facções políticas da cidade os “Prates” o Jornal Gazeta não ficaria alheio a questões políticas sendo ele um fomentador da cultura cívica da cidade (BRITO, 2006: p.164-65).

Veloso (2008, p.45) acrescentou que a permanência do jornal Gazeta do Norte em Montes Claros por quatro décadas ocorreu porque teve “aceitação da elite local, potencial consumidora desse produto cultural”. Além disso, também pelo fato do seu fundador – o advogado Dr. José Tomaz de Oliveira – fazer uso do periódico para promover “projetos de desenvolvimento imaginados e sonhados pela cidade de Montes Claros, para os quais seus intelectuais trabalhavam” (VELOSO, 2008, p.46).

Estudos de Pereira (2007) indicam que no período que vai do século XIX até meados do século XX, Minas Gerais liderou um projeto progressista. Neste processo, Dulci (1999) lembra que o *projeto de desenvolvimento*<sup>30</sup> mineiro pautou-se, segundo ele, num “modelo de crescimento para dentro”, respeitando a diversificação econômica e gradual da elite mineira, que por sua vez portava “concepções, projetos e interesses específicos” (DULCI, 1999, p.37). Sendo assim, Pereira (2007, p.168) aponta que “na trajetória histórica das

---

<sup>29</sup> Em anotações de rodapé, Veloso (2008, *apud* PORTO, 2007) informou que Montes Claros se encontrava dividida entre dois grupos: Liberal e Conservador. O grupo Liberal era encabeçado pela família Prates e teria o apoio das famílias Chaves, Sá, Souto, Teixeira, Dias, Frões, Figueredo, Freitas, Abreu, Costa, Durães, Soares, Guimarães, do qual fazia parte o Intendente da República, deputado Camilo Prates. Já o grupo Conservador era liderado pela família Alves e contava com apoio das famílias Veloso, Versiani, Ribeiro, Miranda, Vale, Sarmiento, Salgado, Maurício, Anjos, Peres, Câmara, fazia parte deste grupo o médico Honorato Alves. PORTO, César Henrique de Queros. A emergência do poder privado na 1ª República. Minicurso ministrado pelo Departamento de História. Montes Claros: Unimontes, 28/04/2007 (Anotações de aula).

<sup>30</sup> Dulci (1999) utiliza o termo “desenvolvimento” para se referir ao processo de crescimento que se esboçou em Minas Gerais nas primeiras décadas do regime republicano e culminou no impulso desenvolvimentista que se manifestou em Minas Gerais 1940-1955. O termo progresso, segundo Sbert (2000), foi utilizado para designar ideologias que propagavam o crescimento econômico e as inovações científicas e tecnológicas surgidas no século XIX. Sua designação se estendeu até meados do século XX. Após a Segunda Guerra Mundial (1945), Rist (2002) informa que, com o lançamento dos quatro pontos do presidente Truman foi adotado o termo subdesenvolvido para se referir aos países que ainda não haviam alcançado o desenvolvimento conforme padrão norte-americano. *Deste modo o termo progresso foi substituído pelo termo desenvolvimento*. Assim, compreendemos que, ao utilizar o termo desenvolvimento para designar as primeiras décadas do regime republicano Dulci (1999) pode ter se referido ao *termo progresso*.

elites regionais entre 1830 e 1960, destacam a sua integração política com as elites e governo de Minas e a assimilação e reprodução da mineiridade”. Desta forma, compreendemos o papel atuante da elite montesclareense.

Não obstante, Brito (2006) comenta que em Minas Gerais, especificamente em Montes Claros, a valorização das *origens culturais* e *orgulho das famílias* eram determinantes das *práticas culturais e sociais*. No estudo da imprensa é fundamental compreender o entrelaçamento dela com o mundo social porque “como produto social, a imprensa é veiculadora de interesses, não podendo ser considerada como um veículo imparcial e neutro diante dos acontecimentos” (VELOSO, 2008, p.33).

Outro ponto observado no estudo sobre a imprensa montesclareense foi a promoção da instrução e da educação. Veloso (2008), ao relacionar matérias publicadas pelo *Gazeta do Norte* por *intelectuais montesclarenses*<sup>31</sup>, observou que tal periódico produziu “representações que colocaram a instrução e a educação como condições para que Montes Claros conquistasse o *status* de cidade evoluída e civilizada [...]” (VELOSO, 2008, p.58).

Neste sentido, a autora ainda infere que no período entre 1916 e 1937, a imprensa montesclareense publicou 19 matérias de natureza pedagógica: 02 no *Montes Claros* ; 03 no *A Ordem*; 12 no *Gazeta do Norte* e 02 no *O Operário*. Também comprovou que no período entre 1920 e 1938 essa mesma imprensa publicou 181 matérias relacionadas ao tema instrução e educação de *natureza informativa ou formadora de opinião*, sendo identificadas as seguintes publicações: 127 no *Gazeta do Norte*; 35 no *Montes Claros*; 02 no *Liga*; 02 no *A Ordem*; 01 no *Folha do Norte* e 14 no *O Operário*<sup>32</sup>. Contudo, Veloso acredita que os jornais montesclarenses assumiram a função de informar e formar opinião apresentando, sobretudo sua *faceta educativa e formadora* (VELOSO, 2008, p.60-1).

Retomando ao estudo de Viana (1916) e Paula (2007), observa-se que 8 dos 50 empreendimentos jornalísticos que citamos, anteriormente, estavam ligados ao campo da

---

<sup>31</sup> A Autora identificou 19 *intelectuais montesclarenses* com vínculos diretos com a Escola Normal de Montes Claros. Sendo 14 pessoas classificadas na seção “ Professores e alunas da Escola Normal com publicação na *Gazeta do Norte*” e 5 pessoas inseridas na seção “Professores da Escola Normal com cargos no *Gazeta do Norte*”. (VELOSO, 2008, p.56)

<sup>32</sup> Para maiores informações ver Veloso (2008, Quadro V e VI/Anexo IV, p. 03-13).

educação: *O Estudante* – circulou entre 1893-1894, pertencia ao Clube Progressivo<sup>33</sup>; *O Civilista* – dirigido por Ciro dos Anjos, aluno do quarto ano do Grupo Escolar, e circulou em 1916<sup>34</sup>; *A Escola* – dirigido por Antônio Augusto Durães e José dos Santos Câmara, alunos da Escola Normal<sup>35</sup>; *O Cansaço* – *jornalzinho* humorístico produzido por dois estudantes da Escola Normal<sup>36</sup>; *Folha do Instituto* – órgão do Instituto Mineiro de Educação, tratou de assuntos dos alunos, do educandário e de interesse geral<sup>37</sup>; *A Voz do Estudante* – órgão do corpo discente do Ginásio Montes Claros<sup>38</sup>. *O Dever* – órgão do Colégio Imaculada Conceição, impresso dirigido por professoras com a colaboração das alunas<sup>39</sup> e, finalmente, *Flor do Lácio* – Órgão do Colégio Imaculada Conceição e da Escola Técnica de Comércio Abgar Renault, circulou entre 1943/45 e 1956/57<sup>40</sup> (ver QUADRO 1 - A Imprensa em Montes Claros [1984/1957] - ANEXO B).

Por compartilhar das concepções dos autores trabalhados nesta seção, constatamos que a imprensa em Montes Claros, nos períodos entre 1884 e 1960, atuou de forma dinâmica, sobretudo em assuntos relacionados às áreas de economia, progresso, instrução, educação e socialização. Também observamos que os impressos poderiam atuar como apoio informativo ou pedagógico para algumas instituições escolares como, por exemplo, *Flor do Lácio* impresso produzido pelo Colégio Imaculada Conceição que delimitamos como nosso objeto de estudo.

### **1.3. *Flor do Lácio*: um impresso produzido pelo Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG**

#### **1.3.1. O Colégio Imaculada Conceição**

---

<sup>33</sup> Segundo Viana (1916, p.94), tratava-se de uma associação composta de rapazes que cursavam a Escola Normal.

<sup>34</sup> Paula (2007, p.204)

<sup>35</sup> *Idem*

<sup>36</sup> Conforme Paula (2007, p.205) esses dois alunos chamavam Quasimodo e Gwinplaine.

<sup>37</sup> A denominação órgão foi utilizada por Paula (2007, p.205) e tem sentido de instrumento.

<sup>38</sup> Paula (2007, p. 206).

<sup>39</sup> Segundo Paula (2007, p.206) esse impresso publicou “uns cinquenta números, sendo substituído em 1943 por uma revista de publicação periódica”.

<sup>40</sup> Nossos estudos nos conduzem a acreditar que o termo órgão, que aparece expresso no cabeçalho da revista *Flor do Lácio*, tem o sentido de instrumento pertencente ao Colégio Imaculada Conceição.

No ano de 1907 a Igreja Católica estava em pleno processo de *romanização do catolicismo*, incentivando a criação de dioceses, seminários, ordens religiosas e a criação de escolas confessionais. Neste período, a *Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar (Bélgica)*, reconhecida em 1868, se encontrava preparada para sua expansão missionária. O convite para vir ao Brasil partiu dos *padres premonstratenses* que já viviam no país desde o século XIX, em especial do *Cônego Francisco Moreau (o Padre Chico)*, que residia na cidade de Montes Claros/MG. Assim, firmados os devidos acordos entre as autoridades eclesiásticas, foram enviadas ao Brasil quatro Irmãs (Irmã Maria Odília, Irmã Maria Otávia, Irmã Maria Remígia e Irmã Maria Blandina) com a função de ajudar nos trabalhos da Santa Casa de Montes Claros e fundar um colégio<sup>41</sup> (PEREIRA, 1999).

Segundo Irmã Maria Dulce, os moradores de Montes Claros promoveram uma grande cerimônia festiva com a chegada das Irmãs *Berlaar*. Elas receberam apoio de autoridades locais e de famílias importantes<sup>42</sup> (PEREIRA, 1999). Assim as Irmãs *Berlaar* se instalaram em um casarão localizado na Rua Dona Eva (fundo da Igreja Matriz) e ali mesmo fundaram o Colégio Imaculada Conceição no dia 05 de setembro de 1907. Este oferecia aulas de:

Português, Francês, Aritmética, Geografia, desenho e diversos trabalhos como flores (de pano, lata, parafina, conchas, penas e palha), bordados, tapeçaria, feitiço de vestidos de várias modas, pinturas, aquarela, cestos de arame, quadros para retrato (...), música, etc. (PAULA, 2007).

---

<sup>41</sup> Conforme Pereira (1999), Montes Claros foi a primeira sede da Congregação das Irmãs *Belaar* no Brasil. Com o fechamento do Colégio Imaculada em 1917 uma nova sede foi oficializada no ano de 1919 na cidade de Araguari, no Triângulo Mineiro, com a fundação do Colégio Sagrado Coração de Jesus que serviu também de apoio na formação do noviciado.

<sup>42</sup> Carneiro (2003, p.87) acrescenta que Igreja Católica e “Oligarquia dominante” tiveram papéis determinantes na implantação deste colégio. Com Veloso (2008), nos seus estudos sobre: “*A Missão desanalfabetizadora*” do *Jornal Gazeta do Norte*, em Montes Claros (1918-1938), entendemos que a instrução e a educação para a elite letrada local foi colocada no início do século XX como meio para Montes Claros conquistar o progresso. Já a educação feminina apontava-se para a produção “da mulher moderna, educando-a conforme os conhecimentos científicos, preparando a base da educação das crianças” (VELOSO, p.198).



Conforme Paula (2007), o educandário também aceitava meninos menores de sete anos para o *Curso Froebel*<sup>43</sup>. No entanto, o funcionamento deste estabelecimento educativo em Montes Claros durou apenas dez anos, encerrando suas atividades no ano de 1917. Para alguns memorialistas e historiadores, os motivos que colaboraram para o fechamento do Colégio Imaculada em Montes Claros/MG somam-se a três. O Primeiro foi devido aos problemas internos da Irmã Superiora *Berchmans* com a autoridade religiosa local<sup>44</sup>. O segundo está ligado ao início da Primeira Guerra Mundial, que inviabilizou o contado das Irmãs com a *Casa Mãe*<sup>45</sup>. E, o terceiro foi a crise provocada pela epidemia de Gripe Espanhola<sup>46</sup> (PEREIRA, 1999; CARNEIRO, 2003; PAULA, 1957:2007).

Em 1927, mediante o empenho do vigário de Montes Claros, o *Cônego Marcos Van In*<sup>47</sup>, regressaram à cidade Irmã Canuta e Irmã Maria Inês (ex-aluna do colégio). Ambas com Irmã Maria Beatriz, Irmã Maria Macária e Irmã Maria Hippolyta refundaram o Colégio Imaculada Conceição. Dona Maria Luíza de Magalhães Ribeiro (viúva do Coronel Francisco Ribeiro) cedeu, por dois anos, o *Palacete Ribeiro*, de sua propriedade, localizado na Rua Coronel Prates<sup>48</sup>, para o funcionamento do educandário. Após este prazo, *as Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria de Berlaar* conseguiram adquirir o imóvel, consolidando assim o estabelecimento do colégio na cidade (PEREIRA, 1999).

---

<sup>43</sup> Curso Froebel corresponde as séries de Jardim e Pré-primário. Conforme Durães (2011, p.6), Froebel foi um pedagogo do século XIX considerado “precursor do jardim de infância”, defendeu que os diretores e/ou educadores que atuassem nestas escolas deveriam possuir uma formação específica”. Suas teorias foram incorporadas por governos de diferentes países, inclusive o Brasil, tanto no exercício da prática educativa quanto nos manuais (oficiais ou não) e serviram de apoio para a formação do professor primário, fundamentando com as teorias de Herbart e Pestalozzi o que conhecemos hoje como *escola moderna*.

<sup>44</sup> Carneiro (2003) informa que um fato ocorrido entre Irmã *Berchmans* e uma aluna pagante poderia ter sido o desencadeador dos conflitos, porém o texto desta autora não deixa nítido que fato havia sido esse, apenas resalta que “muitas famílias da sociedade local, solidárias à aluna envolvida no fato retiraram suas filhas do colégio”. A autora segue afirmando que este conflito perturbou o relacionamento da Irmã Superiora *Berchmans* com o “bispo e com os nobertinos de *Park Louvan*, que ao que tudo indica, não deram apoio suficiente às religiosas” (CARNEIRO, 2003, p.92).

<sup>45</sup> Matriz da Congregação na Bélgica.

<sup>46</sup> A *epidemia de gripe espanhola* atingiu outras instituições de ensino em Montes Claros. Conforme Veloso (2008, p.62), “o Decreto 5133, de 17 de dezembro/1918” adiou a época dos exames e matrículas na Escola Normal em detrimento da epidemia de gripe espanhola, gerando o encerramento temporário dos trabalhos escolares.

<sup>47</sup> Conforme Pereira (1999) e Paula (2007), *Cônego Marcos Van In* pertencia à ordem dos Premonstratenses, era vigário de Montes Claros.

<sup>48</sup> Até o ano de 2011 o colégio permanece instalado neste mesmo endereço, reformas foram realizadas e o prédio tem uma caracterização diferenciada da época da sua (re)fundação.

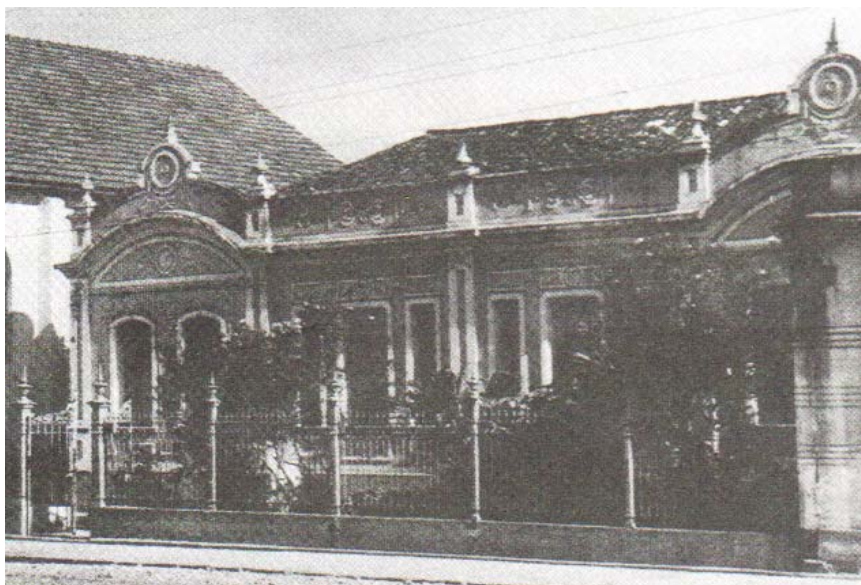


FIGURA 1- Foto da fachada do Colégio Imaculada Conceição no ano 1927.

Fonte: Livro: Memórias de Montes Claros 1989.

De acordo com a documentação que tivemos acesso, no período de 1927 a 1937, o colégio atendeu aos níveis Infantil e Primário 2.633 alunos/as (Ver TABELA 1). A tabela 1 mostra que no ano de 1927, quando o colégio reiniciou suas atividades na cidade, 30 alunos/as foram matriculados/as no ensino maternal e pré-primário e 20 alunos/as matriculados/as no ensino de 1ª a 4ª série, totalizando 50 alunos. Todavia, o número de matrículas nestas séries aumentou de forma progressiva ao longo de dez anos e no ano de 1937 o colégio contou com um total de 292 alunos matriculados do maternal à 4ª série. Este fato, segundo Irmã Maria Dulce<sup>49</sup>, demonstra também a credibilidade dos pais destes alunos na proposta de *educação moral cristã-católica* do educandário (PEREIRA, 1999).

TABELA 1

Estatística demográfica do Colégio Imaculada Conceição de 1927 a 1937

Anos \ Níveis	Anos											TOTAL
	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	
Maternal e Pré-primário	30	51	90	114	145	180	179	130	152	140	160	1371
1ª a 4ª Série	20	30	50	70	110	120	180	200	150	200	132	1262
Total	50	81	140	184	255	300	359	330	302	340	292	<b>2633</b>

Fonte: Resumo histórico escrito por Irmã Maria Dulce

<sup>49</sup> O nome de batismo de Irmã Dulce é Aramita Martins Pereira. Tivemos acesso a dois documentos escrito por ela: **Resumo histórico do Colégio Imaculada Conceição** e o **Jubileu do Ano 2000: Vida Consagrada** Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Maiores informações ver Fontes e Referências.

Em 1928, o Decreto 8.895 transferiu “as regalias do reconhecimento da Escola Normal Doutor Mello Vianna de Montes Claros, para o Colégio Imaculada Conceição<sup>50</sup>”. Assim, a instituição passou a ser denominada “Escola Normal Imaculada Conceição”. E no período de 1929 a 1939 foram feitas 626 matrículas de alunas para o Curso Normal (ver TABELA 2). O Colégio Imaculada iniciou suas atividades no ensino normal contando com 9 alunas matriculadas no 1º Ano Normal, este número aumentou de forma gradativa até 1938, quanto observamos uma somatória, entre as 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino normal, de 120 alunas matriculadas. Em 1939 esta somatória caiu para 91 alunas matriculadas, mas mesmo assim manteve o índice superior em relação aos períodos de 1929-1937 (ver TABELA 2).

TABELA 2

Distribuição por série das alunas matriculadas no Colégio Imaculada Conceição, no período de 1929 a 1939

Anos Séries	Anos											TOTAL
	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	
1º Normal	9	12	25	14	28	23	16	19	17	40	27	230
2º Normal	0	9	14	21	14	25	24	14	19	33	39	212
3º Normal	0	0	7	12	20	14	22	23	14	47	25	184
Total	9	21	46	47	62	62	62	56	50	120	91	<b>626</b>

Fonte: Livro de Matrícula do Ensino Normal (1929 a 1939)

As tabelas 1 e 2 demonstram que os primeiros dez anos de atividades do Colégio Imaculada Conceição foram decisivos para seu desenvolvimento na segunda fase. Fatores como o encampamento da Escola Normal Mello Vianna e o seu fechamento em 1938 transformaram o Colégio Imaculada Conceição no único estabelecimento de escolarização feminina da cidade até o ano de 1953<sup>51</sup>. Este fator também pode justificar o aumento

<sup>50</sup> Informação extraída do Diário da União, 03 de dezembro de 1928. Disponível nos Arquivos do Colégio Imaculada Conceição.

<sup>51</sup> A primeira instituição responsável pela escolarização feminina situada na cidade de Montes Claros foi a Escola Normal. Segundo Veloso (2008, p.87), com o fechamento da Escola Normal Oficial de Montes em 1905 “Montes Claros permaneceu sem escola de formação de professores até 1915, período em que foi fundada uma escola livre, a Escola Normal Norte - Mineira. Posteriormente equiparada e em 1925, assumiu a

considerável de matrículas para o ensino normal do Colégio Imaculada Conceição. O colégio oferecia o ensino no modelo de externato e internato<sup>52</sup>. Contudo foi a partir da segunda década de funcionamento que o colégio consolidou-se.

No Curso Normal, por exemplo, no período de 1940 a 1957 (universo deste estudo) identificamos aproximadamente 1.448 alunas matriculadas (ver TABELA 3). A deteriorização de parte das fontes nos impediu de identificar com exatidão o total de alunas matriculadas nas três séries do ensino normal nos anos de 1947 e 1948. Contudo é possível notar que o crescimento de matrículas entre os períodos de 1940 a 1957 também aconteceu de forma progressiva.

TABELA 3

Distribuição por série das alunas matriculadas no Colégio Imaculada Conceição, no período de 1940 a 1957

Anos	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	Total Geral
	Séries																		
1º																			
Normal	32	38	22	30	33	29	41	28	28	28	14	31	31	26	36	64	25	61	597
2º																			
Normal	21	26	37	25	28	25	29	-	23	26	27	13	26	25	24	31	22	25	433
3º																			
Normal	36	24	24	33	21	37	31	-	-	20	25	29	11	26	23	19	37	22	418
Total																			
Parcial	89	88	83	88	82	91	101	28	51	74	66	73	68	77	83	114	84	108	1448

Fonte: Livro de Matrícula do Ensino Normal (1940-1957) e Resumo histórico escrito por Irmã Maria Dulce

---

denominação de Escola Normal Mello Vianna, sendo encampada pelo governo mineiro em 1928, com a antiga denominação, Escola Normal Oficial de Montes Claros. A sua segunda extinção ocorreu pelo Decreto - Lei nº 63, de 15 de janeiro de 1938". A Escola Normal só veio a ser reaberta no ano de 1953 com a denominação "Escola Normal Professor Plínio Ribeiro". Neste período, Paula (2007) informa que o Colégio Imaculada foi a única instituição que oferecia o ensino normal em Montes Claros.

<sup>52</sup> Segundo Carneiro (2003, p.47) "o regime de internato funcionou até o ano de 1971".

No ano de 1941, ao se anexar à Escola Técnica de Comércio Abgar Renault<sup>53</sup>, o colégio recebeu para o Curso de Contabilidade, entre os anos de 1942 a 1957, cerca de 1.074 (hum mil e setenta e quatro) matrículas (ver TABELA 4).

TABELA 4  
Estatística demográfica do Colégio Imaculada Conceição de 1942 a 1957

Curso \ Ano	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	Total
Técnico Contábil	35	49	87	95	51	89	45	33	38	50	63	65	92	90	84	108	1074

Fonte: Resumo histórico escrito por Irmã Maria Dulce

Para a ex-aluna Clarice Sarmiento, “algumas colegas dobravam o turno de ensino para cursar ao mesmo tempo o ensino normal e técnico” (CLARICE SARMENTO, 25/08/2010). Deste modo, uma mesma aluna era matriculada duas vezes no Colégio Imaculada Conceição. Este fato colaborou também para o desenvolvimento do curso técnico. Contudo, as alunas matriculadas no ensino normal não provinham apenas da cidade de Montes Claros. Tomando como amostra as alunas matriculadas nos primeiros anos do ensino normal entre os períodos de 1943 a 1955<sup>54</sup>, identificamos 65 (sessenta e cinco) cidades de naturalidade destas alunas (ver TABELA 5).

<sup>53</sup> De acordo com Irmã Maria Dulce (1999, p.16), foi “reconhecida pela Portaria 00450 de 25 de agosto de 1947”.

<sup>54</sup> Escolhemos este período como amostra porque o nosso universo de pesquisa está centrado no estudo da escolarização feminina no ensino normal do Colégio Imaculada nas décadas de 1940/50. Para analisar as cidades de origem das alunas, tomamos como referência apenas as alunas matriculadas no 1º Ano Normal, por compreender que nos 2º e 3º Anos as cidades se repetiriam, já que estas séries são segmentos do 1º. Também encontramos dificuldades para realizar leituras e análises de algumas fontes devido à escassez de parte delas e seu estado de conservação.

TABELA 5

Distribuição das alunas matriculadas no 1º Ano do Ensino Normal do Colégio Imaculada Conceição, no período de 1943 a 1955 e respectivas cidades natais

Nº	Cidade de naturalidade das alunas do Colégio Imaculada Conceição (1943/55)	Quantidade de alunas por cidade
01	Álvares Machado/SP	02
02	Barra do R Grande/SP	10
03	Belo Horizonte/MG	05
04	Belo Vale/MG	02
05	Bocaiúva/MG	23
06	Botumirim/MG	01
07	Brasília/MG	21
08	Buenópolis/MG	03
09	Buritizeiros/MG	01
10	Capelinha/MG	06
11	Cônego Marinho/MG	02
12	Coração de Jesus/MG	21
13	Corinto/MG	04
14	Curvelo/MG	02
15	Diamantina/ MG	01
16	Espinosa/MG	04
17	Estrela do Sul/MG	01
18	Fernão Dias/MG	04
19	Francisco Sá/MG (Brejo das Almas)	19
20	Guaraciama/MG	02
21	Grão Mogol/MG	15
22	Hidrolândia/GO	01
23	Itabuna/BA	01
24	Itacambira/MG	02
25	Itajubá/BA	01
26	Itamarandiba/MG	01
27	Ituverava/SP	01
28	Janúaria/MG	05
29	Jequitaiá/MG	03
30	Joaquim Felício/MG	02
31	Juiz de Fora/MG	02
32	Juramento/MG	07
34	Lagoa Santa/MG	01
35	Manga/MG	02
36	Manhumirim/MG	01
37	Mariana/MG	01
38	Mato Verde/MG	11
39	Mesquita/SP	01
40	Monte Azul/MG	05
41	Monte Carmelo/MG	01
42	Montes Claros/MG	130
43	Nova Lapa/PI	01
44	Paracatú/MG	05
45	Passe/GO	03
46	Pilão Arcado/BA	02
47	Porterinha/MG	04
48	Pouso Alegre/MG	03
49	Remanso/BA	01
50	Riacho dos Machados/MG	03
51	Rio de Janeiro/RJ	01
52	Rio Pardo/MG	07
53	Salinas/MG	06
54	São Domingos/BA	04

TABELA 5

Distribuição das alunas matriculadas no 1º Ano do Ensino Normal do Colégio Imaculada Conceição, no período de 1943 a 1955 e respectivas cidades natais (continuação)

Nº	Cidade de naturalidade das alunas do Colégio Imaculada Conceição (1943/55)	Quantidade de alunas por cidade
55	São Francisco/MG	20
56	São João da Ponte/MG	05
57	São Raimundo Nonato/PI	01
58	São Romão/MG	11
59	Sete Lagoas/MG	01
60	Taiobeiras/MG	01
61	Teófilo Otoni/MG	02
62	Terra Branca/MG	01
63	Tremedal/BA	01
64	Vila Bela das Palmeiras/BA	01
65	Urandi /BA	01
<b>TOTAL DE ALUNAS</b>		<b>405</b>

Fonte: Livro de Matrícula do Ensino Normal - 1943 a 1955, p.01-50.

Com base na tabela 5, observamos a origem de 405 alunas matriculadas no Colégio Imaculada Conceição. Para melhor visualização, dividimos as cidades entre cinco grandes áreas de abrangência, veja no Gráfico 1 a seguir:

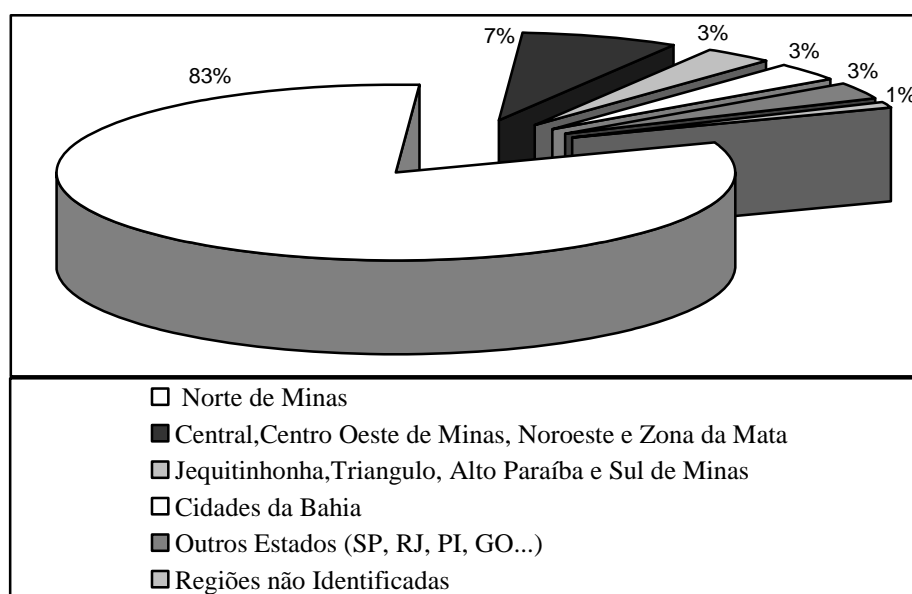


GRÁFICO 1 - Divisão das regiões de naturalidade das alunas matriculadas no 1º Ano do Ensino Normal do Colégio Imaculada Conceição, no período de 1943 a 1955.

Fonte: Livro de Matrícula do Ensino Normal - 1943 a 1955.

Desta forma, constatamos que o percentual de alunas matriculadas nos primeiros anos do ensino normal, no período de 1943 a 1955, 83% eram provenientes da região do Norte de Minas; 07% das regiões Central, Centro Oeste de Minas, Noroeste e Zona da Mata; 03% das regiões Jequitinhonha, Triângulo Mineiro, Alto Paraíba e Sul de Minas; 03% de cidades da Bahia; 03% de outros Estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Piauí, Goiás [...]) e 1% não conseguimos identificar as regiões procedentes. Detectou-se, a partir dos dados apresentados, a importância do Colégio Imaculada Conceição para a escolarização feminina norte-mineira. Assim, os dados da Tabela 5 e do Gráfico 1 servem de base para compreendermos a abrangência do atendimento do Colégio Imaculada Conceição.

Segundo Irmã Maria Dulce, a formação religiosa católica romana também foi um dos fatores que contribuiu para o crescimento do educandário. Assim, ela escreve:

O Colégio estava apto a formar a jovem do maternal ao magistério, num ambiente sadio, de paz e harmonia, educação e formação religiosa. Era isso que a família montesclarenses desejava e que, com a graça de Deus e as bênçãos de Maria, fora concretizado (PEREIRA, 1999).

Neste contexto de *crescimento, abrangência e expansão*<sup>55</sup>, a professora de Português Irmã Maria de Lourdes fundou no ano de 1942<sup>56</sup> a revista *Flor do Lácio* descrita por Paula (2007, p.206) como “bem feita e com forte colaboração de poesias, crônicas, fotografias e noticiário ‘Flor do Lácio’ é uma excelente publicação”.

### 1.3.2. Apresentando a revista *Flor do Lácio*

*Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura.  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela,  
E o arrollo da saudade e da ternura!*

<sup>55</sup> Ver Tabelas 1, 2, 3, 4, e 5.

<sup>56</sup> De acordo com a edição única da revista *Flor do Lácio* (1997, p.03), a data de fundação de *Flor do Lácio* foi no ano de 1942, no entanto Paula (2007) data a fundação de *Flor do Lácio* em agosto de 1943.



*Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*em que da voz materna ouvi: "meu filho!",  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho*

(Olavo Bilac)

O soneto do escritor Olavo Bilac, que abre esta seção, refere-se à língua portuguesa – *nossa língua pátria*. A palavra *Lácio* vem do latim: *Latium* e atualmente também é usada para se referir à região do *Lazio* na Itália central<sup>57</sup>. Olavo Bilac foi um dos precursores da organização nacionalista brasileira no início do século XX. Criticou ações de alguns políticos profissionais que agiam de forma inerte perante a ignorância das classes populares. Condenou a introdução de costumes provenientes dos imigrantes europeus considerando-os uma ameaça à língua pátria. E visando promover o “espírito cívico patriótico”, Bilac encabeçou com Pedro Lessa e Miguel Calmon a formação de uma “Liga de Defesa Nacional” cujo um dos objetivos consistia em “promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras” (NAGLE, 1976, 45).

Irmã Maria de Lourdes, professora de Português do Colégio Imaculada Conceição, fundou em 1942 a revista *Flor do Lácio*. As evidências nos conduzem a acreditar que o nome da revista foi inspirado na poesia de Olavo Bilac<sup>58</sup>. *A priori*, os fascículos da revista circularam semestralmente contendo em torno de 18 a 20 páginas. Depois, passaram a ser produzidos anualmente com 22 a 35 páginas. *Flor do Lácio* era composta por capa ilustrada; fotos; homenagens; textos de conhecimentos gerais, de reflexões e de poesias;

---

<sup>57</sup> O Lácio (em latim, *Latium*; em italiano, *Lazio*) é uma região da Itália central que possui uma área de 17.203 km<sup>2</sup>, cuja capital é Roma. Tem limites ao norte com a Toscana e Úmbria, ao leste com Marche, Abruzzo e Molise, ao sul com a Campânia e ao oeste com o Mar Tirreno. Maiores Informações no endereço eletrônico: <http://www.novomilenio.inf.br/porto/mapas/itlatmap.htm>.

<sup>58</sup> Na coleta dos dados encontramos em vários momentos referências a Olavo Bilac, das quais destacamos três. Primeiro na edição do ano de 1956 quando a aluna Cleonice Sarmento declarou: “Possas ‘Flor do Lácio’, nome dado a nossa Língua, tão bem cantada por um de seus maiores cultores – Olavo Bilac – contribuir para que, no ‘Imaculada’ ela se coloque em seu verdadeiro lugar”. Edição única da revista *Flor do Lácio* (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.1). Segundo, na edição única em comemoração aos 70 anos do Colégio, o editorial parabeniza *Flor do Lácio* plagiando o que Olavo Bilac disse sobre a língua portuguesa (FLOR DO LÁCIO 1997, p.03). Terceiro no texto *Lembranças Do Tempo De Colégio*, da ex-aluna Clarice Sarmento, nele ela menciona sobre o amor da professora Irmã Maria de Lourdes pela obra de Olavo Bilac (SARMENTO, 2010).

correspondências; colunas de entretenimento e noticiário. Identificamos nos fascículos<sup>59</sup> produzidos entre 1943-1945 a descrição de uma taxa anual de assinatura no valor de CR\$ 6,00, indicando desta forma a comercialização do produto (Ver FIGURA 2 a seguir).



FIGURA 2 - Cabeçalho de *Flor do Lácio*.

Fonte: *Flor do Lácio*/Fascículo 2 (1943, p.1).

*Flor do Lácio* foi impressa com este cabeçalho até a edição nº 5 de 1945. Depois deste período a produção da revista foi interrompida, sendo reativada novamente no período de 1956/1957. Todavia, observamos que o periódico contava com a presença de um tesoureiro, o que nos leva a acreditar que a revista continuou a ser comercializada (ver QUADRO 5, a frente). Não sabemos ao certo as circunstâncias que motivaram a interrupção da produção de *Flor do Lácio*, contudo identificamos quatro períodos reedição e circulação deste periódico (ver QUADRO 2 a seguir).

## QUADRO 2

### Períodos de circulação da revista *Flor do Lácio*

Edição	Período de Circulação	Nome de Apresentação/Órgão
1ª	1943-1945	<i>Flor do Lácio</i> - Órgão da Escola Normal Imaculada Conceição e da Academia de Comércio Abgar Renault.
2ª	1956-1957	<i>Flor do Lácio</i> - Órgão do Colégio e Escola Normal Imaculada Conceição e Escola de Comércio Abgar Renault.
3ª	1981-1982	<i>Flor do Lácio</i> - Órgão Oficial do Centro Cívico Dr. João do Vale Maurício do Colégio e Escola Normal Imaculada Conceição de Montes Claros/ MG.
4ª	1997 (edição única)	<i>Flor do Lácio</i> - Colégio e Escola Normal Imaculada Conceição.

Fonte: FLOR DO LÁCIO

<sup>59</sup> Na coleta dos dados realizada no Colégio Imaculada Conceição, no dia 11 de março de 2010, tivemos acesso a seis fascículos: nº 2 (1943), nº 3 e 4 (1944), nº 5 (1945) e dois um do ano de 1956 e outro do ano de 1957, sem a possibilidade de identificar os números.

Observamos a manutenção do nome *Flor do Lácio*, porém houve a alteração apenas da denominação que seguia a palavra *Órgão*<sup>60</sup>. Em nossa análise, elegemos os períodos de 1943/45 e 1956/57 porque constatamos nos fascículos 02, 03, 04 e 05 de 1956 e 1957 pontos comuns como: contexto histórico; política educacional; o fato de a produção partir de um educandário, que no período em questão, possuía como foco principal a educação feminina e os leitores e as leitoras serem, segundo a ex-aluna Regina Barroca Peres, “alunas do Colégio Imaculada e autoridades da cidade”<sup>61</sup>. Percebemos também que *Flor do Lácio* assumiu o formato definido por Jinzenji (2010, p.25), em que os impressos veiculavam “valores e ideias visando a educar o público leitor”.

Desta forma, não temos a intenção de colocar em questão os fatores que motivaram a interrupção da produção de *Flor do Lácio*, mas demonstrar que sua reedição (Ver QUADRO 2) caracteriza a retomada de um instrumento pedagógico estratégico. Com Chartier (1991, p.182) compreendemos que textos, livros e leituras “podem formular várias proposições que articulam de maneira nova os recortes sociais e as práticas culturais”. Neste sentido, acreditamos que a presença de *Flor do Lácio* foi importante para a educação porque produziu representações e articulou recortes e práticas sociais associados à educação.

*Flor do Lácio* foi produzida por alunas e professoras do Colégio Imaculada Conceição e Escola Técnica de Comércio Abgar Renault. Assim como ocorria em qualquer outro jornal existente em Montes Claros naquele período como, por exemplo, o *Gazeta do Norte*, *Flor do Lácio* possuía uma redação contendo cargos de diretoras e redatoras. Geralmente estes cargos eram ocupados por alunas do ensino normal e técnico e suas permanências neles ocorriam na forma rotativa (ver QUADRO 3 a seguir).

---

<sup>60</sup> Segundo a documentação que tivemos acesso, o Colégio Imaculada Conceição teve denominações. Quando adquirido o direito de ministrar o ensino normal passou a chamar *Escola Normal Colégio Imaculada Conceição*. Com a incorporação da Escola Técnica de Comércio Abgar Renault em 1941 – denominou-se *Escola Normal Imaculada Conceição e da Academia de Comércio Abgar Renault*. Mais tarde, na década de 1950, denominou-se *Escola Normal Imaculada Conceição e Escola de Comércio Abgar Renault*. Já na década de 1980 o nome adotado pelo educandário foi *Colégio e Escola Normal Imaculada Conceição*. Desde a década de 1990 até a presente data (2011) usa como denominação *Colégio Berlaar Imaculada Conceição*.

<sup>61</sup> Segundo a ex-aluna Regina Maria Barroca Peres, “os pais adquiriam a revista que era uma leitura muito agradável e as irmãs utilizavam alguns fascículos para presentear as autoridades da cidade para que tomassem conhecimento do trabalho que se realizava no colégio” (REGINA BARROCA PERES, 26 /06/ 2010).

## QUADRO 3

Diretoras e redatoras de *Flor do Lácio* 1943/45

Ano	Nº do Fascículo	Nome da Diretora	Série/Curso	Nome da Redatora	Série/Curso
1943	02	Genoveva da C. Mota	3º Normal	Terezinha Machado	2º Normal
		Hilda do Vale	3º Normal	Maria Júlia Sepúlveda	3º Normal
1944	03	Jeni Canela Barbosa	1º Técnico e Professora	Berenice Melo	1º Técnico e Professora
		Aleluia Fernandes Murta	3º Normal	Terezinha Nonato	3º Normal
1944	04	Jeni Canela Barbosa	1º Técnico e Professora	Terezinha Nonato	3º Normal
		Aleluia Fernandes Murta	3º Normal		
1945	05	Jeni Canela Barbosa	2º Técnico e Professora	Neuza Maria de Oliveira	3º Normal
		Aleluia Fernandes Murta	1º Técnico	Maria Rodrigues Avelar	2º Normal

Fonte: Flor do Lácio, fascículo nº 2 (1943), nº 3 e 4 (1944), nº 5 (1945).

Ao analisarmos os conteúdos dos fascículos de *Flor do Lácio* 1943/45, identificamos no ano de 1943 homenagens às alunas Genoveva da C. Mota, Hilda do Vale, Terezinha Machado e Maria Júlia Sepúlveda apresentando-as como alunas exemplares (Ver FIGURAS 3 e 4 - ANEXO A). Já Jeni Canela Barbosa, Aleluia Fernandes Murta e Terezinha Nonato foram alunas que permaneceram um tempo considerável à frente de *Flor do Lácio*<sup>62</sup> (ver FIGURA 5 e 6- ANEXO A). Encontramos no fascículo nº 4 a informação de que Berenice Melo, além de aluna do ensino técnico foi também professora (ver FIGURA 6 - ANEXO A). Maria Rodrigues Avelar e Neuza Maria de Oliveira, alunas do ensino normal, foram responsáveis pela redação do fascículo nº 5 e também tiveram seus artigos publicados em *Flor do Lácio*.

<sup>62</sup> Jenny Cannela Barbosa e Aleluia Fernandes Murta participaram das edições dos fascículos 3,4 e 5 (1944/45) e Terezinha Nonato participou da redação dos fascículos 3 e 4 (1944).

Vale ainda ressaltar que, conforme Veloso (2008), Jeni Canela, em 1933, período em que cursava o ensino normal na Escola Normal de Montes Claros, contribuiu com publicações de artigos de natureza pedagógica no jornal *Gazeta do Norte*. Em *Flor do Lácio*, Jeni assina sua participação apenas como uma aluna do ensino técnico, no entanto, ela também já atuava como professora do Colégio Imaculada Conceição. Assim, as informações obtidas por Veloso (2008) e as percepções que tivemos ao analisar o conteúdo de *Flor do Lácio* nos conduzem a acreditar que a permanência de Jeni Canela como diretora em três edições da revista ocorreu devido a sua experiência com publicações jornalísticas.

Não obstante, na análise dos perfis das alunas Aleluia Murta e Berenice Melo encontramos elementos parecidos. A primeira começou na direção com Jeni como aluna do 3º Ano Normal e encerrou suas atividades em *Flor do Lácio* assinando como aluna do 1º Ano Técnico, mesmo já sendo professora. A segunda era professora do Colégio Imaculada Conceição, no entanto também assinava suas matérias como aluna do 1º Ano Técnico. Assim como Jeni, ambas preferiam se apresentar como alunas. Encontramos tais práticas também nas matérias de *Flor do Lácio*. Nos períodos entre 1943/45, ao analisarmos 50 matérias dos fascículos 02, 03, 04 e 05 constatamos que 36 foram assinadas por alunas, 03 por professores/as, 04 por padres e 07 por autores não identificados porque não foi apresentada na matéria a vinculação deles ao educandário (ver QUADRO 4 - ANEXO B).

Na compreensão de Chartier, “as representações e as ações supõem uma eficácia própria às idéias e aos discursos, separados das formas que os comunicam, destacados das práticas que ao se apropriarem deles, os investem de significações plurais e concorrentes” (CHARTIER, 1991, p.188). Neste sentido, ao se apresentarem como *diretoras-alunas* ou *redatoras-alunas* ou ainda como *alunas colaboradoras* é provável que Jeni Canela, Aleluia Murta e Berenice Melo e demais, por um *cálculo estratégico*, propusessem colocar *Flor do Lácio* como uma revista pertencente às alunas ou uma revista das alunas. Deste modo, poderia promover o *sentimento de pertencimento*<sup>63</sup> entre as alunas do Colégio Imaculada Conceição com a revista. Na esteira de todas as publicações de *Flor do Lácio*, os anos de

---

<sup>63</sup> Compreende-se por *sentimento de pertencimento* a forma como um sujeito se reconhece ou é induzido a se reconhecer como membro de uma determinada sociedade ou um determinado grupo social local. Uma vez inserido neste grupo social local ou sociedade, este membro busca construir sua identidade, suas relações de afeto, de paixões ou de sentimentos e demais. Maiores informações consultar Bourdieu (1999) e Costa (2007).

1956 e 1957 marcaram uma etapa diferenciada na produção. Agora, em vez de duas diretoras e duas redadoras, como ocorreu no período de 1943/45, a revista se apresentou com um corpo editorial contendo diretora-presidente, diretora-gerente, diretora-tesoureira, diretora-redatora, redatora-chefe e redatora-secretária (Ver QUADRO 5).

### QUADRO 5

#### Corpo editorial de *Flor do Lácio* 1956/57

Ano	Nome	Cargo	Classificação na escola (Aluna ou Professora)
1956	Nilda Generoso	Diretora-presidente	3º Ano de Formação
	Cleonice Sarmento	Diretora-gerente	3º Ano de Formação
	Maria Vilma dos Reis	Diretora-tesoureira	Não Informada
	Ivone Cavalcante Ferraz	Diretora-redatora	2º Ano de Formação
	Helena Freire	Redatora-chefe	1º Ano de Formação
	Maria José Narciso	Redatora-secretária	2º Ano Técnico de Contabilidade
1957	Nilda Ivone Ferraz	Diretora-presidente	3º Ano de Formação
	Clarice Sarmento	Diretora-gerente	3º Ano de Formação
	Raquel Avelar	Diretora-tesoureira	Não Informada
	Maria Chateaubriand	Diretora-redatora	3º Ano de Formação
	Mires Dalva Vieira	Redatora-chefe	3º Ano de Formação
	Delci Caires	Redatora-secretária	Não Informada

FONTE: *Flor do Lácio* 1956/57.

Para a ex-aluna Clarice Sarmento, “as alunas que ocupavam esses cargos geralmente eram aquelas que apresentavam bons desempenhos nas aulas e fossem disciplinadas” (CLARICE SARMENTO, 25/08/2010). Detectamos assim, que a mesma estratégia da primeira fase de *Flor do Lácio* (1943/45), de adotar alunas consideradas exemplares, foi reproduzida na segunda fase (1956/57). As alunas citadas acima, conforme Clarice Sarmento:

Conseguiam excelentes notas e possivelmente estariam entre aquelas que receberiam medalhas de honra ao mérito. [...] Essas medalhas eram distribuídas todos os anos durante eventos de finalização das atividades letivas e classificavam as alunas em 1º, 2º e 3º lugares (CLARICE SARMENTO, 25/08/2010).

Clarice Sarmento ainda ressalta que os textos escolhidos para publicação eram textos produzidos durante as aulas de Redação, Gramática e Literatura. Enfatiza que o objetivo do

reaparecimento *Flor do Lácio em 1956* seria também o de promover o desenvolvimento da Língua Portuguesa. Deste modo:

As pessoas que mais se distinguiam na matéria de Português e as que escreviam melhores eram selecionadas para os cargos e para colaborar com seu texto. Eu e minhas colegas nos sentíamos honradas em ter um escrito selecionado para publicação (CLARICE SARMENTO, 25/08/2010).

Tal ideário de promoção da Língua Portuguesa foi um fator constante em *Flor Lácio*. A aluna Cleonice Sarmiento, irmã de Clarice, ao escrever a matéria de abertura na reedição de 1956 afirmou que:

Flor do Lácio [...] vem preencher uma lacuna, contribuindo para nosso desenvolvimento intelectual. Falar sobre sua importância, cremos ocioso, pois, quem desconhece a necessidade que temos de cultivar nossa língua Materna? Precisaríamos falar a respeito do desprezo com que muitos a tratam, deturpando-a com termos estrangeiros, o que, por muitos é julgado uma elegância, deturpando-a com o emprêgo de gírias? A realidade é que muitos não querem não gostam de estudar, de aprender bem a Língua Pátria. E o Brasil precisa que seus filhos tudo façam para que seu nome se levante altaneiro no cenário das nações (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.01).

Assim como na primeira fase (1943/45), o corpo editorial de *Flor do Lácio* também buscou promover o *sentimento de pertencimento*. Para tanto em 1956/57, o referido corpo utilizou fotografias de algumas alunas nas suas capas (Ver FIGURA 7, a seguir). Também identificamos e analisamos nesta fase 54 matérias das quais 42 foram assinadas por alunas e 12 por autores que não foram identificados por não terem suas classificações no educandário. Também não identificamos a presença de padres e professores nas publicações destes anos. Assim, *Flor do Lácio* novamente se apresentou como *a revista das alunas do Colégio Imaculada Conceição*.



FIGURA 7 - CAPAS DE FLOR DO LÁCIO 1956/1957. Alunas do ano de 1956: Luizinha Barbosa (em pé à direita), Clarice Sarmento (à esquerda) e Maria Luíza Veloso Costa (de joelhos). Aluna do ano de 1957: Regina Barroca Peres.

Fonte: Flor do Lácio 1956/1957.

Na primeira capa (à esquerda), do ano de 1956, as alunas foram apresentadas por *Flor do Lácio* como “as três flores do nosso jardim colegial”. Já na segunda capa (à direita), a aluna foi apresentada como aquela que “embeleza nossa capa”. Observamos que o pronome possessivo *nosso/a* aparece nas duas edições. Com Chartier (1991) compreendemos que a produção de representação não se traduz num processo desinteressado e neutro. Neste sentido, acreditamos que ao apresentar o colégio como “nosso” e a revista como nossa, o corpo editorial de *Flor do Lácio* talvez almejasse induzir o reconhecimento do educandário como algo que pertencente às alunas, representado por elas, tendo *Flor do Lácio* como patrimônio cultural.

### 1.3.3. *Flor do Lácio* e sua circulação estratégica

*Exmas. Srtas. Genoveva da C. Mota e Hilda do Vale. M.D.D. Diretoras da revista FLOR DO LÁCIO. Li com atenção e prazer, o primeiro número da*



revista “*Flor do Lácio*”, órgão da Escola Normal “Imaculada Conceição e da Academia de Comércio “*Abgar Renault*”, desta cidade.

Venho apresentar-lhes agradecimentos pela remessa do exemplar e, ao ensejo, felicitar os professores e alunos, que tiveram a louvável iniciativa de enriquecer o conceituado educandário com mais essa valiosa fonte de atividades educativas.

A revista, rica de interessante ilustração, impressiona bem da primeira à última página, não só pela agradável feição material, mas também pelo estilo pitoresco e variada colaboração que oferece ao leitor.

Formulando votos pela crescente prosperidade de “*Flor do Lácio*”, apresento-lhes, e por seu intermédio à direção do estabelecimento e a seu dedicado corpo docente, minhas atenciosas saudações.

Montes Claros, 22 de setembro de 1943.

(a) José Raimundo Neto (Inspetor técnico regional de Ensino (*FLOR DO LÁCIO*, 1943, Nº 2, p.13).

A carta acima apresenta *Flor do Lácio* como uma “valiosa fonte de atividades educativas”, ressaltando a importância da presença das alunas na confecção do periódico, assim como a intermediação do corpo docente e da direção do Colégio Imaculada Conceição neste processo. Das quatro cartas recebidas e transcritas por *Flor do Lácio* (1943/45) duas foram emitidas por *Dr. Abgar Renault*<sup>64</sup>, Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação.

Ao que tudo indica, em *Flor do Lácio*, Abgar Renault manteve estreitas relações com as dirigentes do Colégio Imaculada Conceição, por isso o educandário lhe prestou a homenagem dando seu nome à escola técnica de comércio fundada como anexo, no ano de 1941. Ao receber das diretoras de *Flor do Lácio*<sup>65</sup> exemplares da revista o então Diretor Geral agradecia solenemente escrevendo:

1ª Carta

“Agradeço vivamente a oferta que me foi feita de um novo número de *Flor do Lácio*, publicação escolar merecedora da minha simpatia e de sinceros aplausos, uma vez que, por qualquer aspecto que a encare, nela sempre encontro os elementos necessários para que alcance as suas altas finalidades educativas” (*FLOR DO LÁCIO*, 1944, nº 4, p.15).

2ª Carta

---

<sup>64</sup> O *Dr. Abgar Renault*, mineiro de Barbacena, atuou como professor, educador, poeta, ensaísta e tradutor brasileiro. Chegou a ocupar a cadeira 12 da Academia Brasileira de Letras e a cadeira 3 da Academia Brasileira de Filologia. Na política, ocupou cargos de Deputado Estadual; Diretor do Colégio Universitário da Universidade do Brasil e do Departamento Nacional da Educação; Secretário da Educação do Estado de Minas Gerais; Ministro da Educação e Cultura no governo de Nereu Ramos (1955-56), entre outros (*FLOR DO LÁCIO*, 1944, Nº 4, p.15).

<sup>65</sup> Ver QUADRO III – Diretoras e redatoras de *Flor do Lácio* - 1943/45.

“Mais uma vez tive oportunidade de verificar, percorrendo as páginas de *Flor do Lácio*, a orientação segura dos que dirigem essa publicação mantida com esclarecido espírito educativo dentro das mais modernas diretrizes pedagógicas” (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº 5, p.18).

A transcrição e publicação destas cartas na revista *Flor do Lácio* foi justificada como “motivo de gáudio e encorajamento, para os que mourejam nas lidas educacionais” (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº 5, p.18). Assim tais cartas conduziram-nos, por um lado, para constatar o empenho de *Flor do Lácio* e do Colégio Imaculada conceição em fazer chegar às pessoas influentes, no ramo da educação, exemplares da revista. Por outro lado, atestam o caráter pedagógico do periódico e a preocupação dele em atingir suas *finalidades educativas*.

#### **1.3.4. Leitura: representações de *Flor do Lácio* no cotidiano escolar**

O estudo de Chartier (1992) aponta que os textos impressos produzidos atribuem sentido para aqueles que deles se apoderam, podendo assim ser diversamente apreendidos, manipulados e compreendidos. Segundo este autor:

A história oferece duas abordagens que são necessariamente ligadas: reconstruir a diversidade de leituras mais antigas a partir de seus vestígios múltiplos e esparsos, e identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto. Dentre essas estratégias, algumas são explícitas e se fundamentam no discurso (em prefácios, prólogos, comentários e notas), e outras são implícitas, transformando o texto num mecanismo que deve necessariamente, impor uma compreensão considerada legítima. Conduzido ou encurralado, o leitor encontrava-se invariavelmente inscrito no texto, mas este por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores. Assim torna-se necessário reunir duas perspectivas que se articulam: por um lado, o estudo de como os textos e obras impressas que os comunicam organizam a leitura autorizada; e, por outro lado, a compilação de leituras concretas, costuradas em declarações individuais ou reconstruídas no nível das comunidades de leitores (CHARTIER, p.215/216).

Na leitura dos fascículos de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57), notamos a presença das duas abordagens apresentadas no texto de Chartier (1992). Assim iniciamos nossas análises buscando compreender as estratégias explícitas e implícitas e algumas das *representações* que foram produzidas por estas. Deste modo, identificamos, qualificamos e classificamos os textos de *Flor do Lácio* como conteúdos que teriam como objetivo específico: informar;

transmitir conhecimentos culturais e educacionais; conduzir leitores e leitoras a momentos de reflexões; promover a religião Católica Romana; incentivar principalmente o culto à *Virgem Maria* e divulgar momentos sociais, por exemplo, eventos, homenagens, visitas de personalidades e cadernos de entretenimento.

A partir de todos os fascículos analisados, foram identificados 165 textos que nos permitiram agregá-los em quatro seções. A primeira denominamos de seção de *Informações*, composta por três subseções: *Conhecimentos Gerais*, *Correspondências e Noticiário*. A segunda chamamos de *Cultura & Educação* contendo duas subseções. A terceira seção nomeamos de *Sociais* composta pelas subseções: *Entretenimento*, *Homenagens e Personalidades*. E, por fim a quarta seção denominada *Religião & Reflexões*, contendo duas subseções (Ver QUADRO 7, a seguir):

QUADRO 7

Distribuição dos textos de *Flor do Lácio*

Seção	Subseção	1943/nº2	1944/nº3	1944/nº4	1945/nº5	1956/snº	1957/snº	Total
Informações	Conhecimentos Gerais	0	2	1	5	4	5	17
	Correspondência	2	2	3	2	0	0	9
	Noticiário	3	2	2	1	1	1	10
Cultura & Educação	Cultura	1	5	1	3	3	7	20
	Educação	3	1	3	4	3	2	16
Sociais	Entretenimento	1	3	1	2	3	4	14
	Homenagens	5	1	5	2	3	1	17
	Personalidades	1	2	1	3	0	1	8
Religião & Reflexões	Reflexões	2	3	7	10	12	10	44
	Religião	2	2	1	2	1	2	10
<b>Total</b>		<b>20</b>	<b>23</b>	<b>25</b>	<b>34</b>	<b>30</b>	<b>33</b>	<b>165</b>

Fonte: Flor do Lácio 1943/45 e 1956/57

Para a seção de *Informações* reunimos 33 textos sobre: história do Brasil; história de Montes Claros; curiosidades; economia; regras de etiqueta e ainda textos com transcrições de palestras, cartas e oratórias; testes de conhecimentos e raciocínio lógico; notícias gerais sobre as atividades do colégio. Na seção *Cultura & Educação* constam 36 textos que eram:

poemas (de alunas e escritores conhecidos); apresentações de festas regionais e religiosas (como as festas marianas); matérias sobre passeios e cidades históricas; matérias sobre: comportamentos ideais das professoras e professorandas, aulas práticas, autores estudados e interesses infantis; entrevistas sobre mudanças na educação e práticas de leituras (ver QUADRO 8, ANEXO B).

A seção de *Sociais* foi constituída a partir de 39 textos entre as subseções: *entretenimento*, *homenagens* e *personalidades*. Na subseção de *entretenimento* se projetavam: quadros humorísticos contendo brincadeiras, charadas e piadas; relações sociais da sala de aula e no colégio com críticas e elogios aos comportamentos de algumas alunas; aniversários; textos com sátiras sobre uma aula ou um determinado episódio envolvendo aluna e professor/a; poemas com trocadilhos com os nomes de algumas alunas e mexericos. Na subseção de *homenagens* tem-se: fotos de alunas e das classes; poemas homenageando professoras da escola, Irmãs e padres e nomes das alunas que receberam medalhas de *honra ao mérito*. Já na subseção de *personalidades* publicavam matérias sobre visitas de pessoas consideradas importantes: políticos, membros da Igreja Católica, secretários de governo; etc. e também trabalhos sobre biografias de algumas personalidades brasileiras (ver QUADRO 8, ANEXO B).

E, por fim, na seção de *Religião & Reflexão* foram reunidos 54 textos com conotações sobre moral, religiosidade e honestidade; perfil da família ideal; como ser boa mãe; como não se deixar iludir pelas coisas do mundo; os verdadeiros amigos/as; orações; momentos de elevar o pensamento a Deus; poemas e orações sobre o exemplo da *Virgem Maria*. E ainda com campanhas missionárias; a importância de se ter uma religião católica; história da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria; histórias de padres e Irmãs missionários/as tudo isso para estimular as vocações religiosas e as atividades religiosas (ver QUADRO 8, ANEXO B).

Com Chartier (1992) entendemos que existem estratégias de leitura explícitas e implícitas. Neste sentido, nos textos de *Flor do Lácio* notamos a presença de ambas as estratégias de leitura. No entanto, a predominância dos textos reflexivos e os conteúdos dos textos direcionados para a subseção de *educação* nos conduzem a acreditar que foi a estratégia de

leitura implícita que sobressaiu. Por esta estratégia *Flor do Lácio* também projetou *representações coletivas*<sup>66</sup> sobre o papel da mulher como *santa, esposa-mãe e professora*.

Assim, retomando mais uma vez a todos os fascículos de *Flor do Lácio*, detectamos que entre os 165 textos 55 abordavam assuntos sobre perfis e comportamentos femininos (ver QUADRO 9 a seguir).

### QUADRO 9

Distribuição dos textos de *Flor do Lácio* conforme representações de perfis femininos

<b>Ano/Fascículo</b>	<b>Perfil da Santa e Esposa-mãe</b>	<b>Perfil da Professora</b>
1943/nº 2	3	2
1944/nº 3	3	3
1944/nº 4	5	5
1945/nº 5	4	4
1956/sem nº	10	3
1957/sem nº	11	2
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>19</b>

Fonte: *Flor do Lácio* 1943/45 e 1956/57

Observamos no quadro acima que dos seis fascículos que analisamos de *Flor do Lácio* 36 matérias foram atribuídas ao perfil da mulher santa e esposa-mãe e 19 matérias ao perfil da professora. No primeiro caso a quantidade de textos aumentou de forma progressiva, na medida em que, se produzia um novo fascículo. Já no segundo, a quantidade manteve-se estável. Isso pode ser explicado pelo fato de que textos que se referem ao primeiro caso se encontram inseridos na seção de *Religião & Reflexão*, em que se somam de 54 textos, enquanto os textos relacionados ao segundo caso fazem parte da seção de *Cultura & Educação*, que possui 36 textos no total (ver QUADRO 7).

Enfim, as estratégias de formação e educação feminina que *Flor do Lácio* assumiu e as imagens que produziu, assim como os significados que lhes foram atribuídos, caracterizam um complexo conjunto de representações. Dado o fato de que as representações do mundo

<sup>66</sup> Segundo Moscovici (2001, p.48), “representações coletivas são lógicas e refletem a experiência do real. Entretanto, na medida em que criam algo ideal distanciam do lógico. E uma vez formadas, adquirem certa autonomia, combinam-se e transformam-se segundo regras que lhes são próprias”.

social “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que às forjam” (CHARTIER, 1990, p.17), elas não devem ser entendidas como produções neutras, mas impregnadas de interesses e significações que fazem parte de um processo que, se por um lado, tinha como propósito qualificar e formar as alunas do Colégio Imaculada Conceição, por outro, assumiu a intenção de influenciar a opinião pública acerca do ensino oferecido por este educandário.

## CAPÍTULO 2

### EM NOME DO PAI, DO FILHO, DO ESPÍRITO SANTO E DA “VIRGEM MARIA”: REPRESENTAÇÕES DA MULHER-SANTA E DA ESPOSA-MÃE

#### *Perfil*

*O retrato da Colega mais delicada. Adivinhem colegas de quem é esse retrato? A minha perfilada é de estatura baixa, morena, cabelos curtos, pretos e lisos; olhos grandes e castanhos, nariz afilado e boca pequena. Acho-a muito simpática. Ela é muito inteligente, aplicada, estudiosa e boa. É uma menina exemplar e cumpridora de seus deveres. É sempre pontual: nunca chega atrasada na classe e tira sempre boas notas. Anda sempre impecável no traje. Não fala mal de ninguém. Não critica as colegas nem as mestras. Comporta bem em todo lugar: no refeitório, na aula, no estudo, no dormitório e, principalmente, na capela, porque ela sabe que a casa de Deus é lugar de respeito [...]. Eu vou fazer o possível para imitá-la, se Deus quiser. Sabem quem ela é? (Neusa Corrêa Matos, FLOR DO LÁCIO, 1956, p.20).*

O excerto que abre este capítulo aborda sobre o perfil de uma aluna do Colégio Imaculada Conceição. O nome da aluna não aparece no texto, mas, pela forma como ela se comporta, realiza seus deveres e trata os/as outros/as, remete-nos à compreensão de que se tratava de uma aluna com um *comportamento exemplar*. Assim sendo, esta aluna se tornou modelo para as demais, cujo perfil a colega que a descreve, Neusa Corrêa Matos, desejava *imitar*.

Nos diversos artigos publicados por *Flor do Lácio* encontramos algumas perspectivas de que procuravam direcionar as alunas a imitarem o comportamento de outro perfil – *o da Virgem Maria*. Conforme Sylvia dos Anjos Maria, seria “a mais sublime das criaturas, [...] em cujo, seio puríssimo se encarnou o próprio filho de Deus” (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p. 14). O culto e a imitação das virtudes da *Virgem Maria* iniciavam cedo, ainda na infância. A aluna Clarice Sarmiento, por exemplo, em uma matéria para a revista, recordou que, quando criança “era um daqueles anjinhos inocentes como também levava flores a Virgem Imaculada” (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.5). Assim, o perfil da *Virgem Maria* tornaria gradativamente um exemplo para ser seguido pelas alunas do Colégio Imaculada Conceição.

Diante do exposto, o presente capítulo discorre acerca de algumas representações simbólicas femininas construídas pelas matérias de *Flor do Lácio*. Partimos da hipótese de

que tais representações seriam a da *mulher-santa* e a da *esposa-mãe*. Deste modo, realizamos um estudo almejando compreender como foi promovido o discurso que culminou na representação da mulher *santa, prendada e abnegada*. Nesta parte busca-se identificar os/as principais articuladores/as deste discurso e os interesses que eles ou elas visavam atender.

A seguir passamos à análise da mulher santa construída por *Flor do Lácio* e como se processou esta construção. Ressalta-se também que práticas de caridade, bondade, ternura e pureza foram incorporadas ao perfil feminino. Finaliza-se o capítulo, com a discussão sobre o *perfil da esposa-mãe*.

Nossa análise do conteúdo de *Flor do Lácio* procura compreender como a imagem da mãe foi (re)produzida pelas autoras dos artigos publicados nesta revista. Por fim, espera-se explicar como a imagem da *Virgem Maria* influenciou na construção dos modelos de *mulher-santa* e de *esposa-mãe*.

## **2.1. Mulher- a santa, a esposa prendada e a mãe abnegada**

De acordo com Giorgio (1991), a *construção simbólica* da representação da mulher como *santa* e *como esposa-mãe* foi delineada segundo modelo católico no século XIX, mediante propagação dos manuais católicos. Neste período, a Igreja propôs reconstruir “uma genealogia vigorosa sustentada pelas virtudes morais da mulher” (GIORGIO, 1991, p.199). Tais virtudes, para a autora, visavam uma unificação comportamental feminina e tomariam como modelos os exemplos de vida de mulheres tidas como *santas*. Assim, as concepções sobre o perfil feminino, segundo o modelo católico, foram difundidas nos países onde predominavam a cultura católica (GIORGIO, 1991).

Ainda segundo Giorgio (1991), o século XIX representa o:

Século do primado da palavra masculina, não se desmente na retórica desta copiosa produção de modelos. Resta às mulheres a prática de um <<contradiscurso>> fundado essencialmente nas características da sua religiosidade. Uma religiosidade <<sentimental>> que dos lugares da devoção se estende ao cotidiano familiar. O sentimento de auto-gratificação (tão típico do



papel feminino nesse século) decorre do consciente exercício de soberania moral sobre a vida doméstica e sobre a educação dos filhos. Há obviamente espaço para numerosas insuficiências da vida real, mas atenuadas pela certeza de que os sentimentos humanos são apenas reflexos, ainda que ilusórios, da sentimentalidade religiosa, modelo e instrumento de legitimação de toda a sentimentalidade terrena. O progresso do sentimentalismo religioso no século XIX está em estreita relação com o sentimentalismo familiar: o modelo feminino católico é exclusivamente o da esposa-mãe. A esposa e a Igreja pedem submissão e o espírito de abnegação. Se o mundo é para todos um vale de lágrimas, é-o em especial para as mulheres (GIORGIO, 1991, p.206, Grifos da autora).

A autora em pauta também evidencia que, no século XIX foi criado um modelo feminino que derivou de um arquétipo da *mãe e educadora* que emergiu no seio das discussões sobre a educação feminina. Assim, a Igreja contribuiu com a proposta pedagógica de uma mãe nova desenvolvida e fortificada no coração dos filhos e dos homens, mediante estereótipos de virtudes sociais e individuais. A cultura católica da Restauração<sup>67</sup>, a partir deste modelo, considera a fragilidade e a sensibilidade feminina como características valorizadas e incorporadas numa faceta positiva do gênero ou como descreve Giorgio (2001):

A partir das primeiras décadas do século XIX muitos autores católicos teorizam uma tendência histórica particular do Cristianismo para guiar estas características sentimentais de feminilidade, finalmente libertas de uma marca tão corpórea, quase carnal. Libertado do vínculo de dependência entre estrutura fisiológica e substância psicológica, este modelo ideal de feminilidade difunde-se em toda a Europa pós-revolucionária. A alma feminina, diferente e complementar da masculina, torna-se para a Igreja da Restauração, uma reserva de recursos civilizadores e de possibilidades de conversão (GIORGIO, 1991, p. 200).

No Brasil, a Igreja Católica passou por uma reestruturação, ocorrida nos períodos entre 1859-1959, definida por Manoel (1996) como *catolicismo Ultramontano*, por Souza (2000) como *processo de romanização do catolicismo* e por Nunes (2009) como *processo de clericalização do catolicismo brasileiro*. Todas estas denominações foram utilizadas para se reportar ao processo que culminou na implementação e ampliação do aparato religioso católico brasileiro, mediante fundações de seminários, dioceses, conventos e escolas,

---

<sup>67</sup> O Conceito de cultura católica da restauração foi utilizado por Giorgio (2001) para se referir ao contexto de mudanças e reestruturações proferido pela Igreja Católica no decorrer do século XIX. Ao que tudo indica, a autora se refere ao processo de *romanização do catolicismo*.

visando à reformulação do catolicismo conforme modelo romano<sup>68</sup>. Tal processo também buscou “combater o mundo moderno, mas a sua luta se deu mais na direção de disciplinar o universo das relações trabalhistas e normatizar a sociedade conforme a doutrina social católica” (MANOEL, 1996, p.44).

Sobre este contexto, Nunes (2009) informa que no decorrer do século XIX, diante da necessidade de instituir normas para o catolicismo brasileiro, a Igreja Católica buscou centralizar a vida religiosa em torno dos sacramentos. A mulher, segundo ela, foi vista como uma peça chave na implementação da ação católica. Este fato ocorreu porque:

A necessidade de um público dócil às novas normas torna as mulheres um alvo privilegiado da ação da Igreja. A partir de então, esta desenvolve projetos específicos, dirigidos à população feminina católica, com o intuito de incorporá-las ao seu projeto reformador. Criam-se associações femininas de piedade; desenvolvem-se movimentos religiosos nos quais o concurso das mulheres é fundamental. Pode-se assim dizer que a “clericalização” do catolicismo brasileiro foi, ao mesmo tempo e necessariamente o processo de sua “feminização”. A incorporação das mulheres pela instituição deu-se em virtude da pretensão de anular o poder do laicato masculino. Dessa forma, a dinâmica através da qual feminiza o catolicismo no Brasil, longe de significar um investimento das mulheres no exercício do poder sagrado, representa, de fato, a reafirmação do seu estatuto subordinado (NUNES, 2009, p.491, grifos da autora).

Neste sentido, Giorgio (1999, p.201) aponta que esta *feminização do catolicismo* ocorrida no século XIX se iniciou na Europa, com “a formalização pelos católicos de um contrapoder feminino que utiliza recursos sentimentais como corretivo moral nos confrontos com homens”. Conforme a autora, no referido século, devido às consequências advindas do modernismo, positivismo, marxismo entre outras correntes de influências nas formações de opiniões, os homens se distanciaram da Igreja, ao mesmo tempo em que a presença feminina se tornou regular e mais intensa. Desta forma, discorre a autora:

---

<sup>68</sup> A deficiência de uma catequese sistemática e a incorporação de elementos religiosos africanos e indígenas às crenças cristãs afastavam a religião da Colônia da Ortodoxia romana. A escassez do clero permitiu que a ação de homens leigos e brancos marcasse o catolicismo colonial. [...] No entanto, a participação de mulheres no catolicismo colonial brasileiro foi bastante restrita, comparativamente ao papel desempenhado pelos homens. Somente no século XIX foram criadas organizações religiosas específicas para mulheres católicas (NUNES, 2009, p.490).

O afastamento da Igreja, o anticlericalismo militante ou passivo são, no século XIX, fenômenos exclusivamente masculinos. Este é um lamento generalizado dos párocos: os homens não comparecem. A sua religião não está perdida, mas muda visivelmente seu estatuto. De facto global, absoluto, de mentalidade, assume os contornos relativos de opinião religiosa. A fé dos homens coloca-se, sobretudo como posição política, enquanto a das mulheres mantém íntegro o caráter de “facto de mentalidade”, ao qual, mais do que qualquer outro elemento, “os factos de comportamento” conferem o sinal de uma fé plena. O catolicismo no século XIX escreve-se, pois no feminino. A feminilização das práticas, da piedade, do clero, aí estão para demonstrá-lo (GIORGIO, 1991, p.201-202).

Assim, a imagem da mulher que na filosofia judaico-cristã, base da doutrina católica, era considerada *maldita, perigosa e pecadora*<sup>69</sup> no século XIX se transformaria numa figura *amável, dócil, benevolente e condutora da fé católica*. Para Lima e Teixeira (2008), a figura de Eva, a primeira mulher conforme o livro do Gênesis, representaria esta mulher de comportamento duvidoso e pecador a quem os *homens cristãos* deveriam temer. Já a figura de Maria, a mãe do filho de Deus, representaria a mulher de boa índole e misericordiosa. Assim Maria se tornou:

[...] figura antitética a Eva, já que negou tudo o que a primeira mulher tinha feito. A mãe de Jesus foi fundamental para a teologia cristã enriquecer o seu discurso, pois, com a sua fé e a sua obediência, trouxe a vida e a salvação ao mundo, ao contrário da sua antepassada, que tinha trazido morte e desgraça para toda a espécie humana. Maria acreditou na Anunciação do Anjo Gabriel, obedeceu e, principalmente, se fez escrava dos desígnios divinos. Ela seria a nova Eva, a anti-Eva: a Ave. Concebendo sem pecado, tornou-se o protótipo idealizado do feminino: destaca-se pela pureza sexual e pela maternidade, caminho de remissão às ‘filhas de Eva’. Por intermédio dela a Igreja conseguia oferecer às mulheres uma espécie de saída da condição pecaminosa instaurada pela primeira mulher e mãe, Eva. Para isso, era necessário criar um novo modelo de mulher, ideal e idealizado: a de mãe, esposa e virgem (LIMA; TEIXEIRA, 2008, p.114).

Almejando assegurar a santidade da Virgem Maria, como verdade católica e exemplo a ser seguido, o pontificado de Pio IX publicou, em 1854, a *Epístola Apostólica Innefalibus Dei*, um documento eclesiástico que promoveu e oficializou o “dogma da Imaculada Conceção de Maria – a mãe de Deus”. Segundo este documento, Sant’Ana por conceber Maria que por sua vez concebeu Jesus, filho de Deus, estaria isenta do *pecado original*. O texto

---

<sup>69</sup> Para maiores informações ler Leal (2004), seção sobre as mulheres no Antigo Testamento intitulada “De Sara a Maria”.

canônico traz no seu esboço termos semelhantes que atestam a obsessão da Igreja Católica pela *pureza virginal*<sup>70</sup>.

Imaculada, inocente, e inocentíssima, sem mancha e sob todos os aspectos: imaculada, santa e muito alheia a toda mancha e como ideal de pureza e inocência, mais santa que a santidade, e somente santa, e puríssima em alma e em corpo, que superou toda a integridade e virgindade (INNEFABILIS DEI, 1854, p.185<sup>71</sup>).

Desta forma, compreende-se que a mulher responsável pela transmissão da fé católica seria aquela que seguisse os preceitos de uma vida santa e se mantivesse pura como a *Virgem Maria*; fosse *dócil e fiel ao marido* e, sobretudo, *demonstrasse um perfil de mãe zelosa*. Para as sociedades patriarcais católicas, como era o caso do Brasil, a definição e a predileção pela *Virgem Maria* como representação de exemplaridade comportamental realizou a um só momento o ideal de castidade, de maternidade e de valores compartilhados pela burguesia e a interiorização do sentimento religioso (GIORGIO, 1991; MANOEL, 1996; NUNES, 2006).

Giorgio (1991) discorre que tanto na Itália quanto na França – berço da formação do pensamento católico sobre o ideal feminino – as elites laicas também apoiavam a formalização do papel da mulher proposto pelos educadores católicos. Ao incentivar o controle da leitura entre o público feminino tomaram como exemplos os livros de devoção, sobretudo os relacionados à imagem da *Virgem Maria* no processo de instrução das mulheres. Tais elites defendiam a concepção de que “uma mulher com um livro na mão – que não seja um livro de devoção – está longe de representar o modelo de união feliz e socialmente apreciado pelos valores estéticos e culturais em vigor” (GIORGIO, 1991, p.214).

Ademais, os símbolos de devoção religiosos adentraram os espaços privados femininos, como os quartos de dormir, e o culto à pureza da *Virgem* tornou-se o modelo principal de

---

<sup>70</sup> Conforme o livreto lançado pelos Irmãos Maristas no ano 1923 intitulado *A Devoção à Santíssima Virgem Maria: Ensinada a Mocidade Seguida do pequeno catecismo de São José*, Maria foi preservada da mancha original “porque fora escolhida para ser mãe de Deus”. Assim, a Imaculada Conceição foi compreendida como verdade da Igreja Católica se concretizando, na medida em que ela compreendeu e atestou que Maria não foi manchada pelo pecado original como “degradados filhos de Eva”.

<sup>71</sup> EPÍSTOLA APOSTÓLICA INNEFABILIS DEI de 08/12/1854, p.185. In: DOCTRINA PONTIFÍCIA – Documentos Marianos.

identificação pelo qual se centralizou a educação feminina. Deste modo, a autora discorre que, no século XX, a Igreja observou que o estímulo para a imitação de comportamentos emancipados poderia vir colocar em risco *o valor da virgindade*, que por sua vez estaria submetida às tentações de uma moral social extradeterminada e esta mesma Igreja através da *imprensa* se revelou tacitamente contra tais valores (GIORGIO, 1991).

No Brasil, os católicos também elaboravam suas críticas à modernidade do século XX. Segundo Nagle (1976), a Igreja se mostrou preocupada em cristianizar a sociedade brasileira e aderiu à imprensa como sua potente aliada. Por exemplo, a revista *A Ordem* foi um dos impressos que se pautou em divulgar modelos de comportamento do/a cristão/cristã católico/católica. Carvalho (2001) informa-nos que, a *Revista Brasileira de Pedagogia*, da Confederação Católica Brasileira de Educação, e outros editoriais católicos brasileiros da primeira metade do século XX também foram responsáveis pela promoção de uma *ortodoxia pedagógica na disseminação da doutrina católica*. Para tanto, as escolas, sobretudo as destinadas à formação feminina se tornaram ambiente propício da veiculação da doutrina católica.

Sobre este contexto, Louro (2009, p.447) informa que “para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo”. Assim, a educação feminina durante a transição do século XIX para o século XX foi justificada, segundo Almeida (2007), mediante o desejo da formação da *mulher santa* e da *esposa-mãe*. Tal educação, realizada nos moldes católicos, seria conferida aos colégios de freiras. Manoel (1996) lembra que a chegada e instalação destes colégios no país, nos períodos de 1859-1959, contaram com a união entre Igreja, Estado e Oligarquia. Assim, no ano de 1959 o Brasil já possuía um total de “3.003 estabelecimentos de ensino sendo: 842 escolas públicas, 1.288 escolas particulares leigas e 873 escolas católicas” (MANOEL, 1996, p.17).

Manoel (1996) ainda salienta que o processo que contribuiu para o crescimento das escolas católicas no Brasil iniciou-se em meados do século XIX, durante a reforma católica ultramontana. O fim do regime *Padroado*, ocorrido com o advento da República (1889), fez com que a Igreja Católica também empenhasse em reconquistar o controle do sistema educacional. Assim, ele observou que, naquele mesmo período, ocorreu um movimento

único, mas com duas concepções. Na primeira a Igreja fundou escolas, constituindo uma ampla rede católica de educação, e na segunda ela movimentou um discurso para justificar a necessidade desta rede de ensino.

Para o instituto católico, no entanto a criação de uma rede escolar não se restringia apenas ao aspecto comercial que necessariamente circunda na escola particular. A questão era mais profunda. Tratava-se, antes, de aproveitar um espaço ainda não totalmente ocupado pelo “inimigo” e, por meio dele, desenvolver um trabalho saneador, cujo resultado final deveria ser o afastamento tanto das idéias modernas quanto do ensino leigo, considerando necessariamente mau e corruptor. A ação concreta de instalação de uma rede escolar, movimentando vultuosos recursos financeiros e humanos, deslocando congregações religiosas, da Europa para o Brasil, se apoiava em uma teoria cujo eixo de sustentação era atribuir a “crise do mundo moderno” aos principais “errôneos” da filosofia racionalista e da política liberal, divulgados pela educação leiga e, como contrapartida, a solução dessa “crise” pela educação católica (MANOEL, 1996, p.56).

Neste contexto, a educação feminina foi moldada segundo o modelo católico. Para Nunes (2006), o movimento católico, por meio da educação, constituiu um processo valioso para a consolidação da escolarização das mulheres brasileiras. Este processo fez o século XIX presenciar “ainda um desenvolvimento bastante rápido das ‘escolas para meninas’, que tiveram as religiosas como elementos fundamentais” (NUNES, 2001, p.491). Porém, nestes colégios, salienta a autora, veiculou-se uma educação de faceta fortemente conservadora. As escolas e as novas associações religiosas, lideradas por mulheres, supervalorizam a imagem e o simbolismo da *Virgem Maria*. Desta maneira, “o fim do século XIX até a década de 1960 do século XX representou um período de expansão e estabilidade institucional para a vida religiosa feminina” (NUNES, 2009, p.495).

De acordo com Manoel (1996, p.49), no processo de educação feminina, a Igreja, através da pedagogia dos colégios católicos, desenvolveu uma tática denominada “teoria dos centros concêntricos: da mãe cristã para filhos cristãos; de filhos cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã. Com isso, esperava-se, em breve tempo, recristianizar toda a sociedade moderna”. Em linhas gerais, a educação católica, conforme Passos (2002, p.187), “teve por princípio formar as inteligências para a verdade. O objetivo geral era garantir a formação religiosa e a educação da fé”.

Assim, ocorreu uma rápida expansão dos colégios católicos no Brasil, sobre este contexto Durães (2002) nos informa que:

O número de congregações femininas fundadas e vindas para o Brasil nesse período chegou a ser superior ao número de masculinas. Quanto ao número das fundadas, aqui, comparando-se aos dados do período entre os anos de 1841 a 1921, foram 27 femininas para 10 masculinas (DURÃES, 2002, p.87).

As Irmãs Belgas da *Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria*<sup>72</sup>, por exemplo, chegaram ao Brasil em 1907, fundaram o primeiro colégio para moças em Montes Claros/MG (Colégio Imaculada Conceição)<sup>73</sup>. Fundaram depois, ainda no Estado de Minas Gerais, os colégios de: Araguari<sup>74</sup> (Colégio Sagrado Coração de Jesus - 14/04/1919); de Patrocínio (Colégio Nossa Senhora do Patrocínio - 15/10/1928); de Belo Horizonte (Colégio São Pascal - 15/08/1941); e de Pará de Minas (Colégio Sagrado Coração de Maria - 07/03/1942). Todos com o propósito de priorizar a educação para mulheres (PEREIRA, 1999).

Irmã Maria Dulce, ao discorrer sobre o *carisma*<sup>75</sup> desta congregação, reafirmou a devoção e imitação às virtudes da *Virgem Maria*. Assim, ela descreveu que “o coração é símbolo de amor. O amor do Coração de Maria é antes de tudo um amor muito simples, sem complicação, sem duplicidade, sem dissimulação” (PEREIRA, 1999, p.24). No Colégio Imaculada Conceição a devoção à *Virgem* foi também cantada no Hino escrito por Irmã Maria de Lourdes, durante a década de 1940. Letra apresentada a seguir:

*Hino do Colégio Imaculada Conceição*

Nesta casa bendita onde impera  
De Jesus o Evangelho tão puro  
Vive o povo feliz que prospera  
E prepara a Pátria o futuro  
Eis, pois, *juvens filhas do Norte*  
Trabalhai por honrar a bandeira  
Do Brasil senhoril bom e forte

<sup>72</sup> Conforme Irmã Maria Dulce, a congregação foi instituída legalmente em 1830. Em 1854 as primeiras nove irmãs fizeram os votos perpétuos de “Pobreza, Castidade e Obediência” e em 1868 o convento de Berlaar na Bélgica foi reconhecido como Casa Mãe (PEREIRA, 1999, p.07-08).

<sup>73</sup> Segundo Carneiro (2003), as Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria que vieram para Montes Claros/MG teriam como função fundar um colégio para moças e auxiliar nos serviços de enfermagem da Santa Casa de Misericórdia.

<sup>74</sup> No Colégio Sagrado Coração de Jesus fundado em Araguari funcionava também o Convento para a formação do noviciado. No período de 1917 a 1927 o Colégio Imaculada Conceição ficou fechado na cidade de Montes Claros. Assim, na cidade de Araguari no ano 1919, passou a ser a sede da Congregação no Brasil (FLOR DO LÁCIO, 1944, n°3; PEREIRA, 1999).

<sup>75</sup> Segundo o *Manual de Catecismo da Igreja Católica*, “os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm urna utilidade eclesial, pois são ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo”.

Maiores informações no endereço eletrônico: <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/c/carisma.html>.

A pulsar nesta terra Mineira  
 Cultuando o torrão adorado  
 Que sorri sob a luz do Cruzeiro  
 O Colégio é mesmo fadado  
 A porvir triunfal lisonjeiro  
*Sob as bênçãos azuis de Maria*  
*Nossa Escola qual Mãe Carinhosa*  
*Vem formando a sorrir dia-a-dia*  
*Juventude sadia e formosa*  
 (Letra: Irmã Maria de Lourdes e Música: Cláudio Corrêa. Grifos nossos)

Por fim, a forma como foi conduzida a educação feminina, a veiculação de documentos canônicos padronizando o culto à *Virgem* e às *virtudes de mulheres* consideradas *santas*; a expansão das Congregações dirigidas por mulheres e dos seus educandários e a difusão do ideal de que a mulher honrada seria aquela que vivesse piedosamente em função do marido e dos filhos. Estes são alguns dos aspectos que forneceram aportes teóricos para identificarmos as construções das representações da *mãe abnegada e da esposa prendada* na construção da mulher *santa* nos fascículos da revista *Flor do Lácio*. Aspectos que passamos a discutir no tópico seguinte.

## 2.2. Flor do Lácio: o culto à Virgem Maria e a representação da mulher santa

### RECORDANDO MINHA COROAÇÃO

*Foi no dia 13 de maio. O céu estava todo estrelado e o luar de prata iluminava os vestidos dos anjos que iam cantar naquela noite hinos de louvor à nossa querida Mãezinha do Céu. A igreja estava repleta de fiéis. Os anjos ornavam o altar com seus vestidos fulgurantes. Moças de nossa paróquia, com suas vestimentas, representavam diversas santas do Paraíso. Nossa senhora de Fátima estava sobre uma azinheira. Era admirada por três crianças, simbolizando os pastorzinhos de Fátima. De cada lado do altar, crianças lindas e loiras figuravam figuras representando símbolos religiosos.*

*Fui eu a escolhida para arnar a sua frente pura, com uma coroa de ouro. Como me senti emocionada, nesse momento! Alegria profunda se aposou de meu pequeno coração. Parecia-me estar num mundo irreal. Muito suavemente começamos a cantar:*

*A treze de Maio*  
*Na Cova de Iria*  
*Do Céu veio à terra*  
*A Virgem Maria...*

*E sob uma chuva de pétalas de rosas, coloquei a coroa sobre a frente puríssima da Virgem Maria. Ao longe, através de janelas, notei que as estrelas brilhavam com mais intensidade, como se quisessem naquele momento saudar a Mãe de Deus, a Rainha dos Céus!” (Flávia Rabelo – 2ª Série A - FLOR DO LÁCIO, 1957, p.14.)*



O texto que abre esta seção reporta sobre um ritual da cultura católica assinalado pelo *simbolismo mariano*. Este ritual, Segundo Giorgio (1991), foi difundido na Europa, na primeira metade do século XIX, com o objetivo de controlar e instruir as adolescentes. Segundo ela, a escolha da Igreja pelo mês de maio para cultuar a *Virgem* foi proposital. No século XVIII, Informa Giorgio, alguns jesuítas italianos acreditavam que a chegada da primavera no mês de maio, no Hemisfério Norte, fazia desabrochar os amores adolescentes. Assim, o culto e a proteção da *Virgem* seriam fundamentais para conservar a pureza feminina e privar as jovens das tentações. “A Igreja não considera casual a escolha do mês de Maio para dedicar à Maria. A protecção da *Virgem* na conservação da inocência feminina deve agir << no meio das tentações aparecem em catadupa na Primavera>>” (GIORGIO, 1991, p.222, grifos da autora).

Desta forma, a autora em pauta conclui que o culto mariano, realizado no mês de maio, atribuíam-se a uma “prática religiosa preventiva que confere uma dimensão sobrenatural aos amores adolescentes, difíceis de controlar na sociedade camponesa. A pureza da *Virgem* torna-se modelo de identificação, centro da educação feminina” (GIORGIO, 1991, p.222).

O ritual de coroação, narrado no início desta seção, demonstrou que existia o desejo de renovar a fé das crianças e das jovens com a pureza da *Virgem*. A ornamentação do altar, as vestimentas das moças comparadas às das *santas*, a idealização de *crianças loiras* como representações de símbolos religiosos e a felicidade demonstrada pela aluna ao ter sido a escolhida para *colocar a coroa na frente puríssima da Virgem Maria*, caracterizam o culto de veneração à imagem da *Virgem*. No Brasil, o culto à imagem da *Virgem Maria* esteve presente desde os primórdios da colonização, afirma Del Priori (2009). Assim, a devoção à *Virgem Maria (Nossa Senhora)* atuou como *figura de exemplaridade* e como *mediadora de conflitos*.

Observamos que a preocupação em controlar os amores da adolescência ou renovar a fé das jovens com a santa Igreja Católica não foi prioridade somente da sociedade camponesa europeia do século XIX. Ao analisar os conteúdos da revista *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) notamos também tendências ao controle e à renovação da fé católica. Numa página de homenagens às alunas do 3º ano do magistério do Colégio Imaculada Conceição, por exemplo, a redação da revista inferiu que as alunas seriam “como as flores que se

desabrocham, ao sol da primavera, assim a alma da juventude sob o influxo do sol da eucaristia” (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.12).

Logo abaixo do texto, a redação salienta que:

A beleza física da mocidade é uma canção de louvor a Deus. A nobreza interior da Virgem espelhou-se em seu exterior. Você também minha cara jovem tem o dever de refletir, no ambiente da sua convivência os encantos da alma. A graça da Páscoa na alma da jovem é a vida divina transbordante de alegria verdadeira e beleza sublime (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.12).

Retomando à análise de Giorgio (1991), a autora aponta que o *Culto à Maria* se trata, portanto, de:

um culto que consolida a auto-suficiência narcisista feminina ligando-a à idade púbere. Nos comportamentos virtuosos e na presença agradável, as mulheres buscariam a única afirmação de si próprias, desconfiando de todas as outras capacidades. Accati<sup>76</sup> (1990, *apud* GIORGIO 1991, p. 222).

Vale lembrar mais uma vez que a revista *Flor do Lácio* pertencia ao Colégio Imaculada Conceição que, por sua vez, era administrado pelas Irmãs Belgas/Berlaar da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Assim sendo, compreendemos que a imagem da *Virgem Maria* foi homenageada de duas formas: no primeiro caso no nome do colégio, em que sobressaiu a sua *pureza virginal*, e no segundo caso no nome da congregação, em que se apresentou sua capacidade de amar ao próximo. Segundo a aluna Mariana Aleluia Murta, as Irmãs Belgas eram “Irmãs piedosas que desejavam trabalhar pela salvação das almas e também para a própria santificação [...] sob a égide de Maria” (FLOR DO LÁCIO, Nº 5, 1945, p.14).

Sendo a marca da *Virgem Maria* tão fortemente trabalhada no espaço do Colégio Imaculada Conceição observamos em *Flor do Lácio* a presença de textos, poemas e orações relativos ao culto à Maria, tida como uma *santa* pelos/as colaboradores/as da revista. Deste modo, a aluna Laine Dias Barbosa informa que o mês de maio é sempre destacado como:

---

<sup>76</sup> ACCATI, Luíza. La política dei sentimenti. L’Immacolata Concezione fra ‘600 e ‘700. Antti del Primer Colloqui di História de la Donna, Barcelona, 1990, p. 23-40.

O mês consagrado à Virgem Maria. Os sinos tanger nas igrejas, onde os cristãos cantam hinos de louvor, o incenso sobre o altar se ilumina, apresentando aqueles rostinhos de almas cândidas, que coroam a imagem de N. Senhora. E, lá no céu, os anjinhos que são tantos, por certo também coroam à nossa Mãe Celestial (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.20).

Assim, a imagem da Virgem Maria foi se construindo também nas páginas de *Flor do Lácio*. Em outra matéria, ao se referir sobre as *Atividades da Pia União em 1943*, a aluna *Maria da Glória Guedes* informou que a recém-fundada associação feminina denominada *Pia União Filhas de Maria* teria “o ensejo de incutir a formação de espírito religioso, o dever e o modo de agir de cada associada entre as que voluntariamente se enfileiraram consagrando-se ao culto, serviço e imitação da Virgem Maria” (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p.10). Na mesma matéria ressaltou ainda que as *Filhas de Maria* trabalhariam assiduamente para no fim de mês de maio “fazer uma oferta a Nossa Senhora” (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p.10).

A aluna *Maria da Glória C. Guedes* segue sua narrativa explicando que a oferta à *Virgem* trata-se de um ritual de comunhão geral ocorrido durante os festivais marianos do mês de maio. Neste ritual, as alunas se apresentariam “uniformizadas, tendo à frente o Estandarte de N. Senhora, dirigiram-se solenemente a Maria a ‘Oferta do Coração’ e outras dádivas” (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p.10). Segundo Giorgio (1991), a pureza da imagem da Virgem transformou-se em parâmetro de identificação e depois da primeira comunhão as congregações e associações das Filhas de Maria devotas à Virgem Imaculada *guardavam as meninas católicas*. Neste sentido, deduzimos que as *dádivas*, mencionadas no texto, teriam como propósito direcionar a formação das alunas para a preservação da virgindade e a prática da bondade, do amor ao próximo, da humildade, entre outras, espelhando-se e consagrando-se segundo *o exemplo de Maria*.

Para iniciar as jovens junto à *Pia União Filhas de Maria*, a aluna *Maria da Glória Guedes* enfatiza que as *aspirantes e postulantes* eram convidadas a participar de um retiro anual cuja proposta consistiria em promover o “recolhimento para afervorar as jovens” (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p.10). O termo afervorar, segundo Ferreira (2004, p.98), significa encher de fervor. Nesta tentativa, as iniciantes seriam colocadas com as veteranas, aquelas que segundo a aluna *Maria da Glória C. Guedes* “há muito tinham tido aquela inexplicável

felicidade” de serem *consagradas à Maria* (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p.10). Deste modo, a aluna salienta que:

No dia marcado 9 aspirantes e 13 postulantes, com júbilo, dirigiram-se a capela com o fim sublime de fazer o ato de consagração e receber sua fita. Depois, foram ajoelhar-se ao pé do altar, onde fizeram o solene juramento, tendo assim mais estas, vindo aumentar o numeroso grupo de ‘Filhas de Maria’ ( FLOR DO LÁCIO, nº 2, 1943, p.10).

O texto é encerrado com votos de prosperidade, fervor e piedade à *Pia União*, para que ela e todas as associadas possam se entregar “completamente ao serviço e ao culto de Maria” (FLOR DO LÁCIO, nº 2, 1943, p.11). Logo abaixo deste texto observamos uma pequena narrativa com título de *A Gruta*<sup>77</sup>. Conforme a autora da narrativa, a aluna *Júlia Aguiar*, este lugar representou valores como uma “lembrança sugestiva, que ela nos traz, da preferência de Nossa Senhora pela humildade, escolhendo por vidente a simples pastorinha de Massabiele” (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p. 11). A humildade de Maria foi compreendida como exemplo de virtude nos manuais do catecismo. Em um deles, por exemplo, *na visita da Virgem à prima Isabel* foi ensinado o seguinte:

Que virtudes praticou Maria naquela visita? 1º uma grande lição de humildade previnindo e saudando a primeira santa Isabel que lhe era inferior; 2º uma caridade admirável prestando à sua prima, durante três meses, todos os serviços de que era capaz (MARISTAS, 1923, p. 20).

Logo a seguir têm-se os textos referentes às *Atividades da Pia União* e ao oratório em forma de gruta. O primeiro caracteriza os relatos dos eventos promovidos pelas *Filhas de Maria* e o segundo faz referência a um lugar de oração, ambos os textos propiciando a ideia de que *Flor do Lácio* teria como estratégia estimular entre seu público o *sentimento de pertencimento* à cultura mariana e ao Colégio Imaculada Conceição. Tal pertencimento poderia ocorrer mediante a participação das alunas nas atividades religiosas ou na identificação de lugares específicos para as orações e reflexões.

Seguindo nossa análise, no texto *Evocações de Maio*, escrito pela aluna Aleluia Fernandes Murta, foi abordado que os ritos e festejos proferidos neste mês seriam para:

---

<sup>77</sup> Um oratório em formato de gruta em que ficava depositada a imagem de Nossa Senhora de Lourdes e que estava situado no interior do prédio do Colégio Imaculada Conceição.

[...] glorificar a Santíssima Virgem. Durante êsses dias felizes de Maio era Maria Imaculada ornada de flores e luzes; as criancinhas inocentes vestiam-se de anjos e, em tórno do seu altar, ficavam anjos e mais anjos para coroá-la com ricos diademas, a semelhança de anjinhos do céu. E Maria, a Virgem Imaculada, entre rosas e lírios confundia-se em meio de tão lindas flôres, por ser ela verdadeiro lírio de candura e pureza (FLOR DO LÁCIO, nº 3, 1944, p. 02).

A aluna Maria Fernandes Murta ainda discorre que, as *Evocações do Mês de Maio* “faz-nos recordar o desejo enorme que deriva da liturgia mariana, [...], de seguir as pegadas de Maria, atendendo à irradiação das virtudes da virgem” (FLOR DO LÁCIO, Nº 3, 1944, p. 02). A aluna encerra sua redação manifestando o desejo de que perdure “o crescente fervor do culto à Madona” (FLOR DO LÁCIO, nº 3, 1944, p. 02). Termos como *seguir as pegadas* ou *Imitar a Virgem* corroboram com nossa hipótese de que *Flor do Lácio* promoveu o discurso que engendrou a representação da *mulher santa*.

Na narrativa do ritual de coroação à *Virgem* mais uma vez é enfatizada a *pureza*. A forma como a aluna Aleluia Fernandes Murta comparou Maria e as flores nos conduz a questionar a utilização da *representação das flores* na construção da *simbologia da pureza e da virgindade*. As flores, e em especial as rosas, conforme Giorgio (1991), nas aldeias francesas no período do século XIX traduzia o símbolo da virgindade feminina<sup>78</sup>.

No texto anônimo chamado *Flor em Botão*, publicado por *Flor do Lácio* (1957), vimos mais uma vez as alunas sendo comparadas a flores:

*Flor em botão*

[...] A mocidade gosta de flôres, porque é ela também uma flôr do Jardim da Creação; porque revela a mão delicada e perfeita do Jardineiro Celeste. Nada mais ilusório que uma jóvem convencida do valor de sua beleza física. Como flôr artificial, desilude os que dela se aproximam. Uma flôr para atingir o crescimento perfeito deve permanecer na solidão, porque na primavera da vida, há noites invernosas e dias de trevas. Aquela que desabrocha prematuramente, murcha-se ao alvorecer. A que flor você se assemelha? (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.13)

---

<sup>78</sup> De acordo com a autora, “nas aldeias francesas, as *rosières* submetem-se à prova da quantificação social da virtude feminina. As jovens coroadas em Maio (cerca de um milhar no século XIX) são o símbolo da rapariga que luta justamente pela melhoria da sua condição sem perder o seu capital de virgindade. Perante uma comissão composta pelo presidente da câmara, pelo padre e pelo professor, elas devem demonstrar (com certificado médico) que são puras de condição modestas e dispostas ao trabalho (...), a ‘*rosière*’ é o antídoto demonstrativo do alarme social sobre a pureza feminina” (GIORGIO, p.224).

Compreendemos que a redação deste texto, publicado em *Flor do Lácio*, ao utilizar os termos flor ou flores para se referir às alunas do Colégio Imaculada Conceição (*flores do jardim colegial; flores que desabrocham; Flor em botão*) ou utilizar os termos como *candura; pureza; ornada de flores; rosas e lírios*, produziu o que Chartier (1991) discriminou como *significações plurais e concorrentes de representações*<sup>79</sup>. Neste sentido, ao mesmo tempo em que as flores teriam a função de um objeto de decoração, que ornaria o lugar onde estava a imagem da *Virgem*, poderia também apresentar uma construção simbólica da pureza virginal.

Outra forma adotada por *Flor do Lácio* para venerar a imagem da *Virgem Maria* seria a publicação de matérias informando sobre a *Hora do Anjo*. Conforme Sylvia dos Anjos, a *Hora do Anjo* também era chamada de *Hora da Ave-Maria* e consistia num momento reflexivo em que os devotos da *Virgem* deveriam parar e rezar à santa. Assim, ao pôr do sol “todos os corações sentem a suave nostalgia deste momento milagroso [...]. O respeito do Grande Mistério. E vós, ó Maria... em cujo seio puríssimo encarnou o próprio Filho de Deus” (FLOR DO LÁCIO, nº 4, 1944, p. 14). Deste modo, através de *Flor do Lácio*, Sylvia dos Anjos convocou os/as leitores/as a rezar à *Virgem*.

Em outra matéria, a aluna *Leolina Oliveira Ferreira* descreve:

Seis horas da tarde! Ângelus! Ave Maria! O sino do pequeno mosteiro faz vir de longe a sua voz, para saudar-vos, ó Virgem das Virgens. Os últimos raios de sol vos saúdam e, em seguida, desaparecem, dando lugar à negra escuridão da noite, E toda gente, com seguir este exemplo, vos saúda. Agora, que todos se recolhem, para prestar-vos as suas homenagens eu também quero, ó Mãe vos saudar. [...] *Maria, Mãe de Deus, rogai por nós* (FLOR DO LÁCIO 1957, p.8, Grifos da autora).

A imagem de Maria ganhou outra significação: a de *Virgem das Virgens*. Para a aluna Leolina Oliveira Ferreira, Maria era a “doce mão que colhe, uma a uma, as lágrimas de nossos olhos. Pura como a gota de orvalho, tremendo sobre a fôlha da parreira [...]. Corajosa como as jóvens que, no meio do mundo, lutam para conservar a sua pureza”

---

<sup>79</sup>Neste processo, Chartier (1991, p.188) lembra que é preciso se propor a “compreender a partir das mutações no modo de exercício do poder (geradores de formações sociais inéditas), tanto as transformações das estruturas da personalidade quanto às das instituições e das regras que governam a produção das obras e a organização das práticas”.

(FLOR DO LÁCIO 1957, p.8). Entendemos deste modo que, a *Hora do Anjo* seria também o momento de refletir termos sobre *pureza e santidade; bondade e submissão*; entre outros adjetivos, atribuídos à figura de Maria. Assim *Flor do Lácio* foi construindo gradativamente estereótipos da *mulher santa*.

Para cultuar à *Virgem (chamada também de Nossa Senhora)*, a redação de *Flor do Lácio* também redigiu sonetos e poemas como apresenta a figura abaixo (ver FIGURA 8):

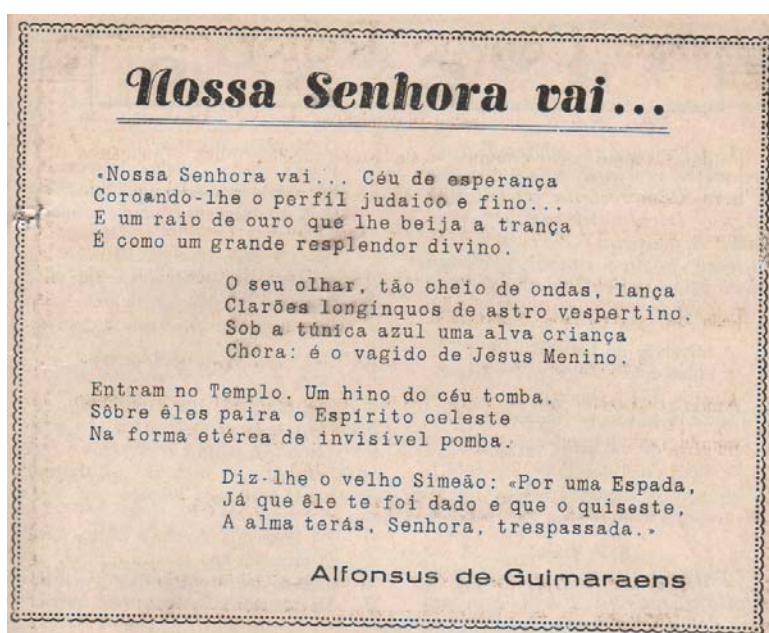


FIGURA 8: Poema a Nossa Senhora.  
Fonte: Flor do Lácio 1945, p.11

A aluna Aleluia Fernandes Murta, em uma matéria comentando sobre os sonetos do poeta *Alfonsus de Guimaraens*, informou que ele era mineiro natural da cidade de Ouro Preto, nasceu em 1870 e faleceu em 1921. Ele, segundo esta aluna, foi considerado como:

Excelente poeta, foi contemplado com o sorriso das Musas, pois tudo que escrevia respirava poesia. Na opinião de críticos e literários, foi um dos maiores, mais originais e mais profundos poetas brasileiros. Tôda natureza o encantava. Seu maior encanto, porém residia na rosa e na lua. *Á virgem Maria* dedicou muito do seu estro. Foi um poeta *puramente cristão*. Depois de publicar bons livros e de educar religiosamente seus filhos, deixou à posteridade exemplo de *um cristianismo bem vivido* (FLOR DO LÁCIO, Nº3, 1944, p.13, Grifos nossos).

Observamos que a equipe de redação<sup>80</sup> da revista recorria aos sonetos do poeta *Alfonso de Guimaraens* para compor, complementar ou fechar alguma página, o que nos chamou a atenção, pois a compilação dos textos para *Flor do Lácio*, como vimos no capítulo anterior, era realizada por algumas alunas acompanhadas da professora de Português Irmã Maria de Lourdes, sendo escolhidos para a revista os textos trabalhados durante as aulas de: Literatura, Redação e Gramática. Logo, compreendemos que ao fazer uso de poetas cristãos e ao utilizá-los na composição de *Flor do Lácio*, a equipe de redação da revista, acompanhada pela coordenação da Irmã Maria de Lourdes, fez uso do que Manoel (1996, p.45) chamou de “... controle do sistema educacional, ou seja, de sistema de formação das mentalidades, especialmente a feminina”.

Contudo, acreditamos que a forma como os textos retratavam *imagem da Virgem* – “mensagem de Bondade, de Amor, de Santidade, sementeira de virtudes” (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.4) – tendiam a direcionar o público de *Flor do Lácio*, em especial às alunas, a compreender, apropriar-se e praticar o exemplo mariano, afinal se tratava de um colégio de formação católica.

Em outro texto, *L. de M* (uma autora fazendo uso de pseudônimo) aclamou à *Virgem Maria* como *a flor das flores*. Numa matéria denominada *Excelsa Rainha do Céu* evocou a santa: “Eis nos aqui, a vossos pés. Dignai-vos trabalhar o coração dêste Colégio a vós consagrado. Semeai-o fecundai-o. Transformai-o em flores, minha Rainha, em outras tantas flores cheias de viço e de perfume [...] que cheira as flores do céu” (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.4). Desta maneira *as flores*, ou seja, as alunas, seriam conduzidas à prática das *virtudes da santidade* conforme *Maria*.

---

<sup>80</sup> Quando nos referimos à equipe de redação estamos nos referindo às alunas que faziam parte da diretoria, redação e do corpo editorial da revista *Flor do Lácio*. Maiores esclarecimentos ver Quadros 3 e 5 no Capítulo 1.



### 2.2.1. A prática da caridade e da beneficência: *missão de salvar almas* e construir uma *vida santa*

Com Giorgio (1991, p.210) observamos que a *feminilização da Igreja*, ocorrida no século XIX, nasceu “sob o signo de uma religiosidade prático-caritativa que se move diretamente no campo da miséria social”. Em Nunes (2009) constatamos que as congregações religiosas femininas surgidas a partir do século XIX abrangiam projetos de uma maior atuação social centrada na imagem da *irmã de caridade* e que este modelo chegou ao Brasil no fim do século XIX, durante o processo de reforma da Igreja Católica, se estendendo no decorrer do século XX. Assim, “o trabalho educativo nos colégios, o cuidado dos doentes, das crianças e dos velhos em orfanatos e asilos constituíram suas principais atividades” (NUNES, 2009, p.492).

Neste contexto as *Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria* também se encontrariam inseridas. Segundo Irmã Maria Dulce, a congregação foi fundada com o propósito de *servir a Igreja local*, expandiu seus trabalhos em que “as solicitações dos Senhores Bispos<sup>81</sup> e sacerdotes foram sempre atendidas, dando-se preferência às Dioceses e Paróquias mais pobres ou aos bairros mais pobres de uma capital” (PEREIRA, 1999, p.8).

A aluna Mariana Aleluia Murta ao redigir uma matéria para *Flor do Lácio* em homenagem ao *Jubileu da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria* comentou:

As boas religiosas não quiseram, porém, trabalhar para glória de Deus somente sob o céu natal. Fundaram outras casas no Congo Belga, na Dinamarca e no Brasil. Por aí podemos aquilatar o grau de amor que têm a Deus essas servas de Cristo. Deixaram a própria família, a pátria, com o sublime objetivo de ganhar almas para Deus (FLOR DO LÁCIO, N° 5, 1945, p. 14).

No processo de *ganhar almas para Deus*, as campanhas missionárias lideradas pelo Colégio Imaculada Conceição teriam o objetivo tanto de arrecadar fundos para obras de caridade como de sensibilizar pessoas. Neste processo, *Flor do Lácio* se tornou um veículo

---

<sup>81</sup> Nunes (2009, p.492) informa que “a Igreja, através dos bispos, preocupados com avanço do protestantismo e com a educação laica, investe fortemente na vida dessas congregações para o Brasil”.

fundamental de disseminação da *cultura da beneficência*. Em uma das matérias direcionadas para *estas campanhas*, a aluna *Terezinha Nonato* convocou os/as leitores/as a praticarem a caridade:

[...]. Ouçamos, pois, as palavras do nosso Mestre, e concorramos também para a grande obra com nosso óbulo de caridade. [...] um grito de entusiasmo seja dado, afim de demonstrar o valor das campanhas missionárias e suscitar na alma o sentimento de caridade, com o qual ela se lembrará de heróis e mártires que renunciando confortos que a civilização lhes oferece, embrenham-se em desertos e selvas, onde sofrem privação de tãda natureza, com o fim de levar a Nosso Senhor novas almas que engrandecem seu reino. Certamente o coração dos católicos não poderá deixar de se sentir tomado de um sentimento puramente cristão e caridoso; será levado ao desejo de associar-se às conquistas daqueles heróis, e procurará auxiliá-los, à medida do possível, com sua prece fervorosa ou uma esmola feita com genorisade (FLOR DO LÁCIO, Nº 3, 1944, p. 06-07).

Os *heróis e mártires* ao que tudo indica, segundo o texto, poderiam ser as freiras, os padres e os voluntários que ingressavam no trabalho missionário. Já o trabalho missionário, por sua vez, consistiria em angariar *almas para Deus*, ou seja, *catequizar novos fiéis* conforme o catolicismo romano. Neste sentido, a aluna finalizou o texto com a solicitação de que os *leitores e leitoras cooperassem* com as *campanhas missionárias*, uma vez que “o êxito das missões” dependeria “de sacrifícios” para a obtenção da “merecida recompensa” (FLOR DO LÁCIO, nº 3, 1944, p. 06-07). Nota-se que a narrativa tratou de um texto com duplo objetivo: solicitar doações e incentivar práticas caritativas.

Para Giorgio (1991), o estímulo às práticas de caridade e beneficência proferidas pelas associações e congregações católicas se apresentou no século XIX como meio de participação feminina no cenário político. As mulheres engajadas neste processo foram consideradas, segundo a autora, como “as pioneiras de envolvimento directo na miséria social [...]. Desta absoluta <<paixão governada pela Virtude>> nascem vibrantes trocas epistolares” (GIORGIO, 1991, p.211, grifos da autora). Contudo, Giorgio (1991) ainda adverte que, a partir do século XX, as práticas caritativas surgiram como mecanismos para afrontamento aos movimentos feministas e as suas ações laicas de intervenção social. “Os católicos renovam os valores e as capacidades sobre os quais podem construir um novo sentido de identidade das mulheres” (GIORGIO, 1991, p.212).

Em *Flor do Lácio* o significado da caridade foi construído à medida que se divulgou resultados dos trabalhos realizados pelas alunas do Colégio Imaculada Conceição em prol das missões (ver FIGURA 9 - ANEXO A). Os recursos arrecadados seriam provenientes do “resultado de barraquinhas, leilões, donativos, jogos, vendas de flôres, etc” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 3, p.15). Este recurso, segundo a equipe de redação da revista, iria “concorrer muito para o progresso da evangelização, para espalhar a luz, a verdade, em muitas partes do mundo, onde há trevas e abismos” (FLOR DO LÁCIO, 1945, Nº 5, contracapa). Assim, o resultado dos trabalhos em prol das missões “atesta, cabalmente, o apreço em que é tida a Obra Missionária em nosso meio. Aos professores e às alunas dêste educandário, os aplausos de *Flor do Lácio*” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº3, p. 15).

Além da divulgação destes resultados, na revista podem ser identificados artigos que abordam temas que refletiam sobre o papel e a importância do missionário *na promoção da beneficência e da santidade*. A aluna Alaíde Martins, ao redigir o texto *O Missionário*, enfatizou que o missionário “é padre e é portanto, o homem que assombra os próprios céus, pois mediante algumas palavras de valor insondável, ele faz descer do Infinito o próprio Deus, o qual vem repousar-lhe nas mãos, para abençoar a terra pecaminosa” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº4, p.6). Mais a frente, no mesmo texto, a aluna argumentou que “o Missionário é o herói desconhecido. É o soldado valoroso que combate e defende [...] a pátria celestial” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº4, p.6). Assim, para a aluna *Alaíde Martins* o missionário não teria uma bandeira qualquer:

A sua bandeira, não é uma bandeira de um estado, de uma nação; é o estandarte dos estandartes, é a bandeira divina, sob cujo poder todos os poderios da terra se curvam. O seu campo de batalha é o universo inteiro e suas fronteiras não tem limites. O seu inimigo é o pecado, a inveja, a cobiça, o orgulho. A sua glória, a sua recompensa é a salvação das almas. (§) Qual pastor, à procura da ovelha desgarrada, o missionário abandona a sua pátria, o aconchego do lar, da família, a amizade dos seus e parte, por terras inhóspitas e distantes, enfrentando perigos mil, sacrificando muitas vezes a própria vida, pela causa da santificação das almas (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº4, p.6).

Segundo Souza (2003, p.1-2), o desencantamento do mundo promovido pelo projeto civilizatório da modernidade tentou promover “uma mudança na estrutura do pensamento a partir da desqualificação do pensamento religioso”. Assim, conforme o autor, para

combater este projeto a Igreja Católica se lançou “a uma ofensiva antimodernista, por vários meios e a um intenso trabalho de salvação das almas” (SOUZA, 2003, p.1-2).

Sobre o trabalho de salvação das almas, proferido pela Igreja Católica, Souza (2003) ainda informa que:

O trabalho realizado por esses agentes é obstinado, vigoroso, metódico e disciplinado, isto é, ele constitui estratégias claramente definidas, a partir de um projeto de Igreja e de sociedade, e conta com uma vasta rede de mediadores. No contexto da romanização, porém, a Igreja destinava a parcelas da população um conhecimento mais sofisticado, produto do investimento que fazia no campo do conhecimento para enfrentar estruturas de pensamento rivais, ministrando-o através de ampla rede escolar, revistas especializadas e vigorosa imprensa. A outras parcelas, sobretudo às classes populares, destinava subprodutos da cultura religiosa, massivamente distribuídos junto às novas irmandades leigas e por ocasião das missões e do catecismo. Para todos, em maior ou menor grau, vigoravam a pedagogia do medo e o largo uso da violência simbólica (SOUZA, 2003, p.2).

Neste sentido, acreditamos que *Flor Lácio* teve um papel agregador ao *semear* em suas páginas estereótipos dos missionários e das missionárias retratando-os/as como aqueles ou aquelas que *salvariam os pecados da humanidade promovendo a cultura da santidade*. Para tanto, *Flor do Lácio* se delineou por perspectivas de textos com exemplos de diversos missionários. Em um deles, por exemplo, assinado pela aluna Maria da Consolação de Magalhães Figueiredo conta-se a história do *padre Fulton Sheen* – um pregador famoso nos Estados Unidos que para evangelizar fez uso de programas de rádio e televisão. Entre os livros que publicou quase todos foram dedicados à Virgem Maria. De acordo, a aluna, o padre Sheen ficou conhecido como o *Apóstolo da Televisão*, pois falava “todos os domingos para uma audiência calculada em 2.000.000 de ouvintes” (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.9).

As histórias das missionárias fundadoras (as Irmãs Belgas) do Colégio Imaculada Conceição também foram tomadas como exemplos de *caridade, beneficência e missão*. Ao comentar sobre o trabalho destas Irmãs a aluna *Mires Dalva Vieira* afirmou:

No trabalho anônimo e produtivo onde alma e o cérebro vibram com a maior intensidade, onde palpitam os corações daquelas que são para nós como mães carinhosas, que vivem com pensamento voltado para suas filhas, sente-se a

grandiosidade da majestosa obra que as piedosas Irmãs do Sagrado Coração de Maria realizaram em benefício de nossa terra. E nessa luta sem descanso, dia, após dia, as servas de Deus veem crescer o Colégio, sob a proteção de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, espalhando sadios conhecimentos dignos de mestras FLOR DO LÁCIO, 1956, p.10

Assim, Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria foram conhecidas como “Irmãs de Caridade” (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.18). Outro meio de estimular a prática de caridade era estampar imagens de alunas que se colocavam a serviço dos trabalhos missionários (ver FIGURA 10).



FIGURA 10: Foto das Alunas Missionárias.  
Fonte: FLOR DO LÁCIO, 1945, n° 5, p.8.

Conforme Hall (1997; 2002), interpretamos as palavras de formas diferentes. Assim, cultura é ao mesmo tempo definida nos termos dos significados e mapas conceituais que compartilhamos. A linguagem está, portanto, segundo o sistema de representação, envolvida num processo global permeado de significados<sup>82</sup>. Desta maneira, acreditamos que os textos que analisamos nesta seção e a foto (FIGURA 10) demonstram que *Flor do Lácio* compartilhava dos valores católicos da caridade. Ao produzir e veicular

<sup>82</sup> Hall (1997-2002) Tradução livre

informações que demonstravam *exemplos de beneficência, servidão e missão*, a revista produziu uma construção, ainda que indireta e simbólica, da representação da *mulher santa*.

### 2.3. Flor do Lácio: a construção da representação da esposa-mãe

#### *POR QUE GOSTO DE MAMÃE*

*Gosto da minha mãe porque foi graças a ela que vim ao mundo. Foi ela que, quando era pequena, me acariciava, levava-me ao colo e, quando dormia, velava o meu sono. E, hoje vejo nela uma pessoa carinhosa e amiga sempre disposta a fazer sacrifícios para satisfazer minha vontade. Ela representa para mim um verdadeiro espelho, pois procuro segui-la em tudo e tenho convicção de que, seguindo os seus exemplos, terei uma vida cheia de alegria e felicidade. Finalmente, bendigo a Deus e lhe dou graças, pelo bem inestimável que me concedeu, em reservar para mim uma tão meiga e boa criatura. Penalizo-me daqueles que tão novos e tão cheios de ambições, perderam este tesouro supremo, que é a Mãe (Mirian Inês Veloso Silqueira, Flor do Lácio, 1957 p.4).*

A difusão da cultura materna foi outro ponto chave em diferentes artigos de *Flor do Lácio*. No excerto acima é possível identificar uma representação da mãe como figura *solicita, generosa, pronta para servir*. Assim, as atitudes deste modelo de mãe se transformariam em exemplos para serem seguidos pelas filhas. Giorgio (1991, p.230) lembra-nos que para a cultura católica “a maternidade da Virgem apagou o pecado de Eva”. Desta forma, a imagem da mãe, que carinhosamente é chamada no texto de *mamãe*, visou expressar o *exemplo de Maria*.

No ano de 1943, no texto *Conto de Natal*, escrito pela aluna Terezinha Machado, é possível notar que a *concepção da filha como espelho da mãe* estava mais uma vez presente em *Flor do Lácio*. No *Conto*, a aluna relata sobre a história de *Nanci – uma loira criança* que foi raptada por ciganos, no momento em que *rezava* no Presépio da Igreja – cantando “um hino que a sua mãe a ensinára com carinho” (FLOR DO LÁCIO, 1943, nº2, p.11-12). Segundo a narrativa, a mãe de Nanci a deixou sozinha por um momento para procurar seu irmão, por isso, ela foi roubada. O tempo passou, “Nanci crescera e tornara-se uma jovem forte e robusta” (FLOR DO LÁCIO, 1943, Nº2, p.11-12). Porém, nunca esqueceu sua mãe “triste e chorosa, como talvez ficara, quando não encontrou mais a sua

filha junto ao Presépio” (FLOR DO LÁCIO, 1943, Nº2, p.11-12). Assim, ao retornar a sua terra natal, a jovem foi rezar numa igreja onde:

De súbito, sentiu’ a mão pesar-lhe no ombro e viu o jovem que se tornara seu amigo dizer-lhe: “Há anos atrás, deixei aqui uma linda menina, minha irmã e correndo atrás de vagalumes fui apanhado por estes miseráveis que me têm até hoje”. Os olhos de Nanci tinham um estranho brilho. Estava ali uma história simples e quase igual a sua. Lembrava-se então do seu irmão, e reconhecia-os pelos traços, pelas maneiras e pelos belos olhos iguais aos seus. E sem saber o que dizer, cantou com a mesma voz, doce e triste o que cantara ali, há muito tempo: [...]. E a voz forte do seu irmão continuou [...]. Ouviram então uma voz fraca que os acompanhava. Reconheceram, naquele momento, a mesma voz que os havia ensinado a cantar e viram então uma mulher já de idade, mostrando nas faces os mesmos traços de Nanci, já gastos e maltratados com o tempo. Abraçaram entre lágrimas de alegria sua querida mãe (FLOR DO LÁCIO, 1943, Nº2, p.11-12).

“É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’...” afirmou Beauvoir (2009, p. 645). Conforme Giorgio (1991, p.231), os deveres da mãe católica emergiram no século XIX, com a disseminação de concepções “de dedicação, de sacrifício e de educação religiosa”. No Brasil, Borges (1980, p.119) alerta que este ideal de mãe zelosa, introduzido no referido século, induziu a ideia de que “... cabia à mulher fazer crescer, em seus filhos, os bons costumes e a escolha de uma vida honrada e correta”. Desta forma, constatamos que a figura de mãe representada nos dois textos de *Flor do Lácio* traduziu a imagem de *uma mãe inesquecível disposta a sacrifícios e provações* conforme o exemplo da *Virgem Maria* que suportou com “paciência e coragem as aflições da vida” (MARISTAS, 1923, p.34).

Todavia, a representação desta mãe não estaria isolada e sim acompanhada pela imagem da esposa. Isto porque o casamento, segundo Beauvoir (2009, p. 547), foi entendido como “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher...”. Assim, a *instituição do casamento* foi compreendida de maneira diferente para homens e mulheres. Nos tempos primitivos, por exemplo, informa a autora, a existência do homem seria justificada por sua independência e pelo trabalho que ele forneceria à coletividade. Já a existência da mulher se justificaria por sua função reprodutora e doméstica. Para Beauvoir (2009), esta sociedade era formada *basicamente pelas leis dos homens*. Aos homens era oferecido o direito de escolher suas esposas, enquanto às mulheres não seria permitido nenhuma escolha, elas seriam dadas em casamento como uma mercadoria.

Sobre a instituição do *casamento*, Beauvoir (2009) apontou que com o passar dos tempos, esta instituição assumiu uma forma de *contrato que não alterou muito a situação feminina*. Assim, ao situar a primeira metade do século XX, a autora lembra que o casamento ainda demonstrava este aspecto tradicional ao salientar que:

Uma mulher só, na América do Norte mais ainda do que na França, é um ser socialmente incompleto, ainda que ganhe sua vida; cumpre que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos. A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo e o filho é para ela um pesado *handicap*. Por todas essas razões, muitas adolescentes do Velho e do Novo Mundo, quando interrogadas acerca de seus projetos futuros, respondem hoje como o teriam feito outrora: “Quero me casar” (BEAUVOIR, 2009, p.553, grifos da autora).

No Brasil, no final do século XIX e primeira metade do século XX, esta visão ganhou notoriedade, sobretudo devido às influências da ideologia de caráter religioso e do *pensamento positivista*. Conforme Almeida (2007), a preparação da mulher para *esposa-mãe* ocorreu em três instituições: *na escola* onde as moças seriam instruídas a manter os valores da castidade e da pureza; *na igreja* quando através da confissão seriam induzidas a controlar os pensamentos compreendidos como impuros (aqueles relacionados ao sexo ou a sua prática) e *na família* que estaria voltada a impedir qualquer tipo de transgressão sexual de suas filhas. Além disso, a *influência do pensamento positivista* valorizou “principalmente a mulher como mãe e esposa abnegada, para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade, sendo o casamento e a maternidade suas únicas aspirações” (ALMEIDA, 2007, p.71).

Neste contexto, em diferentes artigos de *Flor do Lácio* notamos a presença dos valores destinados à construção do perfil da *esposa-mãe*. No texto a seguir, por exemplo, a aluna Neuza Pinheiro descreve instruções sobre como os pais devem agir na criação e educação dos filhos:

Filho és e pais serás, assim como fizeres, um dia acharás. Assim como nos diz o provérbio, já houve casos que muitos nos puseram a pensar. Dentre êsses, apenas um citarei. Na cidade do Rio de Janeiro, num subúrbio, havia um casal que tinha uma única filha. Esta era criada com todo carinho e vontádes, embora as mais absurdas. Enfim, era uma criança de modos defeituosos. Ao chegar a idade da razão, foi preciso interná-la em um Colégio para começar sua instrução. A princípio a menina não demonstrou os defeitos, mas uma semana após conviver no colégio era a mais insubordinada. Acontece, porém, que devido ao mau procedimento foi preciso ser expulsa do estabelecimento que frequentava. Os



pais, tristes e reconhecendo o erro que haviam praticado por ter mimado, não se sentiram com coragem de repreendê-la, pois, esta já era senhora de si. Tendo arranjado um casamento, quando se tornou esposa [...]. Anos após, quando já era mãe de um robusto menino, sentiu o amor que todas as mães têm aos filhos. É que reconheceu a falta da velha que tanto a amara. Com o tempo veio ela sofrer grande ingratidão da parte da filha, o que a fez lembrar de seu procedimento com seus pais (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 3, p.10).

Tem-se neste texto, a presença da ligação entre casamento e maternidade. Quem criou a filha ingrata? *Um casal que errou ao dar tudo à menina*. Quando a menina se arrependeu? *Quando casou e se tornou mãe*. Neste contexto cíclico, em que a estória é contada, a imagem da *esposa-mãe* apareceu de forma visivelmente intercalada. Detectamos esta mesma característica no texto, escrito pela aluna Onolita Peixoto, a seguir:

Sentados na relva, três pessoas felizes sorriam. A terceira era um lindo menino que, nos seus 8 anos, irradiava felicidade e precoce inteligência. Os olhos azuis como safira ainda bruta formavam com os lindos cabelos loiros um tipo encantador. Herdava-os de sua mamãe. Era alegria daquelas duas almas unidas no amor e na compreensão. Ao conversar com o papai, mostrava-se orgulhoso, tal qual um rapazola que já quer o título de ‘senhor’ ...era assim o Carlinhos. De repente, com toda a vivacidade que lhe era peculiar, salta para mamãe, com as mãozinhas presas a seu queixo e num gesto todo infantil: ‘Mamaezinha é tão linda... Não há outra mamãe mais bonita... de olhos mais azuis, de cabelos mais loiros, mais lindos que os da minha mamãezinha’ (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº 5, p.06)

Nota-se que a família representada, em ambos os textos publicados por *Flor do Lácio*, o modelo da *Sagrada Família* (composta por: *Maria, Jesus e José*). “A exemplo da Sagrada Família devemos amar a vida humilde, laboriosa e oculta; santificar todas as ações pela oração, obediência e união com Deus” (MARISTAS, 1923, p.30). Contudo, a imagem construída também traduziria a ideia de uma representação/espelho em que as características do *filho Carlinhos se deveriam aos atributos da herança materna*. A mãe e o filho contendo características *loiras* conduziram-nos a considerar a influência da educação nos moldes da cultura europeia e do *imaginário social* em que estavam inseridas as alunas do Colégio Imaculada Conceição.

Percebemos ainda em *Flor do Lácio* algumas perspectivas que considerariam permissíveis a fomentação da imagem de uma *esposa-não-mãe* e de uma *mãe-não-esposa*. No primeiro caso, a única esposa cuja função da procriação não lhe seria imputada era a figura da religiosa a “esposa de Cristo, cuja vida é exemplo dignificante de verdadeira renúncia e elevado amor a Nosso Senhor” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 3, p.5). As religiosas,

segundo a aluna Eponina Bastos, seriam “esposas fiéis do Redentor, que iam levar o conforto material e espiritual a muitas almas que nem conheciam o verdadeiro Deus”(FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 3, p.5). No segundo caso a figura da *mãe e solteira* deveria ser aquela cujos filhos nasceriam da prática docente do magistério – *as mães espirituais*<sup>83</sup>, como por exemplo a professora “Exma. Senhorita Dulce Sarmiento<sup>84</sup>” (FLOR DO LÁCIO, 1943, nº 3, p. 13).

A figura da mãe em *Flor do Lácio* também estaria conectada à instrução dos serviços domésticos. Na matéria *Férias*, por exemplo, a aluna Ana Nunes da Silva comentou que “nessas férias pretendo ajudar muito a mamãe nos trabalhos da casa, principalmente na formação do jardim” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 4, p. 14). Percebemos no texto a conotação, no sentido em que a educação tornou a filha uma pessoa *consciente* de que é sua obrigação ajudar a mãe nos trabalhos domésticos. Por outro lado, seria a própria mãe a responsável pela instrução da filha na formação desta *habilidade*, dado que numa sociedade de cultura *patriarcal*, como a nossa, caberia à mulher o cuidado com o lar (LOURO, 2008; BEAUVOIR, 2009).

A mãe ideal, segundo trechos de uma poesia escrita por Sílvia dos Anjos para *Flor do Lácio*, deveria ser “uma heroína, boa, piedosa, dedicada e santa” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 4, p. 11) ou como escreve a aluna Maria José Santiago:

Mãezinha feliz que embala um berço de criança, velha, branquinha, corcovada e enrugada que diante de um oratório singelo, ora pede pelo filho distante, tôdas as mães da terra ditosas ou cheios de amarguras, é chegado o dia em que festejamos a sua santa missão, a imagem veneranda. [...] No dia das mães lembramo-nos daquelas santas queridas que tão cedo partiram para um mundo melhor; das velhas de cabelos grisalhos e rostos enrugados que diante da Virgem, passam e repassam as contas gastas do rosário, como se fôssem contas de tortura, labaredas que queimam seus dedos magros pálidos e que ela reza de sol a sol:

---

<sup>83</sup>Conforme Louro (2008, p.104) a representação do magistério foi construída sob o ponto de vista de “uma atividade que implica doação, dedicação, amor e vigilância. As mulheres professoras – ou para que as mulheres possam ser professoras – precisam ser compreendidas como mães espirituais”. Sobre a profissão docente feminina trataremos no capítulo seguinte.

<sup>84</sup>Maia (2007) considera Dulce Sarmiento e outras professoras solteiras como “solteironas reabilitadas”. Ou seja, segundo ela eram mulheres “celibatárias que não necessitavam do apoio financeiro de outros parentes para sobreviverem e que se dedicavam as causas sociais e as cuidados com os sobrinhos. Eram as tias velhas funcionais às famílias de seus parentes, lembradas com carinho e saudosismo por vários memorialistas como [...] Dulce Sarmiento, em Montes Claros, Dona Benzinha, em Diamantina, ou artistas mineiras como Henriqueta Lisboa que deram nome a escolas, praças e bibliotecas. Por colocarem os interesses dos outros (família, amigos, igreja, comunidade) acima ou ao lado dos seus elas foram percebidas/descritas com maior complacência” (MAIA, 2007, p.205).

pede pelo filho estroina, pelo filho ladrão, assassino, malfeitor que nas celas escuras da prisão, redimem os seus males; atrás de grades tristes e feias talvez se lembrem da doce e infeliz velhinha. Eles se arrependem: Deus não deixará de ouvir o pedido de uma santa, aos pés de outra santa ajoelhada (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.02).

Esta mãe foi veiculada por diferentes artigos de *Flor do Lácio*, segundo o modelo da *Virgem*. Pois, conforme manuais do catecismo do início do século XX, Jesus pediu para que Maria assistisse sua morte “para que ela cooperasse para o sacrifício da vida de seu Filho, na salvação dos homens” (MARISTAS, 1923, p.32). Assim, a figura da mãe de *Flor do Lácio* teria como propósito a catequização das alunas segundo as virtudes marianas. Neste sentido, esta mãe seria compreendida como *um anjo de amor e doçura como uma santa*. Assim discorre a aluna Alvanir de Souza Garcia:

Mãe – esta palavra tão pequena e que exprime tôda a imensidão do amor humano, este amor que é chama purificante, que serve de alento e refrigério para um filho!... (§) A mãe não é sòmente a mulher, mas a santa, que por seu amor e dedicação, muito se assemelha a Deus. (§) A mãe é fonte de consôlo, onde o filho se refugia, mas nas tempestades da vida. E’ o farol que guia para o pôrto da salvação. E’ quem eleva nossa alma para o Creador. Sua bênção materna cobre-nos como nuvem benfazeja; para tornar-nos dignos dela. Sua vida é um rosário de sacrifícios e um orvalho de lágrimas. Sua alegria é o brilho que há nos olhos meigos e puros de uma criança. Seu carinho é autora de luz que resplandece na escuridão da noite. Seus sofrimentos pelo filho amado é a coroa que enaltece e glorifica. Seus conselhos é voz divina que sibila na tempestade, indicando o caminho a seguir. Em seu olhar há uma luz de compreensão e perdão para o filho que lhe crava no coração espinhos aguçados. Suas palavras atravessam o infinito e chegam ao recôndito do coração do filho. (§) Mãe é fonte inesgotável de amor e bondade. Mãe é o maior tesouro que Deus deixou na terra. (§) Mãe é própria imagem da Mãe do Senhor! (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.20)

Nas páginas de *Flor do Lácio* detectamos o mesmo perfil de mãe construída pelo modelo católico do século XIX. A mãe que, segundo Giorgio (1991, p.234), “vive para os outros”, cuja imagem de *mulher solícita* e o exemplo da mulher *abnegada voltada para social e para servidão*, adentrou o século XX. A autora ainda informa que a imagem desta mãe foi tomada como “característica dominante da psicologia feminina” (GIORGIO, 1991, p.234). Por fim, a Igreja, para Giorgio, compreendeu “*a essência social do feminino como prova de uma relação privilegiada das mulheres com Deus*” (GIORGIO, 1991, p.234).

Em alguns casos, a figura de mãe apareceu *como aquela destinada a cumprir os desígnios de Deus*. No texto *Uma visão celeste* escrito pela aluna Maria Rodrigues Avelar, por

exemplo, *a santa mãezinha* que havia morrido apareceu num sonho para a filha. Veja no texto a seguir:

E o sol continuava em sua vertinosa carreira no firmamento celeste, prestes a desaparecer no horizonte. (§) Alice já se sentia cansada demais; as poucas forças que lhe restavam ainda iam se extinguindo. Não conseguiria ela chegar até o lugar onde se achava sepultada a sua pranteada mãezinha? Ela andava sempre apressada, a fim de atingir seu destino. [...]. Em sua cabecita, mil pensamentos passavam, várias vezes, até que sem perceber chegou ao túmulo. (§) Pôs-se a derramar copiosas lágrimas por sôbre os lírios do campo que ali já florescia, até que de tão exausta, adormeceu profundamente sob os protetores braços da tosca cruz de madeira. (§) E sonhou... Sonhou que sua mãe lhe vinha ao encontro com lindas vestes brancas. Chegando perto dela, Alice lhe disse: ‘Oh, minha querida mãe! Que saudades eu já sentia de ti! Estás tão linda... Vives em um lugar tão bom... [...] Oh! Leva-me contigo mãezinha. Eu não tenho casa; sou muito maltratada e meu desejo é unicamente morar em tua companhia...’ (§) D. Maria deu-lhe um terno beijo dizendo: ‘Minha querida filhinha, já sofreste demais e soubeste, felizmente, suportar tudo com grande resignação, em memória de tua mãe e, sobretudo, por amor a Jesus. Mas, Ele te recompensa hoje; serás também muito feliz, como estes anjinhos que aqui vês. De hoje em diante morarás comigo para sempre... Jamais perder-me-ás...’ (§) Alice acorda muito sobressaltada e, tentando elevar-se, cái desfalecida. (§) ... Sua mãe a havia levado e o que ela teve não foi um sonho, mas sim uma verdadeira visão do céu (FLOR DO LÁCIO, 1945, Nº 5, p.25.)

A figura desta mulher que não morreria para um(a) filho(a), cuja alma se transformaria numa *santa* que cercada de *anjinhos* viria num sonho atender seus desejos da sua primogênita, e a representação de uma filha que pelo fato de ter sofrido com resignação em memória à imagem de sua mãe e aos ensinamentos cristãos transmitem a ideia de que a maternidade ultrapassa fronteiras da morte. Contudo, observamos que, tanto a dinâmica da mãe boa quanto da filha obediente fazem parte de uma estratégia que teria como propósito contribuir para a *formação simbólica da identidade feminina de subserviência e resignação*. Neste sentido, corroboramos com Bourdieu (1999) quando ele salienta que:

Simbolicamente voltadas à resignação e à descrição, as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou, pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração (como eminências pardas) (BOURDIEU, 1999, p.43).

Assim, percebemos que *Flor do Lácio* projetou estereótipos de *uma mãe santa, solícita, dedicada e, sobretudo forte, possuidora de um poder divino simbólico*. Esta mãe era sem dúvida a representação da *querida mãezinha*, cujo “doce nome ‘Mamãe’ é uma palavra pronunciada com fervor por todos, seja quem fôr, mesmo os mais vis” (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.20). Seria também a imagem da mãe que “no deserto desta vida” não deixaria o/a

filho/a “fenecer no meio do caminho” (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.02). Ao nos basearmos em Chartier (1992, p.235) quando afirma que “a crença e a descrença andam juntas e a aceitação da verdade daquilo que se lê ou ouve não diminui as dúvidas fundamentais acerca dessa suposta autenticidade” compreendemos que os/as leitores/as apropriaram-se, como verdade, do ideal de *esposa-mãe* construído por *Flor do Lácio*.

### 2.3.1. Flor do Lácio: esculpindo corpos e refletindo sobre os valores da vida

De acordo com Knibiehler (1991, p.351), “ as mulheres do século XIX, na sua maior partes crentes, se não piedosas, aprenderam que o corpo é o inimigo da alma, o maior obstáculo da salvação”. Esta afirmação descrita por Knibiehler (1991) fundamentou a educação das mulheres no século XIX e, segundo Almeida (2007), também adentrou nos espaços dos colégios católicos para a formação feminina durante a primeira metade do século XX. Sobre isto, Bourdieu (1999) sinaliza que na construção das identidades a ordem social funcionou como uma importante máquina simbólica:

Os esquemas que estruturaram a percepção dos órgãos sexuais e, mais ainda, da atividade sexual se aplicam também ao próprio corpo, masculino ou feminino, que tem seu alto e seu baixo – sendo a fronteira delimitada pela cintura, signo de clausura (aquela que mantém a cintura fechada, que não desamarra, é considerada virtuosa, casta) e limite simbólico, pelo menos para a mulher entre o puro e o impuro (BOURDIEU, 1999, p.24-25).

Em *Flor do Lácio* vimos que o *perfil feminino ideal* seria aquele da aluna que soubesse “atrair pelo moral [...] fosse de fato mui sensata [...] aplicada de veras ao estudo” (FLOR DO LÁCIO, 1943, Nº 02, p. 09), ou seja, uma aluna que fosse “dotada de excelentes qualidades, gozando de notável influência [...] dedicada à família o pensamento. Cultua-lhe com zelo, as tradições, e cumpre exatamente seu dever” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 04, p. 08), ou ainda aquela aluna que “no místico jardim do sentimento cultivava a nobre flor das devoções à Maria, consagrando todo o ser” (FLOR DO LÁCIO, 1944, nº 04, p. 08).

Assim, segundo a equipe de redação de *Flor do Lácio*, a beleza física da mocidade deveria ser “uma canção de louvor a Deus. A nobreza da Virgem espelhou-se em seu exterior. Você, também, minha cara jovem, tem o dever de refletir, no ambiente de sua convivência,

os encantos de sua alma” (FLOR DO LÁCIO, 1957, p. 12). Foram publicadas em *Flor do Lácio* fotos de alunas tidas como exemplares para apresentar e visualizar para os/as leitores/as esta tal beleza física, veja a foto abaixo (ver FIGURA 11):



FIGURA 11: Foto Maria de Lourdes Mourão. Aluna premiada na conclusão do curso ginásial.  
Fonte: Flor do Lácio 1957, p.18.

De acordo com Bourdieu (1999, p.38), “a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou penteados”. Na foto da Figura 11 notamos uma postura moral na aluna uniformizada. Neste processo, Almeida (2007) infere que a religião contribuiu para manter o caráter moral e subserviente da figura feminina. “Para as mulheres, o cristianismo talvez tenha representado a mais efetiva forma de controle do corpo e da alma acobertada pela louvação à maternidade e à sacralidade dessa missão” (ALMEIDA, 2007, p.80).

Para Foucault (2001) os espaços visíveis de disciplinamento e submissão transformariam os sujeitos em corpos dóceis e úteis na medida em que o poder disciplinar buscou, pelo nível dos indivíduos, controlar *seus corpos e mentes* determinando *gestos, atitudes, discursos, aprendizagem, vida cotidiana*. Mediante análise, concluímos que *Flor do Lácio* buscou promover, por meio de alguns textos, valores do cristão católico e da cristã católica com intuito de induzi-los *ao controle e ao exercício da moral*.

O texto a seguir, assinado pela aluna Edeluiss Sarmiento de Medeiros, exemplifica nossa afirmação:

O Cego... Lá vai êle errando pelas estradas, pelos caminhos, guiado por um menino que traz no olhar negro como a morte a tristeza e a resignação, a paciência e o amôr. (§) É aquele inválido que Deus negou a luz, é aquele que vê as belezas do mundo, através dos sonhos e das mansas e doces explicações do seu pequeno companheiro. Muitas portas das igrejas, nos mercados, em todos os lugares onde há aglomeração de gente, lá está êle de chapéu na mão, implorando uma moeda, um pedaço de pão, um sustento. (§) E nós, mesmo que sejamos pobres, mas que temos a graça de ver, passamos por êle indiferentes, nem notamos a sua presença e, quando o vemos, nem calculamos seu sofrimento. Sim, êle é cego de olhar e nós somos cegos de coração. O nosso coração frio e indiferente não enxerga o sofrimento daquele pobre de cabeça encanecida pelos anos de sofrimento. (§) Ó Deus, que sois bondoso, daí a esse cego de roupas esfarrapadas, muita força, muita resignação e muita fé em vós. E a seu companheiro, êsse menino de expressão tristonha e doce, conservai-lhe a vida até que o sono da morte leve o cego, e conservai também para êle um lugar aí no céu (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº5, p.26).

O excerto ainda nos remete a Chartier (1991, p.178) quando ele afirma que devemos considerar a “matéria com que se opera o encontro entre ‘o mundo do texto’ e o ‘mundo do leitor’”. Detectamos que por meio do texto *O Cego* os leitores e leitoras foram induzidos a refletirem sobre a *condição humana*. Assim, a *cegueira do coração*; os valores caridade e da resignação; e até mesmo a prática da observação fariam parte de *constructo social de significações* da fé católica (CHARTIER, 1991; HALL, 2000). Neste mesmo ensejo, no texto *A Raposa e a Máscara*, escrito por Leolina O. Ferreira, estas significações mais uma vez foram retomadas:

“Conta-nos a fábula que certa raposa, ao se lhe deparar uma máscara muito linda, [...], proferiu as seguintes palavras: ‘ – És obra prima , não nego, quem te fez tinha talento. Mas onde está teu miôlo Essência do pensamento?... Já dois mil anos passaram, depois dêsse encontro da raposa e da máscara. E para grande tristeza nossa, hoje, talvez mais que naquela época, encontramos carinhas lindas de moças e rapazes, chamando a atenção de todos, ao atravessarem uma

avenida, como se fôssem verdadeiros astros do cinema, com seu porte elegante, seus trajes no rigor da moda, etc. (§) *Mas o principal falta naqueles jovens. O juízo. Fazemos uma pergunta a êsses jovens do famoso século XX: Em que consiste a vida? E vem logo a resposta. Em saber viver. Aproveitar tudo que o mundo nos oferece. Andar dia e noite nas bancas de jôgo, ás mesas de um bar, nas 'boites', nos cassinos e na última moda. Isto è o que êles chamam de viver. Isto sim que é elegante.* (§) Para êsses jovens, a vida é andar acompanhado a chamada evolução do tempo. É preciso que acompanhem esta evolução, para não caírem no ridículo. (§) Mas é preciso saber acompanhá-la. *E' preciso que êsses jóvens compreendam que esta maneira de viver, de proceder não é correta; que o caráter de um homem se forma justamente nessa idade.* Do contrário, amanhã ou depois, *quando forem pais, jamais poderão dar formação completa aos seus descendentes, pois êles desconhecem os princípios da formação moral-cristã*” (FLOR DO LÁCIO, 1956, p. 19-20, Grifos nossos).

No texto, a aluna Leolina O. Ferreira articula discussões entre tempos modernos, formação e educação. Constatamos que além de *construir significações*, o texto acentuou-se também certa *insatisfação com jovens que ferem a moral-cristã*. Estes, conforme a autora, não conseguiriam se tornar *bons pais* porque não poderiam ensinar a seus filhos os valores considerados pelo catolicismo *corretos e verdadeiros*. Seguindo Manoel (1996), *o destino das almas* seria um ponto central das preocupações do catolicismo:

O homem foi criado para a vida e a vida não se restringe ao mundo físico. Ao contrário, a vida material se constitui num período transitório, em que as almas devem ser preparadas para sua destinação final a eternidade, essa sim a verdadeira vida. A preparação da alma significava, antes de tudo, a educação do homem de modo a permite-lhe triunfar sobre as paixões e os baixos instintos, fortalecendo-lhe a vontade e o caráter, de modo a garantir a salvação (MANOEL, 1996, p.57).

Sobre este contexto, Almeida (2007, p.81) lembra-nos que “as mulheres foram as principais destinatárias da ideologia religiosa, as fiéis transmissoras dos papíros sagrados da ordem, da moral e dos preceitos cristãos”.

Concluimos que por meio dos textos como, por exemplo, *O cego* e *A raposa e a máscara*, as autoras destes artigos almejavam defender o ponto de vista do Colégio Imaculada Conceição acerca do que deveria ser ensinado as suas alunas, girando sempre em torno da necessidade de se *manter a moral-cristã-católica*. Assim, *Flor do Lácio* esculpiu *corpos e almas*, criando um modelo feminino de *santa e esposa-mãe*, nos ditames da *cultura mariana*.



### CAPÍTULO 3

#### FLOR DO LÁCIO: CONSTRUINDO E TRANSFORMANDO MENINAS/MULHERES EM PROFESSORAS

... *E a mulher triunfou, porque ela se dedicou de um modo particular a digna tarefa de educar...* (FLOR DO LÁCIO, 1943, nº 2, p.03).

A educação da mulher, segundo Borges (1980), se justificou sob dois pretextos. De um lado caberia à mulher as tarefas do lar, a dedicação ao marido e aos filhos, por isso necessitaria ser orientada e educada para que pudesse ocupar de *tão sublime* missão. Alguns destes aspectos identificados na revista *Flor do Lácio* e que foram discutidos no capítulo anterior deste trabalho. De outro lado a mulher seria a principal responsável por fazer crescer nos filhos bons sentimentos, hábitos e virtudes de uma vida honrada e honesta, para tanto precisaria ser instruída. Neste processo, a formação escolar desempenha uma importante função ao incluir entre seus objetivos a preparação da mulher *mãe-esposa*, como ocorria nas escolas confessionais, por exemplo, o Colégio Imaculada Conceição. Além da instrução escolar, voltada para a formação docente, as mulheres recebiam uma educação moral e religiosa, cuja imagem da *Virgem Maria* atuou como *modelo de perfil feminino ideal*.

Sobre este contexto, Almeida (2007) informa que, durante as primeiras quatro décadas da República brasileira, o magistério e a educação foram compreendidos como mecanismos “eficazes e determinantes para a formação de profissionais encarregados de exercer o ensino” (ALMEIDA, 2007, p.96). Assim, segundo a autora em pauta, a educação feminina no ensino normal foi justificada da seguinte maneira: “educar as mulheres para tornar melhores os homens, instruir futuras mães para que contribuíssem para a grandeza da pátria” (ALMEIDA, 2007, p.99).

Deste modo, observamos que se atribuía à escola normal dois papéis: um de formação da *esposa-mãe* e outro da formação docente. O magistério, conforme Louro (2009), foi compreendido como uma extensão da maternidade. Alguns defensores da educação feminina e alguns educadores “afirmavam que as mulheres tinham ‘por natureza’, uma

inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequeninos” (LOURO, 2009, p.450).

Ao analisar os conteúdos da revista *Flor do Lácio* notamos que algumas das matérias publicadas também corroboravam com as concepções apresentadas por Almeida (2007) e Louro (2009). Assim sendo, o presente capítulo, propõe discorrer sobre como se articulou a formação de meninas/mulheres para o magistério nas páginas da referida revista. A denominação meninas/mulheres se apoia ao fato de *Flor do Lácio* ter circulado no espaço do Colégio Imaculada Conceição, abrangendo principalmente às alunas matriculadas no ensino fundamental e médio.

Parte-se de uma reflexão histórica pela qual procuramos traçar uma análise de como se processou a educação e a instrução feminina no contexto brasileiro. A seguir, abordamos sobre formação e transformação de normalistas em professoras. Neste tópico buscar-se-á, por meio da revista *Flor do Lácio*, explicar como se deu a representação da *professora primária*, assim como também os deveres atribuídos a ela. Finaliza-se com a discussão sobre os conceitos e as ideias pedagógicas presentes em algumas matérias de *Flor do Lácio*, que serviram de base na construção da *professora moderna*.

### **3.1. A Educar e instruir meninas/mulheres professoras: refletindo a história**

Na transição do século XIX para o século XX emergiu na sociedade brasileira o *discurso positivista* que colocou a educação como primordial para a emancipação do país. De acordo com Louro (2009) este mesmo discurso foi responsável pelo aumento da presença feminina, tanto no ensino normal quanto no exercício da profissão docente. Desta forma, o magistério foi visto como uma profissão feminina, uma vez que fomentou-se a concepção de que “as classes de meninas deveriam ser regidas por senhoras honestas” (LOURO, 2009, p.449).

Esta concepção contribuiu para um movimento que daria origem à chamada *feminização do magistério*<sup>85</sup>. Tal movimento ocorreu, conforme Louro (2009), no final do século de XIX e se estendeu até segunda metade do século XX. Esta *feminização* também derivou de fatores como, por exemplo, o processo de urbanização e industrialização que gerou novos postos de trabalhos masculinos. Além disso, a autora lembra que a presença dos imigrantes e o desenvolvimento dos setores sociais médios constituíram as novas possibilidades em relação à escolarização<sup>86</sup> (LOURO, 2009).

Sobre este contexto, Almeida (2007) afirma que a *feminização* do magistério ocorreu na medida em que as Escolas Normais notaram maior frequência de mulheres em relação aos homens, assim como também o crescimento na ocupação deste espaço profissional por mulheres. Todavia, Durães (2011) reporta que tal *feminização* não se traduziu somente como uma questão de entrada de mulheres no ensino normal e no exercício da profissão, para ela, houve uma mudança nos atributos necessários ao trabalho docente. Entre estes atributos se destacam as virtudes femininas de mãe bondosa, carinhosa, dedicada, santa, entre outras características mencionadas no capítulo anterior, vistas como necessárias na educação infantil.

Para Durães (2011, p.13), a proliferação de tais atributos gerou “o reconhecimento da mulher como portadora da condição maternal e, por isso, necessária às crianças possibilitou o surgimento da *mestra maternal* das escolas primárias”. Este reconhecimento, assegura a autora, se deve às influências dos pedagogos *Pestalozzi e Froebel*<sup>87</sup> que defenderam, ao longo do século XIX, “a ideia da mulher como educadora e como mestra infantil”(DURÃES, 2011, p.13).

---

<sup>85</sup> Segundo Louro (2009), o processo de feminização do magistério também foi observado em outros países. Todavia, Durães (2002, p.45-46) citando diferentes estudos (Apple, 1987, 1988,1995; Enguita,1991) informou que em países como Inglaterra e País de Gales, Estados Unidos, Espanha, Portugal e Brasil tal processo se manifestou em ritmos diferentes e com respectivas peculiaridades, próprias das condições históricas nas quais encontraram-se os países. Tal processo se iniciou nos anos finais do século XIX estendendo-se até a década de 1970 do século XX.

<sup>86</sup> Conforme Louro (2009, p.449-450) ,“esses fatores e ainda a ampliação das atividades de comércio, a maior circulação de jornais e revistas, a instituição de novos hábitos e comportamentos, especialmente ligados às transformações urbanas, estavam produzindo novos sujeitos sociais tudo concorria para a viabilização desse movimento” .

<sup>87</sup> Sobre o pedagogo Pestalozzi comentaremos com maiores detalhes no tópico 3.3. Sobre o pedagogo Froebel, ver capítulo 1, tópico 1.3.

Ao discorrer sobre *Pestalozzi e Froebel* a autora em questão pressupõe que suas teorias:

[...] contribuíram culturalmente para a consolidação de uma divisão entre *trabalho de homens e trabalho de mulheres*. No que diz respeito ao trabalho docente, as teorias suscitaram mudanças de modelo docente - de sexo e de qualidades - cuja consequência direta foi a ocorrência da escolarização, profissionalização e a entrada da mulher no magistério primário (DURÃES, 2011, p.13).

Segundo Faria Filho *et al.* (2005, p.53) através dos estudos da denominada *feminização* do magistério é possível compreender “o que ocorreu na escola à medida que as mulheres foram ocupando o espaço da sala de aula e se constituindo na maioria do corpo docente em quase todos os países ocidentais”. Chamon<sup>88</sup> (1996, *apud* DURÃES, 2002), por meio de um mapeamento realizado no período entre 1834 e 1917, identificou dados que sinalizam o início de progressiva diminuição no número de homens que ingressaram no magistério mineiro (ver Tabela 6, a seguir).

TABELA 6

Admissão de professores, por sexo, nas escolas públicas primárias de Minas Gerais de 1830 a 1910

Décadas	Mulheres		Homens		Total por década	
	ABS	%	ABS	%	ABS	%
1830	15	12,6	104	87,4	119	100
1840	11	8,4	120	91,6	131	100
1850	16	21,3	59	78,7	75	100
1860	36	12,7	248	87,3	284	100
1870	209	22,6	716	77,4	925	100
1880	257	33,7	505	66,3	762	100
1890	249	44,9	305	55,1	554	100
1900	518	73,1	191	26,9	709	100
1910	718	75,6	226	24,4	757	100
Total Geral	2029	45,1	2474	59,9	4503	100

Fonte: Chamon<sup>89</sup> (1996 *apud* DURÃES, 2002, p. 18)

Estes dados demonstram estatisticamente o aumento na admissão de mulheres em detrimento da diminuição na admissão de homens para os cargos de professores (as) nas

<sup>88</sup> CHAMON, Magda Lúcia. **Relações de gênero e a trajetória de feminização do magistério em Minas Gerais (1830-1930)**. Belo Horizonte: FAE/UFMG. (Tese, Doutorado em Educação), 1996.

<sup>89</sup> *Idem*

escolas públicas mineiras. Este fenômeno se explicaria também dentro do contexto da *feminização* do magistério. Louro (2009) afirma que tal processo ocorreu tanto em termos quantitativos quanto qualitativos:

O processo de feminização do magistério também pode ser compreendido como resultante de uma maior intervenção e controle do Estado sobre a docência – a determinação de conteúdos e níveis de ensino, a exigência de credenciais dos mestres, horários, livros e salários – ou como um processo paralelo à perda de autonomia que passam a sofrer as novas agentes de ensino (LOURO, 2009, p.451).

Vale salientar que essa perda autonomia mencionada por Louro (2009) foi inversamente proporcional ao fortalecimento do sistema de ensino em curso no Brasil naquele momento, onde se buscou um controle através da *normatização dos corpos tanto dos/as alunos/as quanto das professoras* (FARIA FILHO, 2001; DURÃES, 2002). Além do processo de *feminização* do magistério, o Brasil também presenciou no final do século XIX e primeiras décadas do século XX um *entusiasmo educacional*. De acordo com Nagle (1976, p.102), “a importância da escolarização, nesse contexto, é derivada de necessidades políticas; devido a isso [...] a escolarização ganha prestígio”. Assim a educação foi compreendida como o caminho para o progresso do país.

A Igreja Católica por sua vez, argumenta Nagle (1976), aderiu à luta por esta escolarização, tendo como bandeira o combate à neutralidade escolar e ao monopólio do ensino. Segundo o autor:

Com o aparecimento do Centro D. Vital e do seu órgão oficial, a revista *A Ordem* a batalha pela escolarização se transformou na luta pela instrução religiosa e pela introdução do ensino religioso nas escolas oficiais. Dessa forma, passa para um segundo plano o problema da difusão do ensino nos diferentes níveis e modalidades; principalmente, o esforço para incrementar a atuação da escola primária ficou reduzido ao mínimo. Instruir por instruir – argumentou-se – é tarefa ociosa e prejudicial; o que importa é educar, e para que haja educação é preciso impregnar o processo de ensinamentos da doutrina cristã católica (NAGLE, 1976, p.106).

Sobre isso Rossi e Inácio Filho (2006, p.82), ao abordarem sobre a educação feminina, consideram que nas “primeiras décadas da República pouco mudou quanto à educação da mulher e certas características foram perpetuadas, como o baixo nível da educação feminina defendido em nome das necessidades morais e sociais de preservação familiar”. Para os autores, esta visão teve a complacência da Igreja Católica, cujos colégios

confessionais e o ensino religioso nas escolas públicas constituíram elementos importantes para a formação da mulher como *esposa-mãe* (ROSSI; INÁCIO FILHO, 2006).

Diante do exposto foi possível identificar na revista *Flor do Lácio* (1943/45 1956/57) algumas matérias que tinham o objetivo de direcionar, revalidar e atestar valores católicos de representação da professora como *mulher santa, profissão sublime e serva de Deus e da Pátria*. Numa destas matérias, por exemplo, *Milgene* (uma autora fazendo uso de pseudônimo) afirmou que “[...] da consonância perfeita, da harmonia que existe entre a Educação, Instrução e a Disciplina, resultará uma obra em que o espírito e o coração do educador trabalharão juntos e ambos colherão os frutos de ouro do seu esforço” (FLOR DO LÁCIO, 1945, N°5, p.09). Assim, acredita-se que para *colher tais frutos* a equipe de colaboradores/as com a equipe de editoração de *Flor do Lácio* buscaram construir e transformar meninas e mulheres em professoras, como veremos a seguir.

### 3.2. De normalistas a professoras e o dever de servir a Deus e a Pátria

*[...] ao beber as alegrias do magistério; eu me sinto bem a contento ilustres diplomandas, para, na simplicidade de mestre, falar a quem dentre em pouco, irá, de facho em punho, levar ás desabrochantes inteligências a luz da verdade, do saber e do bem.[...] Não farei tanto. As vossas dedicadas mestras, sem êste stratagema, inocularam em vossas almas o nectar que suavizará os vossos dias, o bálsamo que preservará vossos corações, quer nas atividades de que sois modelos, quer nos conhecimentos de que sois escrínio. Uma palavra apenas de incentivo, um lembrete para os dias dos sacrifícios, que são maiores que os dos prazeres, na espinhosa montanha que empenhareis em subir. Diplomandas, ao encetardes a caminhada de responsabilidade que a vossa investidura os traça, na presente hora uma bússola certa se coloca em vossas mãos de incipientes mestras. É aquela que o compromisso prestado vos indica o dever (Pe. Osmar Novais Lima, FLOR DO LÁCIO, 1943, n°2, p.01-02)*

O texto que escolhemos para abrir esta seção trata-se de trechos de uma “peça oratória proferida pelo paraninfo da turma de professorandas de 1943 [...] PE. Osmar de Novais Lima” (FLOR DO LÁCIO, 1943, n°2, p.01). O conteúdo desta peça, transcrito em *Flor do Lácio*, ocupou as duas primeiras páginas do fascículo 2. Atributos como: *desabrochantes inteligências; dedicadas mestras; sacrifícios que são maiores que os dos prazeres e*

*responsabilidade que a vossa investidura os traça* denotam as construções de significações e características sobre como deveriam proceder as *futuras mestras*.

A partir de Louro (2009, p.455) identificamos que “uma série de símbolos, doutrinas e normas foram mobilizados para a produção dessas mulheres professoras” através de diferentes artigos da revista em análise. Às *incipientes mestras*, como mencionado no excerto, é indicado o dever que elas devem ter, segundo o autor da peça, *para com Deus e para com a Pátria*. Desta forma, um pouco mais a frente, o Padre Osmar Novais Lima esclarece:

O dever é a correspondência ás determinações que Deus e Pátria escrevem na vossa razão, consciência, coração e caráter. E para vós êle se apresenta envolvido na auréola esperançosa de ensinamentos bebidos na maviosa fonte de uma educação aprimorada e bem cuidada. Levais, portanto, a certeza da consecução da meta, porque tendes a fé inquebrantável em Jesús Cristo, nosso Divino Senhor, e latente vive em vossos corações a pátria imortal de tradições admiráveis, o Brasil. *Dever para com Deus*: Para com Deus êle é o verbo, é a sabedoria e essência. Enquanto nós a recebemos, êle a dá, por ser a própria ciência, como é a luz de tudo que vive. Recipientes das emanações científicas humanas, que, também são de Deus, cabe-vos a elevação de sentimentos ao Espírito Supremo, em uma ação de graças, testemunho de vosso reconhecimento. [...] Da vossa cátedra saiam para fazer o bem, como arauto de renovação social, as lições preparadas sob olhar carinhoso de Jesús. [...] No serviço de Deus há cruces. Estas terão, contudo de Deus a recompensa. [...] *Dever para com a Pátria* [...]. A imagem da Pátria deve refletir continuamente no espêlho de vossas almas. Acima de vossas preferências individuais a mestra deve dar ao seu país grande parte de suas atividades, para maior realce de sua grandeza. É de sua própria missão plasmar na criança este grande sentimento que conservará viva em seus atos a tradição da Pátria [...] E seu amor pelo nosso Brasil seja tão intenso quanto o nosso. [...] E tereis, então o galhardão de vossos trabalhos e sacrifícios. Com a compreensão desta dupla grandeza: Deus e Pátria. Não sereis mais guiadas. Não tereis mais regulamento a vos indicar a rota. Sereis, pelo contrário, guias. Apontareis às inteligências novas um horizonte mais claro, mais belo e cheio de fascinações e saber. Saber iluminado pela fé, pela sã moral (FLOR DO LÁCIO, 1943, N°2, p.01-02).

Segundo Durkheim (1917; 2008, p.81), a religião foi (e nós concordamos que ainda é) produtora de ideias que “constituiu a base da vida coletiva em numerosos povos”. Na citação acima percebemos um discurso que direciona as futuras mestras a dois caminhos que, naquele momento, pareciam fundir-se num único: servir a Deus e a Pátria. Neste processo, algumas matérias de *Flor do Lácio* nos leva ao entendimento que o conhecimento deveria ser pautado *na fé* e *na conduta moral*. Louro (2009, p.462) lembra que a profissão docente “mantinha, de muitos modos, laços com suas origens religiosas”.

De acordo com Durkheim (1917; 2008, p.76), a conduta moral “foi sempre concebida como produtora de consequências úteis para algum ser vivente e consciente, aumentando sua felicidade e diminuindo seu sofrimento”. Por isso, compreendemos que utilizando da simbologia *católica da cruz*, os/as colaboradores/as de *Flor do Lácio* possam ter almejado mostrar às normalistas que na trajetória como *mestras/educadoras* elas enfrentariam sacrifícios. E diante deles fazia-se necessário, conforme os/as colaboradores/as, que as normalistas tivessem coragem para realizar seus trabalhos.

Percebemos ainda que em *Flor do Lácio* a mestra seria aquela responsável por fazer *plasmar na criança o sentimento*, para que a criança mantivesse viva a tradição da Pátria, veiculando assim o sentimento de brasilidade. Conforme Nagle (1976), tal sentimento foi difundido no cenário brasileiro no início da década 1920 com a concepção de que para se atingir à “brasilidade, isto é para termos a Pátria reivindicada, reestabelecida, entregue a si própria, só o conseguiremos pelo catolicismo que é a própria alma do Brasil” (NAGLE, 1976, p.105).

Almeida (2007) informa que no Brasil durante as décadas de 1930 e 1940 notou-se uma agitação em prol da educação. Sobre isso, Carvalho (2001) lembra que as plataformas políticas do governo de Getúlio Vargas (1930-45) “incorporaram tópicos centrais dos discursos dos entusiastas da educação nos anos vinte, produzindo a expectativa de que era chegado o momento para tornar realidade esse programa” (CARVALHO, 2001, p.69).

Carvalho (2001) evidenciou que a criação do *Ministério da Educação e Saúde*<sup>90</sup>, por exemplo, fez parte da estratégia do controle técnico e doutrinário do aparelho escolar. Neste contexto, dois grupos rivais (católicos e pioneiros) se constituiriam a partir de propostas diferentes, passando a disputar o controle técnico e doutrinário. Contudo, retomando Nagle (1976), constatamos que o catolicismo se mostrou como peça agregadora na campanha do nacionalismo brasileiro.

---

<sup>90</sup> O Ministério da Educação foi criado em 1930 logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Com o nome de Ministério da Educação e Saúde Pública. Maiores informações ver: Ministério da Educação/História. Site: <http://portal.mec.gov.br>.



Em diferentes artigos de *Flor do Lácio* a presença do nacionalismo e do entusiasmo pela educação foi apresentada, conforme mencionamos anteriormente, mediante articulação entre *Deus e Pátria*. Esta articulação ocorria na medida em que os/as autores/as dos artigos publicados em *Flor do Lácio* compreendiam o trabalho da professora como *missão sagrada*. Sobre isso Louro (2009) infere que a atividade docente articulada com a tradição religiosa foi “percebida mais como um sacerdócio do que como uma profissão. Tudo foi muito conveniente para que se construísse a imagem das professoras como *trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras*”<sup>91</sup> (LOURO, 2009, p.450).

Assim, em alguns casos a equipe de editoração<sup>92</sup> de *Flor do Lácio* recorria ao uso de imagens, articulando a profissão docente com a imagem da Virgem Maria, como demonstra a Figura 12 a seguir:



FIGURA 12: Capa de Flor do Lácio. Fascículo nº 4/1944 e Fascículo nº 5/1945.  
Fonte: FLOR DO LÁCIO 1944-45.

<sup>91</sup> Grifos da autora

<sup>92</sup> Sobre esta equipe ver Quadros 3 e 5 no capítulo 1.

Na imagem, além de elementos nacionalistas e católicos, ainda é possível identificar elementos que nos conduzem a acreditar que a mulher, *mediante o diploma de normalista*, seria a figura que *conduziria a educação da Pátria*. Mas, para tanto, ela não faria isto sozinha, seria guiada pela Virgem Maria e pelos valores morais que lhes foram transmitidos pelo Colégio Imaculada Conceição. Além desta figura, a tradução da capa, apresentada em comentário no fascículo da revista, evidencia que:

*TRADUZINDO NOSSA CAPA*

Foi pensando em você, minha normalista, que rabisquei esta página. E, como em todo feito supõe-se um fim, o dos meus rabiscos será evidenciar-lhe que algo de mais sério, mais real marca-lhe esta nova quadra da vida. Tudo passa – diz-se, à guisa de provérbio – por isso que sua vida de estudante, boa ou má que foi, esvaiu-se, também. Duvida? Detenha-se um momento. Vê esta jóvem? É você, você que contempla, num misto de admiração e incerteza, o seu mundo de amanhã. Procura alguma coisa... Compreendo-a: é o seu colégio, a casa bem amada que concebeu para uma idealidade sublime. Longe lhe está dos olhos mas creio-o pertinho do Coração, e, a ele – sou eu quem a implora – ame essa casa e peça a Deus por ela. Erga os olhos e, com santa alegria, êles verão Aquela a quem contemplam os anjos – beleza quasi infinita – Maria, sua mãe, em cujo coração quer abrigá-la. Seja pois, sua filha. A seu lado alteia-se aquela que é o gorgéio dos poetas, o gemer da lira, a sua bandeira, e lembrem-se de que a mulher cristã e brasileira prima-se do dever. Um diploma! Tome-o. Justo prêmio que lhe vem falando de mil e uma dificuldades vencidas. E esta palma, que lhe faz ela, senão certificá-la de uma grande vitória? Venceu! Triunfou! Felicito-a – Repare estes três caminhos que lhe abrem. Receiosa, pensativa, sem coragem, é assim que a suponho minha normalista. Acalme-se. A sábia e divina Providência colocá-la-a em seu caminho. Atenta-me, ainda: seja qual for o seu campo de ação, não esqueça de que Deus e Pátria muito esperam de você e não queira, por uma covardia ingrata, frustrar os intentos. Em sua rota – cujo fim último será Deus – não lhe faltarão rosas, mas também... espinhos. Coragem! Colha-os, todos, por êles chegará ao céu, e lá, brilhará como estrêla, consoante as palavras do psalmista. “Todo aquele que houver conduzindo muitos à justiça, brilhará como estrela, eternamente e sempre”. Agora, deixo-a. Vá e seja feliz (FLOR DO LÁCIO, 1944, N° 4, p.10).

Este comentário comprova que o Colégio Imaculada Conceição foi a *casa sublime* onde, depois de instruída, *a mulher cristã e brasileira deveria primar-se do dever*, sendo direcionada a três caminhos pelos quais precisaria percorrer. No entanto, tais caminhos a conduziria a um só ponto de chegada: Deus e Pátria. Assim, o diploma seria o prêmio pelas dificuldades vencidas, mas não seria o fim último da normalista. Agora ela deveria trabalhar com sabedoria e coragem para que pudesse salvar a Pátria da ignorância católica e escolar, participar do processo civilizatório e retirar o homem da barbárie. Este sim seria o grande trunfo do trabalho docente (NAGLE, 1976; ALMEIDA, 2007, LOURO, 2009).

Almeida (2007), ao abordar sobre o processo que originou e fundamentou a educação e a profissionalização feminina, observou que tanto homens quanto mulheres teriam análises diferentes sobre a realidade nas compreensões deste processo. Assim, a autora lembra que relações de poder entre os sexos confinariam as mulheres ao espaço privado. Conforme a autora:

Situa-se aí a ambiguidade da posição feminina a respeito do trabalho e da instrução, representada pelo equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter, instaurando entre esses dois extremos a hermenêutica da sua condição. O magistério, pela especificidade da qual se revestia representada pelo cuidado de outrem, foi talvez uma das maiores oportunidades para se atingir esse equilíbrio por ser adequado às mulheres no desempenho do papel de regeneradoras da sociedade e salvadoras da pátria, além de ser aceitável, em termos sociais, trabalhar como professora (ALMEIDA, 2007, p.84).

A tradução da imagem que compôs as capas dos fascículos nº04/1944 e nº05/1945 de *Flor do Lácio* também demonstrou aspectos que conduzem a perceber que a mulher-normalista, depois de instruída e escolarizada, se transformaria na principal condutora da educação brasileira. Segundo Nagle (1976, p.52), a integração do nacionalismo com o catolicismo foi um meio encontrado por ambos para “criticar a civilização material do mundo moderno e a não aceitar a instituição do ensino leigo. O elo final do encadeamento é a pregação da doutrina da disciplina e da ordem”.

Outro ponto que chamou nossa atenção, tanto na imagem (Ver FIGURA 12) quanto no texto que a traduziu, foi a presença de ideias relacionadas às influências do *positivismo e do higienismo*, aspectos já mencionados no capítulo 1. Segundo Almeida (2007), *em se tratando da maternidade como destino da mulher; da sua responsabilidade sobre a educação dos filhos e da manutenção da ordem social vigente, positivistas e higienistas corroboravam, em parte, com a ideologia católica*. Isto porque:

As ideologias veiculadas pelo positivismo e pelo higienismo encarregaram-se de manter a mulher no espaço doméstico e a impor regras de conduta que regulavam seu comportamento em limites estreitos. A educação positiva fez dela um anjo de bondade, redentora da família e da pátria, a qual, somente por sua obra meritória, fimar-se-ia entre as grandes nações do mundo. A educação higiênica revelou uma mulher contida e cerimoniosa segundo os padrões europeus, e, sendo o culto superior ao inculto, caberia aos homens as funções cerebrais e às mulheres as atividades domésticas, dessa vez orientadas pelo uso da inteligência e atendendo aos preceitos higiênicos (ALMEIDA, 2007, p.109).

Compreendemos que *Flor do Lácio* ao promover veiculação das ideologias do positivismo e do higienismo respaldou-se também na ideologia católica. Notamos esta tendência quando, ao se dirigir às *jovens normalistas de 1944*, o *Padre Reitor*<sup>93</sup> do Colégio Imaculada Conceição afirmou que promoveu a formação das suas alunas “na ciência e na virtude” (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p.02). Ou quando a professora e também aluna Jeni Canela Barbosa expressou ter a “certeza que nenhuma das alunas o poderá jamais esquecer, pois [...] receberam em seu seio os valores morais e o conceito integral da educação” (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p.08).

Para Jeni Canela Barbosa, o Colégio Imaculada Conceição “é deveras uma verdadeira oficina onde se filtram e se trabalham caracteres, onde beneméritos educadores devassam as maravilhas de Deus e da Ciência” (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p.08). E assim, ela solicitou às futuras mestras que “ensinai com fé, esperança e caridade e tereis as armas que lhe garantem a vitória” (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p.08). Neste mesmo contexto Pe. Reitor ainda aclamou às jovens:

[...] a vossa inteligente cooperação há de transformá-las em fatores de vossa felicidade. Haveis de agir não como jóvens que vitimadas por ilusões e fantasias só podem esperar a sorte das virgens levianas do evangelho, mas como jóvens cristãs conscientes do quanto sois devedoras a Nosso Senhor, pelo inestimável benefício de uma educação sólida, ilustrada pelo exemplo da vida organizada e rendosa que admirastes na pessoa de vossos mestres. [...] só sereis reconhecidas quando e na medida em que fizerdes produtivos. A árvore se reconhece pelas frutas (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p.02).

Neste sentido entendemos que *Flor do Lácio* produziu o que Louro (2009, p.461) denominou de *processo de disciplinarização* que visou à *autorregulação dos sujeitos*. Assim, “as práticas normativas constituíam um conjunto de critérios que iria permitir àquelas jovens se autoexaminarem e julgarem suas próprias condutas”. Esta *autorregulação* ocorria, conforme Louro (2009), à medida que *as jovens normalistas* fossem conduzidas a seguirem determinados padrões de comportamento: serem recatadas e discretas e terem modos adequados para falar e se comportarem entre outros (LOURO, 2009).

---

<sup>93</sup> A matéria não traz identificação sobre o nome correto do padre, apenas menciona que este texto se tratou de “mais um recado do Pe. Reitor” (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p.02).

Durães (2002) nota esta mesma inclinação ao pesquisar a respeito dos *processos disciplinares de professores/as* no contexto mineiro do século XIX e início do século XX, quando observou que existiu uma tendência, sobretudo sobre a imagem da professora, de “esquadrinhamento da vida privada do corpo docente. O *Governo de Estado*, em nome de um projeto social de escola e de professor, procurava regular os *mundos da casa e da rua*” (DURÃES, 2002, p.190). Assim, informa a autora, o não alinhamento por parte dos/as professores/as implicaria no desligamento destes/as do corpo docente. Compreendemos, a partir do exposto, que a professora deveria possuir uma moral intocável ou não conseguiria educar, pois não conseguiria respeito dos seus/suas alunos/as (DURÃES, 2002; LOURO, 2009). Sobre isto Louro (2009) infere que:

Buscava-se assim cercar de salvaguardas a sexualidade dos meninos e das professoras. E para isso se lançaria mão de múltiplos recursos e dispositivos. De muitos e variados modos – através de proibições, de arranjos arquitetônicos, da distribuição dos sujeitos, de símbolos, das normas – tratava-se ‘num estado de alerta perpétuo’. Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco (LOURO, 2009, p.453).

Em *Flor do Lácio, as salvaguardas* e o controle da imagem da professora, conforme mostrado no excerto acima, ocorreria em alguns casos com base nos valores religiosos católicos. A professora Lígia de Souza Teles, numa matéria, por exemplo, apresentou esta visão ao informar que as normalistas do Colégio Imaculada Conceição foram todas “ornadas com a couraça da fé, o escudo do bom exemplo e a certeza de que da tarefa de cada dia não serão ‘Servos’, mas ‘Senhores’ e que formarão a Pátria, filhos que a conduzam para glória e para a paz” (FLOR DO LÁCIO, 1943, nº 2, p.04).

Contudo, identificamos que uma das representações de professora que mais veiculou em *Flor do Lácio* foi à representação da professora como uma mulher recatada que se dedicasse intensamente ao dever de ensinar, instruir e educar os filhos da nação. Deste modo, concordamos com Louro (2009, p.464) quando afirma que “as representações de professora tiveram um papel ativo na construção da professora, elas fabricaram professoras, elas deram significado e sentido ao que era e ao que é ser professora”.

### 3.2.1 Flor do Lácio e produção da representação da professora como *mãe das alunas* – *figura bondosa e carinhosa*

*[...] tôda a energia e esforço no preparo da lição de cada dia, para que seus alunos não tenham sómente a ciência do programa escolar, mas meios necessários para viver no lar, na sociedade. Se o progresso da nação depende da educação de seus filhos, as responsabilidades que os professores assumem, quando tomam sob sua proteção a criança frágil e rodeada de mil perigos, não devem ser solucionadas no estrito horário escolar; na organização dos seus planos, as aulas devem ser dadas de acôrdo com a capacidade do educando, com liberdade, ensinando-o a fazer uso da liberdade; isto sim, é tarefa digna de um professor cristão. [...]. Mestres, vêde o papel preponderante que exerceis na sociedade; de vós depende a formação intelectual e moral do Brasil (Lídia de Souza Medeiros, Flor do Lácio, 1943, N° 2, p. 03-04).*

De acordo com este excerto, contido em um dos artigos de *Flor do Lácio*, o progresso da nação depende da educação de seus filhos e, por isso, o papel da professora se apresentaria de forma fundamental para instruir as crianças (consideradas como o futuro do país). Kuhlmann Junior (2001), ao estudar o surgimento do jardim de infância, reportou que a partir da segunda metade do século XIX os mais variados congressos científicos internacionais discutiam temas relacionados ao progresso das nações e sobre a importância da educação infantil. Sobre este contexto, o autor infere que:

Nos Congressos de higiene, de direito, de assistência, de educação, da Igreja católica, nas exposições internacionais pedagógicas, reuniões em que se definiam políticas e se homogeneizavam conceitos, as propostas para infância eram tema obrigatório (KUHLMANN JUNIOR, 2001, p.13)

Para Louro (2009, p.457) “a infância torna alvo preferencial dos discursos científicos. As práticas educacionais e as práticas da nascente psicologia infantil juntaram forças a partir do século XIX”. Segundo Kuhlmann Junior (2001) as propostas discutidas nos congressos e novas perspectivas sobre a infância promoveram a mudança de tratamento com relação à infância/criança. Assim, observamos no excerto que abre este tópico uma concepção da psicologia e da pedagogia de considerar a criança como ser frágil. Tal concepção contribuiu para produzir *a representação da professora como mãe espiritual*.

Para Hall (1997; 2002) as representações consistem em produzir significados dos conceitos em nossas mentes através da linguagem<sup>94</sup>. Desta forma, deduzimos que os/as colaboradores/as, assim como também a equipe responsável pela editoração de *Flor do Lácio*, talvez tenham almejado produzir a representação da mestra ideal como mulher bondosa e carinhosa; que servisse a Deus e a sua Pátria; que estivesse disposta a se colocar integralmente a serviço do magistério e, sobretudo, se tornasse *inesquecível nas lembranças dos/as alunos e alunas*.

Na matéria *Minha Primeira Mestre*, por exemplo, a normalista Neuza Oliveira tece elogios sobre o perfil da sua primeira professora, veja no fragmento abaixo:

[...] E eu fui para escola. Lembro-me bem. A princípio, logo no primeiro dia de aula, senti-me um pouco desorientada. A sensação do desconhecido, que eu experimentava, aliada às saudades de casa, deixara-me um pouco amedrontada. Ia em companhia de mamãe. Entrei na classe, a professora adiantou-se amavelmente e tornando-me pela mão, conduziu-me ao lugar. Sentí-me deveras decepcionada! Não era aquela a ‘escola’ que vovó me escrevia! Não via a palmatória, pronta a cantar nas mãozinhas frágeis e delicadas das crianças. [...] Eu via, porém, *uma moça jovem*, loura e esbelta, que *seria mais uma irmã para aquelas pequeninas almas que lhes estavam sendo entregues*. Ela só lhes ia *abrir os olhos para um mundo novo, mais belo e mais elevado*. Ela só lhes ia ensinar a mais bela e notável das artes: *a instrução*. E ela começou a falar!... *Sua voz era grave e mansa. Encorajou-nos e animou-nos à nova vida*. (§) Os dias para mim eram alegres e agradáveis. Aprendí as primeiras letras. Manuseei cartilhas e livros. Saí da escola primária. O tempo passou. Os anos se passaram. Mas a *lembrança do vulto da minha primeira mestra, jamais se apagará de minha memória...* (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 3, p.07, Grifos nossos).

Além da representação da professora carinhosa, observamos neste excerto a troca de afeto entre professora e aluna, fazendo com que a aluna sempre recordasse com carinho da sua *primeira mestra*. Na narrativa, a professora é comparada a uma irmã, seria esta irmã uma possível irmã de caridade ou esta irmã poderia ser compreendida como alguém da família? Uma tia talvez? Conforme Louro (2009), mudanças introduzidas por meio da associação entre psicologia infantil e práticas educacionais passaram “a considerar o afeto como fundamental e ao vê-lo como *ambiente facilitador* da aprendizagem. Isto seria válido tanto para a educação escolar quanto para educação no lar<sup>95</sup>” (LOURO, 2009, p.458). Neste sentido, é possível deduzir que as relações de parentesco associadas ao espaço escolar visavam atender a este afeto.

---

<sup>94</sup> Hall (1997-2002) Tradução livre

<sup>95</sup> Grifos da autora

Ainda, conforme Louro (2009), compreendemos que a introdução de novas orientações psicopedagógicas, na virada do século XIX para o século XX<sup>96</sup>, promoveram algumas mudanças no modo como as professoras deveriam expressar seu afeto e carinho pelos alunos/as. “O discurso sobre a escola passa valorizar um ambiente prazeroso, onde cor e jogo devem estar presentes, também a figura da professora passa a ser representada como sorridente e mais próxima dos alunos” (LOURO, 2009, p.468).

Ao relatar que a professora transmitiu coragem e proporcionou dias alegres; que instruiu através de cartilhas e livros e que *se mostrou diferente daquela mestra da escola da avó*, a normalista Neuza Oliveira possivelmente mostrou que a professora compartilhava destas novas introduções psicopedagógicas. Faria Filho (2001) lembra que o processo de *racionalização das práticas pedagógicas* foi de suma importância, uma vez que contribuiu com novas formas de abordar e compreender o processo de ensino-aprendizagem. Sobre isto discorre o autor:

É preciso que chame a atenção, de maneira especial, para a crescente afirmação da maior sensibilidade face aos alunos, a seus ritmos e necessidades, como um imperativo inerente à escola e ao ensino moderno e, daí, como uma das características marcantes das “boas professoras” (FARIA FILHO, 2001, p.36).

Neste mesmo contexto a figura da professora representada pela imagem da “mãe” ganhou a complacência de *Flor do Lácio*, como mostra o texto a seguir, escrito pela aluna Maria Tércia de Freitas:

*Ser Professora*

Disse muito bem o poeta que: ‘ser mãe é desdobrar fibra por fibra o coração’. Mas, esta frase de grande beleza, poderia também ser dedicada às professoras. [...] é a você boa mestra, que esta frase deveria ser dedicada, porque é você no sentido amplo da palavra a nossa segunda mãe, capaz de suprir a verdadeira, quando estamos longe de casa. Mãe das jovens felizes, e das infelizes, das ricas e das pobres, das educadas e das que nem se quer sabem o significado da palavra disciplina, procurando ajusta-nos aos mais nobres sentimentos, fazendo-nos conhecer a alegria de viver. [...] Sim, é a mãe de todas nós que o destino colocou em seu caminho, para que dêste altar liminoso, que é seu coração, possamos praticar as virtudes que nos hão de tornar dignas de sermos herdeiras do honroso título que ostenta ou de outro também elevado. [...] Boa mestra, peço a Deus, misericordioso que a recompense e a Pátria bendiga o seu feito (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.14).

---

<sup>96</sup> Segundo Durães (2011) influências das teorias dos pedagogos Pestalozzi, Froebel, e Herbart agregaram mudanças nos modos de se trabalhar a educação infantil e na formação de educadores/as para atuar neste campo.



A imagem da *mulher-professora como mãe* se apresentou no texto implicitamente como a extensão da família. Observamos assim que a maternidade foi mais uma vez compreendida como característica natural da mulher. Ainda em Louro (2009) notamos que isso ocorreu porque “com a feminização do magistério, as assim chamadas de características naturais femininas são articuladas às tradições religiosas da atividade docente, dando-lhes uma outra conformação. A professora é consagrada mãe espiritual” (LOURO, 2009, p.463).

Sobre isso, Durães (2011) demonstra por evidências que as teorias pedagógicas, sobretudo as de Pestalozzi, relacionam a prática docente com alguns atributos “naturalizados” como de mulher, inclusive aqueles decorrentes da maternidade. Para Pestalozzi:

De todas as instituições escolares, as mais benéficas são aquelas em que se cultiva a educação até o ponto de que se ensina a arte de educar: os alunos devem aprender, nestas escolas, a atuar como mestres, e tem de educá-los de modo que se convertam em educadores. Porém, é o caráter feminino, sobretudo, que deve ser educado prontamente nesta direção afim de capacitá-lo para poder desempenhar um papel singular na educação precoce dos filhos. Pestalozzi<sup>97</sup> (2006a, p.110, *apud* DURÃES, 2011, p. 5).

Deste modo, compreendemos que a função de *mestra deveria ser a representação da mãe*, pois facilitaria a relação professor/a-aluno/a. Para Faria Filho (2001) tal proximidade se deve aos contributos da *racionalização pedagógica*. Ainda segundo este autor, os conhecimentos e as representações das *boas professoras* também “foram alvos de investimentos por parte dos profissionais da educação escolar que buscavam escolarizar e ensinar aqueles que melhor aderiam às supostas expectativas e necessidades da clientela escolar” (FARIA FILHO, 2001, p.36).

A transposição materna para a mulher-professora com concepção de que *Deus e Pátria* lhe recompensariam pelo esforço empregado para *instruir os filhos da nação em pleno progresso* atestam mais uma vez a influência das correntes do positivismo na composição dos textos de *Flor do Lácio*. Para Almeida (2007), estas correntes determinaram que fosse competência das mulheres o trabalho educativo das crianças. Esta proposta foi defendida,

---

<sup>97</sup> PESTALOZZI, J. *Cartas sobre educación infantil*. 3.ed. Madrid: Editorial Tecnos, 2006a. (Introducción y traducción de José Maria Quintana Cabanas).

até meados do século XX, em todos os espaços (políticos, científicos, religiosos e intelectuais) enfatizando que:

Essa responsabilidade nunca deveria transpor as fronteiras do lar, nem ser objeto de trabalho assalariado. O trabalho somente poderia ser lícito se significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza e resignação, e servir com submissão, qualidades inerentes às mulheres (ALMEIDA, 2007, p.73).

Notamos também em alguns conteúdos de *Flor do Lácio* que esta conotação à *imagem da mãe como professora* também foi atribuída às freiras que doravante assumissem as funções de professoras. As alunas distribuíam homenagens àquelas que se dedicavam “ao envez da sua profissão perpétua” (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.03). Desta forma, deduzimos que a imagem da “freira e educadora” agiria como exemplo da representação da professora que cumpre sua missão: *servir Deus e Pátria perpetuamente*.

Ao forjar o perfil da professora como *boa mestra* ou *mãe das jovens alunas*, acreditamos que alguns artigos de *Flor do Lácio* que realizavam tal defesa participaram da *produção dos jogos de representação*. Segundo Louro (2009), tais jogos podem ser observados na disposição dos discursos que entrecortam as representações, em que alguns acabam obtendo uma ascendência maior, de tal forma que se chega a esquecer de seu lugar de representação. Assim, a autora conclui que “isso também aconteceu com as representações de mulher e mulher professora em jogo na sociedade brasileira [...] todos os discursos foram e são igualmente representações” (LOURO, 2009, p.464). Representações que produziram também algumas defesas realizadas sobre as mulheres em *Flor do Lácio*.

### **3.3. Flor do Lácio: veiculando ideias e conceitos pedagógicos na construção da professora moderna**

#### *EVOCANDO*

[...] Transporte-me a uma aula a que assisti há muito tempo há 14 anos talvez. Foi uma lição de Psico-Pedagogia [...] Consegui recompor mentalmente [...] a explicação inteirinha do professor embora uma névoa de saudade tentasse por ciúme nublar essa lembrança gostosa que eu tive dos meus tempos de estudante mocinha. Lembro-me como se fosse hoje! O professor chegou à classe, correu-lhe os olhos cumprimentando-a, e, numa visão de conjunto registrou as presenças, o que habitualmente fazia em tôdas as outras classes. Em seguida referiu-se ao ‘tempo’, ao ‘calor’ o que aliás constitue ótima conexão para iniciarem assuntos. Tirou os óculos que lhe ocultava ligeiro estrabismo [...] A

*Educação é uma senhora muito bonita, muito delicada, inimiga da violência e da pressão, o que se dedica a fazer penetrar na alma da infância os princípios que traduzem sempre a razão e a verdade. [...] Todavia para que a Educação pudesse atingir êsse fim sublime tornar-se-iam necessárias irrepreensíveis condições morais somáticas e mentais da infância, que lhe facultassem, simultâneamente, a educação e a instrução, o que não passa de hipótese, de verdadeira miragem. O papel do professor tornar-se-ia assim quase inútil ou insignificativo, até. Na realidade é mister contar com os diferentes tipos de indivíduos, com a leviandade e mobilidade naturais da infância e, acima de tudo, com o sério problema da mocidade de hoje, que vem tomando o freio nos dentes, irreverentemente. Surge daí a necessidade imediata da ação enérgica do professor, dos processos de aprendizagem próprios à canalização dos instintos da infância. Eis a tarefa do professor moderno que por ser mais difícil é mais grandiosa também. Seu primeiro passo será ensinar ao aluno a subter seus instintos à própria vontade, sua vontade à vontade do Divino Mestre, ensinando-o a sacrificar-se de bom grado a obedecer voluntariamente, sem subserviência. O 'A-B-C' virá depois com rotação normal dos métodos e processos adotados pelo educador, de cuja aplicação dependerá, em grande parte, o êxito ou o fracasso do objetivo visado. Seja qual for à intenção que o educador tenha em vista, deverá ter sempre à sua disposição alguns meios disciplinares para garantirem os resultados da educação e da instrução, procurando ao mesmo tempo, melhorar o coração e a inteligência do aluno (Milgene, Flor do Lácio, 1945, N°5, p.09).*

De acordo com Durães (2011), no século XIX os pedagogos *Pestalozzi, Froebel e Herbart* prepuseram teorias que influenciaram na formação do professor/a moderno/a. Tal influência ainda perdurou na primeira metade do XX. Suas teorias, segundo ela, defenderam que a formação de professores/as para atuar nas escolas primárias deveria ocorrer em escolas específicas de formação ou nas escolas normais. Esta formação, assegura a autora, “deveria destinar-se ao ensino das normas pedagógicas necessárias para atender às exigências sociais e específicas da educação infantil ou elementar” (DURÃES, 2011, p.04).

Sobre o discurso científico que embasou a formação do professor/a moderno/a Louro (2009) ressalta que:

Na medida em que o discurso científico ganha terreno no âmbito pedagógico, as teorias psicológicas e sociológicas contribuem para engendrar uma nova representação de professora – ela agora é mais frequentemente denominada de educadora, possivelmente na tentativa também de enfatizar o caráter amplo de sua atividade. A missão da educadora é fornecer apoio afetivo, emocional e intelectual à criança, de modo que suas potencialidades se tornem presentes. Além de instruir, ou mais importante do que instruir, sua tarefa consiste em educar (LOURO, 2009, p.471-472).

No excerto que abre este tópico *Milgene* (uma autora fazendo uso de pseudônimo) compreende que o professor/a moderno/a seria aquele ou aquela que fizesse emergir na criança, mediante sua *ação enérgica*, princípios verdadeiros *canalizando os instintos da infância e da juventude segundo a vontade de Deus*. Sendo assim a autora, recordando a fala de seu professor, relata que o ensino das primeiras letras deveria vir depois que os alunos compreendessem os meios disciplinares e a metodologia adotados por este educador. Assim, a obediência do aluno ocorreria de forma voluntária.

Pressupõe-se que esta *ação enérgica*, mencionada no excerto, se refere à autoridade do professor. Sobre isso, Louro (2009) aponta que nos antigos livros pedagógicos a severidade era recomendada por diversos discursos. Deste modo, enfatiza a autora, “a professora precisaria ter controle de classe, considerado um indicador de eficiência ou de sucesso na função docente até nossos dias” (LOURO, 2009, p.471-467). Assim compreendemos que a autora *Milgene* estava aprendendo isto em sala de aula. Confirma-se assim que, em *Flor do Lácio*, houve um processo de circulação de ideias pedagógicas. Tais ideias foram difundidas por meio das escolas normais e conseqüentemente dos impressos delas, de teorias pedagógicas produzidas na Europa no decorrer do século XIX (DURÃES, 2011).

Faria Filho (2001), ao estudar sobre o contexto da reforma do ensino em Minas Gerais durante as primeiras décadas do século XX, mostrou que o pensamento e a prática pedagógica da escola sofreram influências dos “processos de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que vinham ocorrendo no mundo naquele momento” (FARIA FILHO, 2001, p.39). A escola, ressalta o autor, foi imposta como algo necessário, como meio para enfrentar as diversas práticas culturais presentes no interior da cidade e na sociedade. Desta forma, visando à chamada homogeneização cultural, a escola buscou, mediante diversos instrumentos de escolarização dos corpos, transformar a corporeidade da criança em corporeidade de aluno.

Como componente desta identidade e a tornando presente no cotidiano escolar, está uma corporeidade escolar à qual busca-se produzir a partir dos moldes e necessidades estabelecidos pela instituição escolar, através dos seus agentes e profissionais. Índícios das representações de um corpo escolarizado, que, submetido aos imperativos escolares, tenha incorporado, tenha tornado corpo, as exigências sócio-bio-fisiológicas trazidas pela escola de massa moderna [...] (FARIA FILHO, 2001, p.41).

O discurso da *escolarização dos corpos*, definido por Faria Filho (2001), podem ser observados em diferentes conteúdos de *Flor do Lácio*. O texto que abre esta seção, por exemplo, propôs ao professor *canalizar os instintos da infância*. Todavia, segundo o texto, para alcançar a instrução e a obediência do/a aluno/a era preciso que o/a professor/a soubesse se impor perante *as leviandades naturais da infância*. Para tanto, afirma a autora, “da consonância perfeita, da harmonia que existir entre a Educação, Instrução e a Disciplina, resultará uma obra em que o espírito e o coração do educador trabalharão juntos e ambos colherão os frutos de ouro do seu esforço” (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº5, p.09).

Notamos ainda que na construção da imagem da professora moderna *mulher-professora* além de ter uma *postura enérgica*, para *Flor do Lácio*, ela também deveria possuir uma moral irrefutável. Neste sentido, corroboramos com Louro (2009, p.492) quando afirmou que a professora recebeu a responsabilidade de se “manter acima do comportamento comum”. Isto representou:

Um encargo social pesado e teve profundos efeitos sobre as vidas de mestres e mestras. Para bem poder exercer o papel de modelo para as crianças e jovens, eles se viram obrigados a um estrito controle sobre os desejos, suas falas, seus gestos e atitudes e tinham na comunidade o fiscal e censor de suas ações (LOURO, 2009, p.462-463).

Dentro da proposta de moldar a representação ideal da *mulher-professora*, *Flor do Lácio* veiculou informações e comentários a respeito de estudiosos da educação e de novas teorias pedagógicas. Sobre o desenvolvimento das aulas de práticas pedagógicas ocorridas no Colégio Imaculada Conceição, a equipe de editoração, numa página de noticiário de *Flor do Lácio*, informou que “a Pedagogia foi objeto de sério estudo das tercerianistas. Não logrou, porém, essa disciplina tanto resultado quanto a Psicologia, a julgar pelas aulas práticas” (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº 5, p.12). A mesma equipe em outro texto afirmou “As novéis Mestras foi de muito agrado Pesquisas de caráter infantil” (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº 5, p.12).

Em outro texto de *Flor do Lácio*, a normalista Hiveralda Abreu se mostrou enfática ao afirmar que “as alunas do 3º ano normal do colégio ‘Imaculada Conceição’ iniciaram a sua preparação a fim de desempenhar futuramente o mais alto e nobre cargo ‘Ensinar’” (FLOR

DO LÁCIO, 1945, Nº5, p.27). O ensino, segundo a normalista, contaria com o apoio também da *Psicologia* e das novas teorias pedagógicas. Segundo Tomazetti (2003), a racionalização pedagógica vindas da Biologia, Psicologia e Sociologia surgiram a partir da criação das Ciências da Educação no início do século XX.

Segundo Louro (2008):

Com a crescente força da Psicologia na elaboração das teorias Psicológicas e didáticas, a ênfase na função apoiadora e na criação de um bom ambiente para aprendizagem (um ambiente de trocas afetivas e de valorização dos interesses das crianças/alunos e alunas) apontou de modo mais claro para adequação das mulheres ao magistério, em especial o magistério infantil. Através de múltiplos recursos se estabelece ou se reforça uma ligação estreita entre mulheres/professoras e crianças, chegando por vezes a “infantilizar” tanto o processo de formação de professoras quanto a atividade docente de primeiro grau (LOURO, 2008, p. 107).

Para estimular o estudo e o ensino das Ciências da Educação, *Flor do Lácio* publicou textos com comentários e discussões de autores renomados na área educacional. Também apostou em textos com o perfil da *boa professora* como aquela que empenharia sua metodologia na observação dos/as alunos/as, como demonstra o texto a seguir:

#### A SUPREMA RECOMPENSA

Ao receber o meu diploma na Faculdade de Filosofia de Recife, não pensara eu advir uma recompensa suprema e rápida aos meus sacrifícios de moça pobre. Voltando á minha pequena cidade, no interior de Pernambuco, levava comigo o cérebro e o coração, que, juntos palpitavam desejosos de se expandirem, em pról das almas infantis. Iniciado o magistério, coube-me o 4º ano primário do Grupo Central, seguindo-se e primeiro contacto com crianças vivas e inquietas, sedentas do saber, que exigiam de mim o conhecimento do seu “eu”, a interpretação de sua psiquê em reboição. Dentre á turma, Marta, a dos olhos profundos e enigmáticos, como dois faróis a indicar perigo no mar revólto do seu nome, atraía, a minha atenção. Sim, que buscava aquela menina de 13 anos com aqueles gestos e olhares interrompidos de um modo brusco, ao ser fitada?! Por que, enquanto trabalha a classe, ela medita, num misto de tristeza e timidez? Por que prefere o último lugar na fila e, ao ser interrogada, tem um certo sobressalto e cora-se posteriormente? Não, ninguém respondia ás angustiosas perguntas que se repetiam. -O sino acabara de tocar. Ao se dispensarem as alunas, detive-me diante daquela carteira: - Marta, vou hoje á sua casa! A menina fitou-me, recolheu rápido, os objetos, quis levantar-se, sentou-se de novo em convulsivo pranto... - Minha filha, chore, pode chorar, disse-lhe eu, ao acariciar-lhe os cabelos ondulados. Ela repeliu os meus gestos: dir-se-ia não tê-los no lar. Já mais calma, olhou-me com ternura e demonstrou-me nos olhos grande promessa. Conversando com o Luciano, meu irmão já moço, coloquei-o a par do meu intuito e obtive a sua aprovação. À tardinha, tocava eu a campainha da casa mais recuada do Bairro Preto. Uma senhora, aparentando quarenta e cinco anos, atendeu-me. Fitei-a. Nada tinha de agradável, aliás, os olhos queriam saltar-lhe das órbitas, pois, como cheguei, a saber, após, tivera naqueles dias mais de um ataque tiróideo. A história em pessoa, como constatei, daí a alguns minutos. -Sou

a professora de Marta. -Entre. - Ficamos, Marta e eu, conversando na sala, sem que a sua mãe de novo aparecesse. Falávamos justamente sobre o chefe da casa, quando a porta abre-se de cheio, pelos golpes do bêbado. Todo o terror estampado no rosto da criança foi a resposta ao que tanto pressentira, e, agora, diante do drama real, revoltei-me comigo mesma, lamentei a sorte da criança, odiei os pais... Uma coisa, entretanto, alegrou-me: foi o ter conquistado o coração de Marta, que, em frases entrecortadas de emoção, relatou-me sua triste vida... [...]O tempo foi passando e, com êle, as minhas lutas de amparo, não mais a uma menina e sim a uma família (FLOR DO LÁCIO, 1956, p.06).

O texto, escrito pela aluna Shirley Mendes Costa relata a estória de uma professora que se propõe a desenvolver seu trabalho buscando interpretar a psique das crianças de uma turma de 4º ano primário. Deste modo, por meio de uma observação *atenta*, ela identificou uma aluna com uma expressão triste e para solucionar seu problema a professora ultrapassou o espaço da sala de aula. Neste processo, Louro (2009, p.472) lembrou-nos que as novas teorias psicológicas e pedagógicas, difundidas nas décadas de 1930 a 1940, “implicariam, pois, em novas formas de relação entre os sujeitos na escola e colocariam o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem”. Assim, deduzimos que ocorria a divulgação da representação de uma professora que compreendia numa ética veiculada, sobretudo, pela psicologia e pedagogia e por isso as utilizou para melhorar a vida da referida aluna.

Ao comentar sobre uma obra do filósofo da educação John Dewey<sup>98</sup>, um artigo de *Flor do Lácio* o considerou “grande educador [...]” (FLOR DO LÁCIO 1944, nº 4, p. 03). Para a professora Felicidade Tupinambá, autora do artigo, “deve-se a êle essa época de transição por que tem passado a educação em todos os continentes” (FLOR DO LÁCIO 1944, nº 4, p. 03). Sobre isto, Tomazetti (2003) ressalta que o pensamento de Dewey pode ser observado em algumas obras do início do século XX do brasileiro e filósofo educacional – professor Anísio Teixeira. Para a professora Felicidade Tupinambá a definição de educação de Dewey representou:

A expressão de um expoente máximo de inteligência em atividade, um espírito talhado para a arte, para o desenvolvimento, para o progresso. [...]. Para a vida social é a educação o meio de continuidade através dos tempos. A imperiosa necessidade de se comunicar, de transmitir, induz no espírito a compreensão da utilidade imprescindível da educação, o valor inestimável do trabalho do

---

<sup>98</sup> Segundo Teitelbaum e Apple (2001), John Dewey (1859-1952) foi um dos fundadores da escola filosófica de Pragmatismo, com George Sylvester Morris, Charles Sanders Peirce, William James de Harvard e Stanley Hall. Foi um pioneiro em Psicologia Funcional e representante principal do movimento da educação progressiva dos Estados Unidos da América.

filósofo. Na educação direta e formal da infância Dewey nos mostra o perigo a evitar, ensina fazer daquela comunidade um centro de exercício de experiências habilidosamente organizados, sem submetermos aqueles espíritos infantis ao fastio à canseira, à insipidez, ao tédio. O meio social estimula a atividade, e assim, eis um dos fatores que fornece a direção da educação. Essa pequena comunidade, candidata ao grupo dos adultos, vai sendo corrigida, levada pelo treino e pela educação. E a direção do processo se desenrola lenta e suavemente como quando vem chegando a aurora o matizar do nascente inunda de luz o horizonte. Com seus três fatores: restrição, pureza e confraternização, é a escola o meio social mais adequado a essa fase da vida – à infância, à adolescência. Ao próprio seio da família transbordante de amor, carinho, tolerância, benevolência, ainda assim – a escola por esse modo organizada, vem superar com todo seu esplendor. No processo educativo em relação com indivíduo, observando suas tendências, seus instintos, suas inclinações, discorre Dewey com a perícia própria de quem possui a chave de todo o problema da educação – sua profunda ciência da alma. Sendo o indivíduo e o meio social dois fatores ajustados, sendo a escola o meio social adequado, é aí que ele realiza a sua própria personalidade. Sendo aprender o modo de adquirir hábitos se prolongue de modo permanente. Essa maneira de adquirir hábitos seguindo os processos de Dewey, esse constante exercício da reflexão, de inteligência, tudo satisfaz plenamente às necessidades que o progresso sabe exigir. Conseguir educar segundo as teorias de Dewey, é a felicidade completa de um povo. Essa constante transformação reorganização da vida, vida e educação fazendo parte de um todo, remodelar assim uma individualidade, tudo – o prenúncio de uma alvorada de bonança que nos sorri depois de uma noite invernososa (FLOR DO LÁCIO 1944, Nº 4, p. 03).

Notamos que a interpretação do pensamento de Dewey, realizada pela professora Felicidade Tupinambá, destaca a importância da educação para o progresso e o estímulo ao exercício de experiências habilidosamente organizadas para não tornar o ensino monótono e improdutivo para criança. De acordo com Teitelbaum e Apple (2001), Dewey pensando na prática desta experiência se tornou um dos pioneiros da educação nova, ou *nova pedagogia*, principalmente quando fundou em Chicago no início do século XX “uma escola-laboratório de nível básico para ajudar a avaliar, modificar e desenvolver as suas ideias psicológicas e educativas” (TEITELBAUM; APPLE 2001, p.196).

Segundo Freitas e Zanatta (2006, p.7), “Dewey concebeu a educação como um processo de contínua reconstrução da experiência humana na sociedade”. Deduzimos com a análise da professora Felicidade Tupinambá em *Flor do Lácio* que para Dewey a educação se daria no meio social. Sendo assim, a escola seria o meio social adequado para se instruir a infância que como instituição organizada ocuparia um espaço social até mesmo superior ao espaço familiar. Deste modo, Teitelbaum e Apple (2001) inferem que:

Para Dewey, a chave do desenvolvimento intelectual, e conseqüentemente (*sic*) do progresso social, era a escolarização, sobretudo numa época em que as influências educacionais de outras instituições (o lar, a igreja, etc.) decresciam tão drasticamente. Dewey destacou a natureza moral e social da escola e



acreditava que esta poderia servir como uma “comunidade em miniatura, uma sociedade embriónica”, particularmente uma sociedade que dinamizava activamente o crescimento da democracia que havia sido minimizado pela sociedade urbano industrial. (TEITELBAUM; APPLE 2001, p.196).

Neste mesmo contexto, a professora Lídia de Souza Medeiros, autora do artigo *Ser Professor*, ao se referir à competência da professora cristã e sua moral, buscou inspiração também em outros educadores como *Pestalozzi*<sup>99</sup>. Sobre este educador a professora discorreu:

“ [...]O Professor é uma parcela coletiva do gênero humano. Já Pestalozzi, apesar de muito combatido buscou toda a sua vida a regeneração moral pela educação cristã; e nos meados do século XIX, começaram suas teorias a espalhar-se fóra da Alemanha [...]” (FLOR DO LÁCIO, 1943, Nº 2, p.03, Grifos nossos).

Com Freitas e Zanatta (2006) observamos que a finalidade da educação para Pestalozzi teria como propósito cultivar a mente, o sentimento e o carácter centralizando no professor a responsabilidade de promover o ensino com base nas percepções das coisas, dos objetos naturais, por meio do contato direto e da intuição. Desta maneira, o conhecimento se organizaria em torno das percepções sensoriais adquiridas através da relação com as coisas tornando o aprendizado um processo espontâneo, atividade livre. Contudo, “a educação moral ou religiosa, considerada pelo autor a de maior significado na formação do ser humano, consiste na formação de valores e modos de agir coerentes” (FREITAS; ZANATTA, 2006, p.02-03).

Assim, compreende-se que ao se referir a Pestalozzi como um educador que buscou em vida a regeneração e moral cristã, a professora Lídia de Souza Medeiros possivelmente buscou instruir as futuras mestras sobre os conceitos do referido autor acerca de valores e ações promovidos nas crianças, por meio da educação moral e religiosa. Associando tal educação à doutrina católica, transmitidas a estas futuras mestras, no espaço do Colégio Imaculada Conceição, a professora Lídia de Souza Medeiros solicitou às jovens que se

---

<sup>99</sup> Segundo Freitas e Zanatta (2006, p.02), Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) nasceu em Zurich (Alemanha) e suas ideias “demarcaram uma vertente da pedagogia tradicional denominada Pedagogia Intuitiva”. Para este educador, argumentam as autoras, a Pedagogia Intuitiva fundamentava-se “na psicologia sensualista, cujos representantes afirmavam que toda a vida mental se estrutura baseando-se nos dados dos sentidos” (FREITAS; ZANATTA, 2006, p.02).

mantivessem cientes da responsabilidade que assumiram na promoção da doutrina cristã-católica.

Contudo, no processo de ensino aprendizagem, as futuras mestras também deveriam adquirir conhecimentos dos novos discursos sobre os interesses infantis, como mostra o texto escrito pela normalista Célia Aquino Neto a seguir:

#### INTERESSES INFANTIS

Um dos fatores de maior relevância, no conjunto dos problemas educacionais é o dos interesses infantis. Muito se tem falado e escrito sobre o problema dos interesses infantis, mas poucos são os professores que tem feito observações mais apuradas nesse terreno. Esses interesses não são os mesmos nas diversas idades cronológicas da criança e variam também conforme o sexo, passando por diversas fases sucessivas, nas quais se manifestam através de determinadas atividades. Os psicólogos em geral têm procurado caracterizar as etapas que expressam a evolução psicológica da criança. Ferrière, por exemplo, nos apresenta uma boa seriação desses períodos, dentre os quais destacamos os seguintes, por interessarem mais a escola primária:

1º - 4, 5 e 6 anos: período ou etapa dos interesses disseminados, ou tendência para os jogos e brinquedos. Nesse período, a criança sente necessidade do contato direto com as cousas da natureza, liberdade absoluta, com a restrição de não prejudicar a criança a si ou a outrem.

2º - 7,8 e 9 anos: período ou etapa dos interesses imediatos, ou idade das atividades do ser primitivo. Nesse período, a criança sente-se atraída pelo que existe no tempo e no espaço presentes, interessando-se somente pelo que emana dela ou com ela confina. É a idade do egocentrismo. Nessa idade ela prefere ver a ouvir, sendo ativa e utilitária e sente-se atraída pelos fenômenos da natureza. Nessa fase a educadora deve empregar todos os recursos possíveis, com o fim de desenvolver os sentidos da criança e o seu espírito de observação.

3º - 10-11 e 12 anos: período dos interesses especializados concretos, também chamado idade das monografias. Nesse período, o espírito da criança começa a sair de si próprio, do tempo e do lugar presentes, daí começa a dar importância as proezas de uma personagem que tivesse existido algures (daí o interesse pelas viagens) interesse por uma personagem que houvesse vivido outrora (daí o interesse pela biografias). O campo dos interesses acha-se intensamente ampliado. A criança nessa idade é capaz de trabalhar espontaneamente nos domínios da história, da geografia, das ciências naturais encaradas sob aspecto concreto e utilitário.

4º - 13, 14 e 15 anos: período em que a criança já é capaz de abstrações simples, chamado por isto, período ou etapa de interesses abstratos simples. É idade do artífice. Nesse período, o espírito do educando eleva-se acima do simples fato concreto. Iniciam-se as abstrações simples, capazes de suscitar estudos espontâneos.

*Interesses nos diferentes sexos:* os meninos revelam preferência pelos animais, barcos, caminhos de ferro, automóveis, bicicletas, caçadas, excursões, lutas, audácia, coragem, perigos, etc. Já as meninas preferem ocupar-se com flôres, bonecas, figuras geométricas, enfeites, móveis, utensílios, passeios ao campo, arranjos de casa, cenas de afeto e caridade, arte culinária, etc., variando todos êsses interesses com a idade.

Segundo os melhores autores, tendo em vista os interesses infantis, devemos atender aos seguintes princípios:

1º A criança prefere trabalhar que ser expectadora inerte, prefere ver a ouvir.

2º A criança se interessa muito mais pela cousas e pessoas que a rodeiam, do que pelos ausentes ou pelos que viveram outros tempos.

3º Entre as pessoas de ambiente, interessam-lhe mais as outras crianças do que os adultos, à exceção, naturalmente, das pessoas que a amam, a alimentam e que cuidam dela.

4º Em seguida, dá preferência dentro do seu meio aos animais vivos.

5º Entre os objetos, preferiria os de utilidade prática e entre êstes, dar-á, contudo, preferência, aos do ofício que ela considera mais importante e útil.

6º A criança gosta de informar-se das causas e dos efeitos; por exemplo, os funcionamento das máquinas, a origem dos fenômenos naturais. Isto a induz a observar, a supor, a experimentar e a deduzir.

A professora, portanto, ao transpor o limiar de sua sala de aula, deve deixar atrás todas as preocupações pessoais, para ter em vista unicamente, a criança, sua vida e os interesses que a absorvem em seu mundo de ficção (FLOR DO LÁCIO, 1945, N°5, p.24).

Ferrière<sup>100</sup>, autor mencionado no excerto acima, defendeu a concepção de que a educação da criança deveria ser definida a partir de uma ordem natural prévia existente na sociedade que ela estaria inserida (TRINDADE, 2009). Na sua obra *A escola por medida pelo molde do professor*<sup>101</sup>, Ferrière fomentou teorias sobre a formação e atuação do professor (PERES, 2002).

O que se pretende, ao discutir sobre Ferrière, é mostrar que a normalista Célia Aquino Neto apresentou um artigo com discussões que possivelmente ela havia realizado na sala de aula, ou seja, discussões que fizeram parte do currículo do ensino normal no Colégio Imaculada Conceição. Segundo o artigo em pauta, publicado em *Flor do Lácio*, Ferrière comprovou que os homens seriam estimulados pelos interesses ativos e viris, já as mulheres pelos interesses passivos e dóceis. Acreditamos que se tratou de afirmações que corroboraram com a construção de currículos diferenciados na educação de meninos e meninas. Construindo, deste modo, uma representação feminina frágil, delicada e sensível, enquanto a representação masculina se apresentaria como forte e desprovida de sensibilidade (LOURO, 2008).

Desta forma, compreendemos que ao tecer comentários sobre Dewey, Pestalozzi e Ferrière os diferentes artigos de *Flor do Lácio* almejavam instruir e até mesmo contribuir com

---

<sup>100</sup> Adolphe Ferrière (1879-1960) um dos idealizadores do movimento da *Éducation Nouvelle*. Conforme Peres (2002, p.03), visando divulgar sua obra e suas concepções, “Ferrière *excursionou*, durante o ano de 1930, por alguns países da América do Sul, designadamente pelo Equador, Peru, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e ao final deste trajeto seu destino foi o Brasil”. Segundo a autora, o referido pedagogo foi considerado *um propagandista da Educação Nova* e a tradução de parte de sua obra para o Português teve como propósito angariar novos adeptos, através da leitura, para compor o movimento da educação nova (PERES, 2002).

<sup>101</sup> Esta obra foi publicada pela Editora Educação Nacional, de Porto, em 1934, e traduzida por Vítor Hugo Antunes.

teorias didáticas da pedagogia moderna para a educação e a escolarização das normalistas do Colégio Imaculada Conceição. A pedagogia moderna, por sua vez não se apresentaria mais sozinha, agora estaria inserida nas *Ciências da Educação* e teria a função de assessorar o ensino centrado no aluno. As contribuições dos instrumentos desta *nova pedagogia* foram difundidas no Brasil no início do século XX, através de um movimento que ficou conhecido como *escola-nova ou escolanovismo* (FARIA-FILHO, 2001; TOMAZETTI, 2003; LOURO, 2010).

Cabe ainda ressaltar que identificamos em *Flor do Lácio* conteúdos que nos leva a acreditar que este periódico representou importante instrumento na divulgação da Filosofia e Pedagogia Moderna e, sobretudo, das concepções do escolanovismo. Ao escrever o artigo *Comentário sobre aulas práticas*, a normalista Hiveralda Abreu informou que no ensino normal do Colégio Imaculada Conceição existia o empenho tanto nas aulas quanto no material selecionado para desenvolver a capacidade didática das alunas pautada nas novas teorias pedagógicas. Assim, narrou a normalista:

Em quase todas as aulas ressaltou a capacidade didática das alunas mestras, que, no preparo de seus planos e lições não se esqueceram dos seus princípios básicos da metodologia. Assim tivemos a oportunidade de apreciar a preparação e apreciação de excelente material didático, eficiente motivação das aulas e ótimos trabalhos de aplicação, seguidos de atividades destinadas a controlar os resultados da aprendizagem, através de testes, exercícios ou questionários. Personalidade, esforço, boa vontade e entusiasmo nas suas aulas; são predicados inerentes às praticantes. Altivez, porte exterior impecável e domínio da situação, revelaram-se com brilho em numerosas aulas. Cousas interessantes e até de feitiço anedótico foram ditas nas aulas, mostrando assim o grande esforço de cada aluna mestra. Respostas em tom afável às perguntas inocentes das crianças, vontade de satisfazer a sua curiosidade infantil demonstravam a bôa vontade das futuras professoras (FLOR DO LÁCIO, 1945, N°5, p.27).

Deste modo, acreditamos que *Flor do Lácio* se posicionou sobre uma proposta de ensino ancorada na racionalização pedagógica. As aulas práticas, comentadas pela aluna Hiveralda Abreu, teriam o propósito de transformar normalistas em *mestras/educadoras* e ao mesmo tempo se buscar regular o uso do tempo pelas alunas durante as aulas. Sobre este tipo de regulação de tempo nas escolas normais, Louro (2009) concluiu que:

O cotidiano das jovens no interior dessas escolas é, como o cotidiano de qualquer instituição escolar, planejado e controlado. Seus movimentos e suas ações são distribuídos em espaços e tempos regulados e reguladores. Elas devem estar sempre ocupadas, envolvidas em atividades produtivas. É importante notar que o tempo escolar se constitui, em suas origens, como um tempo “disciplinar”.

Mestres e estudantes tiveram (e têm) de aprender uma lógica de ritmo próprio da escola (LOURO, 2009, p.455).

Durães (2011), ao comentar sobre as mudanças pedagógicas e educacionais ocorridas no ensino normal na transição do século XIX para século XX, afirma que as teorias de *Pestalozzi, Froebel e Herbart* contribuem para a transformação do/a mestre/a em educador/a. Assim inferiu que:

Enquanto o mestre foi até então o responsável praticamente pelo ensino e a instrução dos conteúdos escolares, ao educador lhe correspondia, além das tarefas do mestre, as de ensinar os meninos e meninas os sentimentos de amor, bondade, moral e fraternidade, entre outros (DURÃES, 2011, p.8).

O material didático, descrito pela aluna Hiveralda Abreu em *Flor do Lácio*, as atividades destinadas ao controle dos resultados da aprendizagem e as dinâmicas adotadas poderiam auxiliar as alunas do ensino normal do Colégio Imaculada Conceição a se tornarem boas educadoras. Numa matéria publicada em *Flor do Lácio* direcionada à turma do 3º Ano Normal do Colégio Imaculada Conceição, a professora e também aluna *Jeni Canela Barbosa* dirigiu-se às futuras professoras afirmando que:

Professorandas [...]. Parti, 3º ano. Ide *desassombradamente*, por que estais preparado. Muito breve ser-vos-á concretizada a grande responsabilidade dos que têm um diploma e o querem digno, qual expoente sincero de uma cultura real, capaz de formar novos caracteres, cuja organização tenha consonância perfeita com o novo ritmo da *civilização em mudança* (FLOR DO LÁCIO, 1944, Nº 4, p.08).

Por fim, na construção e formação da professora moderna, *Flor do Lácio* buscou dois meios. Por um lado incentivou as futuras mestras a participarem de um processo educativo moderno mediante publicações de comentários de estudiosos da educação e se mostrou afinada com algumas teorias e práticas pedagógicas. Por outro lado, buscou combater tendências que viessem a prejudicar os valores cristãos católicos como a laicização do ensino e a literatura moderna com tendência naturalista. Assim, percebemos que a representação ideal da professora, segundo *Flor do Lácio*, seria aquela de uma mulher que em meio aos conflitos da educação no mundo moderno mantivesse uma postura de “altivez, porte exterior impecável e domínio da situação” (FLOR DO LÁCIO, 1945, nº5, p.27).

## CONCLUSÃO

Quando definimos *Flor do Lácio* como nosso objeto de estudo, partimos de alguns questionamentos como: A quais fenômenos atribuíam-se as representações da *mulher-santa, da esposa-mãe e da professora primária* presentes em *Flor do Lácio*? Qual seria o público-alvo que este periódico pretendia informar? Quais as perspectivas sócio-históricas estariam presentes em suas páginas?

Para responder estas questões ainda no *primeiro capítulo* categorizamos as seções de acordo com o contexto histórico da imprensa na cidade Montes Claros/MG e sua ligação com a educação, assim como também, buscamos apresentar o Colégio Imaculada Conceição e a revista *Flor do Lácio*. Entre as informações levantadas, identificamos que a imprensa montesclareense disseminou concepções de *progresso e educação* e estimulou a formação de uma cultura letrada na cidade. No entanto, grande parte dos empreendimentos jornalísticos durou, em média, de seis meses a um ano, devido, por exemplo, à existência de disputas políticas e ao alto custo da manutenção das tipografias.

A revista *Flor do Lácio* é um dos impressos que faz parte da história da imprensa em Montes Claros. O surgimento desta revista emergiu no fluxo de algumas correntes ideológicas como, por exemplo, as que continham defesas nacionalistas. Tendo como proposta inicial trabalhar o ensino da língua Portuguesa, este impresso também se empenhou na formação de algumas representações sociais da mulher como: *santa, esposa-mãe e professora*.

No *segundo capítulo* analisamos algumas representações de *mulher santa* e de *esposa-mãe* veiculadas pela revista. Notamos que diferentes artigos publicados ratificaram o modelo católico de perfil feminino disseminado, sobretudo, a partir do processo de *romanização* da Igreja. Este movimento veiculava e defendia a ideia de que a mulher ideal seria aquela que se mantivesse casta até o casamento; que caso não contraísse matrimônio deveria tornar-se freira ou *beata*; que fosse benevolente com os pobres praticando a caridade; que depois de casada fosse uma mãe exemplar; que se submetesse a todos os tipos de sacrifícios

promovidos pelo casamento e pela maternidade e, sobretudo, que fosse exclusivamente devota a *Santa Igreja Católica Apostólica Romana e as Virtudes de Maria*.

Uma vez que *Flor do Lácio* era um impresso de uma escola confessional católica, a tendência desta revista era de associar as atividades docentes às atividades do sacerdócio católico. Neste caso, a professora passaria a ser uma professora-cristã, conforme estudamos no *terceiro capítulo*. Sendo o impresso um espaço de produção e reprodução, em linhas gerais, de circulação de práticas sociais e de representações, deduzimos que a representação de professora veiculada por *Flor do Lácio* trabalhou ideias de que a professora ideal deveria servir a Deus e a Pátria no exercício do magistério

No espaço desta revista também circularam novas concepções e correntes pedagógicas. Tais concepções e correntes divulgavam que a *boa professora* deveria ser uma *professora/educadora*, ou seja, aquela capaz de instruir e educar a criança ao mesmo tempo. Assim, ela precisaria perceber através de observações atentas alunos/as com dificuldades no processo de aprendizagem; enfim precisaria estar apta *para educar os filhos de uma nação*. Para construir este perfil de professora, *Flor do Lácio* veiculou mensagens contidas nas oratórias proferidas por paraninfos durante as solenidades de formaturas das normalistas; comentários sobre especialistas da educação como: John Dewey, Pestalozzi e Ferrière; e enfatizou diversos textos com exemplos de comportamentos que deveriam ser adquiridos pelo/a professor/a moderno/a.

Ainda dentro do mesmo contexto, diferentes autores se posicionaram na revista contra a laicização, considerada como consequência da modernidade, do ensino presente na sociedade brasileira. Estes autores defendem inclusive a imagem da professora-cristã-católica como profissional preparada e capaz de enfrentar as dificuldades provocadas pela modernidade. Durante a Primeira República, a Igreja Católica manteve uma postura contra as manifestações e atitudes reacionárias, defendendo a manutenção da ordem estabelecida. Assim, ser professora, segundo a tendência de *Flor do Lácio*, implicaria em servir a Deus não se importando com o retorno financeiro da profissão, pois esta seria compreendida como missão. A professora deveria se posicionar como uma *mãe-espiritual* dos/as seus/suas alunos/as.

Diferentes autores, que pautaram neste estudo, nos conduziram a reconhecer que as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo como também fazem com o que os homens percebam a realidade e pautam sua existência. Deste modo, não podemos deixar de considerar o valor pedagógico e instrutivo da revista *Flor do Lácio*, um periódico produzido por alunas e professoras do Colégio Imaculada Conceição, que ao articular práticas de ensino da Língua Portuguesa promoveu relações sociais e (re)produziu representações femininas de *santa, esposa-mãe e professora*.

Partindo da compreensão de que a categoria gênero se fundamenta no âmbito das relações sociais, em que os gêneros são construídos e relativizados, compreendemos que “o relativismo historicista torna aceitável um conhecimento que se pretende concreto, abrindo para interpretação da mudança no tempo e para entrever a integração na história da experiência social de vários grupos sociais” (LOPES, 1994, p.26). Assim, consideramos as alunas do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG como aquelas que (re)produziam diferentes papéis sociais atribuídos ao sexo feminino.

Ainda que a intenção como pesquisadora fosse a de realizar uma análise mais ampla do processo de produção e circulação da revista, nos deparamos com alguns limites, especialmente no que diz respeito à coleta e catalogação do impresso. O fascículo 1, por exemplo, não foi localizado e outros estavam deteriorados devido à ação do tempo. Ademais, não conseguimos identificar quantos fascículos de *Flor do Lácio* foram de fato impressos entre os períodos de 1943-1957, isto devido ao fato de identificar lacunas entre os anos de 1943/45 e 1956/57. Caso tenha havido outros fascículos, outras perspectivas históricas, pedagógicas ou sociais podem ter sido ali expressas, além das que trabalhamos nesta dissertação.

Também identificamos que outras representações, além daquelas que apresentamos nesta dissertação, estiveram presentes na revista. Referimo-nos às concepções acerca das políticas nacionais e locais e das formas de apropriação que se davam sobre os conteúdos da revista, por exemplo. Aspectos que, no decorrer dos nossos estudos, nos permitiram suscitar outras perguntas: como seria a repercussão da revista no espaço do Colégio Imaculada Conceição? Como *Flor do Lácio* se posicionou diante da política local? Que outras representações sociais femininas poderiam estar inseridas em suas matérias?



Por fim, tomando como exemplo Louro (2008) quando justifica que a “história das relações de gênero na educação é também a história da trajetória das tramas sociais que direta ou indiretamente somos envolvidos/as”, compreendemos que *o pessoal se torna político*. Ao encerrarmos a nossa análise sobre *Flor do Lácio*, temos como certo que não se finda aqui as possibilidades de interpretações deste impresso. Por ora, concluímos que *Flor do Lácio* foi importante porque articulou relações sociais e de gênero ao (re)produzir algumas representações sociais da mulher como: *santa, esposa-mãe e professora*.

## FONTES

FLOR DO LÁCIO/ Fascículos: 02, 03, 04 e 05 (1943/1945), Fascículo (1956) e Fascículo (1957). Disponível nos Arquivos do Colégio Imaculada Conceição.

FLOR DO LÁCIO nº 1 a 4 (1981/1982). Encontrado no Serviço de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros.

FLOR DO LÁCIO (Edição única/ 1997). Disponível nos Arquivos do Colégio Imaculada Conceição.

LIVROS DE MATRÍCULAS DO ENSINO NORMAL (1929 a 1955). Disponíveis nos Arquivos da Secretária do Colégio Imaculada Conceição.

LIVRO: MEMÓRIAS DE MONTES CLAROS 1989. Disponível nos Arquivos da Secretária do Colégio Imaculada Conceição e da Biblioteca Rui Barbosa.

RESUMO HISTÓRICO ESCRITO POR IRMÃ MARIA DULCE. Parte contendo Estatística Demográfica do Colégio Imaculada Conceição. Disponível na Biblioteca Rui Barbosa.

### ENTREVISTAS ORAIS COM:

Clarice Sarmiento entrevistada 26/08/2010

Regina Barroca Peres entrevistada 26/06/2010

Ruth Tupinambá Graça entrevistada 25/06/2010

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL E DE SERVIÇOS DE MONTES CLAROS - ACI. **Montes Claros: potencialidades**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2008.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil: os primórdios da obra de Champagnat no Brasil (1897-1922)**. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista – SIMAR, 1999. Vol. 1.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, LDA. Lisboa/Portugal: 2009, p.15-48.

BASSALOBRE, Janete Netto. **Das promessas iluministas à servidão.** *Educ. rev.* [online]. 2010, vol.26, n.3, pp. 443-448. ISSN 01 02-4698. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a23.pdf>>. Acesso: 30 Jan. 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução Sérgio Milliet. 2.Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Vol. 1 e 2.

BOTO, Carlota. **A arte de tornar ciência o ofício de ensinar:** compêndios pedagógicos de Augusto Coelho. In: 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação (ANPED). Caxambu: 2007. Resumos: 30 anos de pesquisa e compromisso social, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BORGES, Wanda Rosa. **A profissionalização feminina:** Uma experiência no ensino público. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

BRITO, Gy Reis Gomes. **Montes Claros:** da construção ao progresso 1917-1926. Montes Claros: Editora Unimontes, 2006.

BUFREM, Leilah Santiago; SCHMIDT, Maria Auxiliadora e GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **Os manuais destinados a professores como fontes para a história das formas de ensinar.** Revista HISTEDBR On-line. Campinas: n.22, p. 120 130, jun. 2006 - ISSN: 1676-2584. Disponível em < [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art09\\_22.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art09_22.pdf)>. Acesso: 28 jul. 2010.

CARNEIRO, Elizabete Barbosa. **Da Bélgica a Montes Claros:** Memória das Irmãs do Sagrado Coração de Maria e a Construção do espaço feminino na cidade - História e memória do espaço feminino em Montes Claros. Uberlândia: 2003. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova e o Impresso: um estudo sobre as estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA, Luciano Mendes. **Modos de Ler/formas de escrever:** estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.66-86.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** *Estudos Avançados.* 1991, vol.5, n.11, p. 173-191. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acesso: 17 set. 2008, às 17h:50min.

CHARTIER (1992). Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** Tradução Jerferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.211-238.

COMTE, A. **Curso de Filosofia Positiva.** In Comte. São Paulo: Abril Cultural. 1983 (Coleção os pensadores), p.1-39.

COSTA, João Batista de Almeida. **Identidade Norte-Mineira**: Assuntando sua especificidade regional nos estudos de Nação. *Revista Verde Grande*, v. 1, p. 29-40, 2007

DELPHY, Christiane. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et. al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.173 -176.

DEL PRIORI, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DEL PRIORI, Mary. Apresentação. In: DEL PRIORI (Org), Mary; BASSANEZI (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9 Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p.5-10.

DUARTE, Constância Lima. Mulher e o Jornalismo contribuição para uma história da imprensa feminista. In: AUAD, Sylvia M. Von Atzingen Venturoli (org). **Mulher** – Cinco Séculos de desenvolvimento na América – Capítulo Brasil. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p.424-43.

DULCI, Otavio Soares. **Política e recuperação econômica em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMD, 1999.

DURÃES, Sarah Jane Alves. **Escolarização das diferenças**: qualificação do trabalho docente e gênero em Minas Gerais (1860-1906). D947. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Departamento de Educação: História, Política e Sociedade, 2002.

DURÃES, Sarah Jane Alves. **Aprender a ser maestro/a en las Escuelas Normales de Brasil y España en los ochocientos**. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 18, p. 9-25, 2009.

DURÃES, Sarah Jane. . **Aprendendo a ser professor(a) no século XIX**: algumas influências de Pestalozzi, Froebel e Herbart. *Educação e Pesquisa* (USP. Impresso), 2011.

DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Trad. Raquel Weiss. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1917; 2008. Coleção Sociologia.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FARIA-FILHO, Luciano Mendes de. Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica. In: FARIA, Luciano Mendes. **Modos de ler/formas de escrever**: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.12-28.

FARIA-FILHO, Luciano Mendes de; et. al. A História da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: PEIXOTO, Ana Maria Casasanta e PASSOS, Mauro. **A escola e seus atores** – educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autentica, 2005, p.53-87.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. Atualiz. Curitiba: Posigraf, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREITAS, Raquel A. M. da M.; ZANATA, Beatriz Aparecida. **O Legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares**. IV Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006. ISBN 85-8977-937-8. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo03/Raquel%20A.%20M.%20da%20M.%20Freitas%20e%20Beatriz%20Aparecida%20Zanatta%20-%20tex.pdf>>. Acesso: 05 Jan. 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; *et.al*, Livros escolares de leitura: o espaço de posições e o espaço de possíveis (1860-1950). In: LOPES, et. al. (org). **História da educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p.347-365.

GIORGIO, Michela. O modelo Católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. **História das mulheres no Ocidente: O Século XIX**. Trad. COELHO, Maria Helena da Cruz; *et. al*. Porto/Portugal: Edições Afrontamento; São Paulo/Brasil: EBRADIL. 1991. Vol.4 p.199-237.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. “**Movimento higieniza**” na história da vida privada no Brasil: do homogêneo ao heterogêneo. *ConSCIENTIAE SAÚDE. Rev. Cient., UNINOVE*, - São Paulo. V. 1 : 47-52. 2002 Disponível [http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs\\_revistas/conscientiae\\_saude/csauade\\_v1/cnsv1\\_edivaldogois.pdf](http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/conscientiae_saude/csauade_v1/cnsv1_edivaldogois.pdf) > . Acesso em: 27 Jan. 2011.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil - 1885-1940. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul / EDUNISC, 2003.

HALL, Stuart. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 2002, p. 15-74.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e Corações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. **História das mulheres no Ocidente: O Século XIX**. Trad. COELHO, Maria Helena da Cruz; *et. al*. Porto/Portugal: Edições Afrontamento; São Paulo/Brasil: EBRADIL. 1991. Vol.4, p.351- 401

KUHLMANN JR., Moysés. O Jardim-de-Infância e a Educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, Carlos. **Educação brasileira 1875-1973**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (coleção Contemporânea) p.3-30.

LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**: de Eva aos dias de hoje. São Paulo: Editora DPL, 2004.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa; TEIXEIRA, Igor Salomão. **Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX.** Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.113-126, jun. 2008. Disponível em: < [http://www.pucminas.br/documentos/horizonte\\_12\\_artigo\\_05.pdf](http://www.pucminas.br/documentos/horizonte_12_artigo_05.pdf) >. Acesso: 07 Out. 2010, às 19h:50mim.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Pensar categorias em história da educação e gênero.** *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Projeto História, ISSN 0102-4442, São Paulo, SP, 1994, n.11, p. 19-29.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** 10.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI (Org), Mary; BASSANEZI (coord. De textos). **História das mulheres no Brasil.** 9.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p.443-481.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: Conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948).** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível no endereço eletrônico: < [http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2331/1/2007\\_ClaudiadeJesusMaia.PDF](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2331/1/2007_ClaudiadeJesusMaia.PDF)>. Acesso: 07 Jan. de 2011.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919): Uma face do conservadorismo.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MARISTAS. **A Devoção à SS.<sup>MA</sup> Virgem Maria:** ensinada a mocidade seguida do pequeno catecismo de São José. Catecismo e Pedagogia. Edição única. Editora São Francisco, 1923. Disponível no site: <http://www.obrascaticas.com>. Acesso: 13 de Dez. 2010 as 15:50, p.01 a 80.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise, (org.). **As representações sociais.** Tradução, Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.45-66.

MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: in: DEL PRIORI (Org), Mary; BASSANEZI (coord. De textos). **História das mulheres no Brasil.** 9 Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p.482-509.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades:** a contribuição de Serge Moscovici. *Revista brasileira de Ciências Sociais.* 2004, vol.19, n.55, p. 180-186. ISSN 0102-6909. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a14v1955.pdf> >. Acesso: 07 set. 2008, às 19h:50mim.

OLIVEIRA, Sirlene de Castro; ARAÚJO, José Carlos Souza. A imprensa periódica face ao debate sobre o ensino religioso e o ensino laico em Uberaba. In: LOPES, et. al. (org). **História da educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p.386-393.

ORLANDO, Evelyn de Almeida e NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A Igreja Católica e a educação Brasileira: Álvaro Negromonte e o Discurso de Moralização da Nação**. Sergipe, Scientia Plena. Vol. 3, n. 5, p.180-185. 2007. Disponível em: < [http://www.scientiaplena.org.br/sp\\_v3n5p180\\_185.pdf](http://www.scientiaplena.org.br/sp_v3n5p180_185.pdf)>. Acesso: 07 set. 2010, às 18h:50min.

PASSOS, Mauro. Entre a fé e a lei: o pensamento educacional católico no período republicano (1889-1930). In: LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães (Org). **História da educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 183-196.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros sua história sua gente seus costumes**. Parte I, Coleção Sesquicentenária. Vol. 01. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.

PEREIRA, Aramita Martins – Irmã Maria Dulce. **Jubileu do Ano 2000 Vida Consagrada Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria**. Montes Claros: (monografia), 1999.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **A cidade do Favor: Montes Claros em meados do século XX**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2002.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **Em nome da região, a serviço do capital: o regionalismo político Norte-Mineiro**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007

PERES, Eliane Teresinha. **O diabo inventou a escola? A escola ativa na visão de Adolphe Ferrière**. In: 25ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação., 2002, Caxambu. MG. Educação: manifestos, lutas e utopias. Rio de Janeiro : ANPED, 2002. v. único. Disponível em < <http://www.anped.org.br/reunioes/25/tp25.htm> > Acesso em: 01 Jan. 2011, às 19h:55 min.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890 -1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIST, Gilbert. **The History of Development: form Western origins to Global Faith**. New York: Zed Books, 2002.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva ; INÁCIO FILHO, Geraldo. **As congregações católicas e a disseminação de escolas femininas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.24, p.79 –92, dez. 2006 - ISSN: 1676-2584*. Disponível em: < [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art07\\_24.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art07_24.pdf) >. Acesso: 10 set. 2010, às 18h:55 min.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Pesquisa Quantitativa versus Pesquisa Qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio (Orgs). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 13-59.

SBERT, Maria. Progresso. In: Sachs, Wolfgang. (org) **Dicionário do desenvolvimento**. Guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 284-299.

SLENES, Robert W. **Na Senzala uma flor: esperanças na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.13-21.

SOUZA, João Valdir Alves de. **Igreja, educação e práticas culturais: a mediação religiosa no processo de produção/reprodução sociocultural na região do médio Jequitinhonha mineiro**. Tese de doutorado apresentado ao Programa De Estudos Pós-Graduados Em Educação - História, Política, Sociedade – Doutorado – Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC/SP. São Paulo: Dezembro, 2000.

SOUZA, João Valdir Alves de. **Professoras e catequistas: o sentido da escolarização em internatos religiosos femininos**. Publicado em Escritos sobre Educação. Belo Horizonte: jan-jun 2003, v. 2, n. 1, p 21-32.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da coroação do Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TEITELBAUM, Kenneth; APPLE, Michel. **John Dewey**. *Currículo sem Fronteiras*, v.1, n.2, p. 194-201, Jul/Dez 2001 Disponível em: < <http://www.curriculosemfronteiras.org/classicos/teiapple.pdf> > Acesso: 01 Jan. 2011, às 18h:55 mim.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: AUAD, Sylvia M. Von Atzingen Venturoli (org). **Mulher – Cinco Séculos de desenvolvimento na América – Capítulo Brasil**. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p.325-331

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TOMAZETTI, Elizete M. **Filosofia da educação: um estudo sobre a história da disciplina no Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

TRINDADE, Rui. **Reconhecer os alunos para reinventar a escola: da afirmação de uma necessidade aos equívocos de um desejo**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2009, vol.35, n.2, pp. 265-285. ISSN 1517-9702. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n2/a04v35n2.pdf> > Acesso em: 01 Jan. 2011, às 20h:55 mim.

VELOSO, Geisa Magela. **A missão “desanalfabetizadora” do Jornal Gazeta do Norte, Em Montes Claros (1918-1938)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte, 2008.



VIANA, Urbino. **Monographia do município de Montes Claros**: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1916.

ZAIMAN, Claude. Educação e socialização. In: HIRATA, Helena et. al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.80-84.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome: \_\_\_\_\_

1. O que significou a revista *Flor do Lácio* para a senhora enquanto aluna do Colégio Imaculada Conceição durante os anos de 1956 e 1957?
2. A senhora saberia me dizer o porquê do surgimento de *Flor do Lácio*?
3. Quais as pessoas ou alunas que constantemente escreviam as matérias para esta revista?
4. Quais os procedimentos metodológicos adotados pela Irmã Maria de Lourdes, fundadora de *Flor do Lácio*, durante as aulas de Português?
5. Como era feita a seleção dos textos para a publicação na revista *Flor do Lácio*?
6. Quem realizava esta seleção?
7. A senhora acredita que *Flor do Lácio* teve uma finalidade pedagógica? Qual?

**ANEXOS****ANEXO A - FIGURAS**

FIGURA 3: Homenagens às alunas Terezinha Machado (à esquerda) e Maria Júlia Sepúlveda (à direita).  
Fonte: Flor do Lácio (1943, nº2 p.07)



FIGURA 4: Homenagens às alunas Hilda do Vale (à esquerda) e Genoveva da C. Mota (à direita).

Fonte: Flor do Lácio (1943, nº2 p.09).

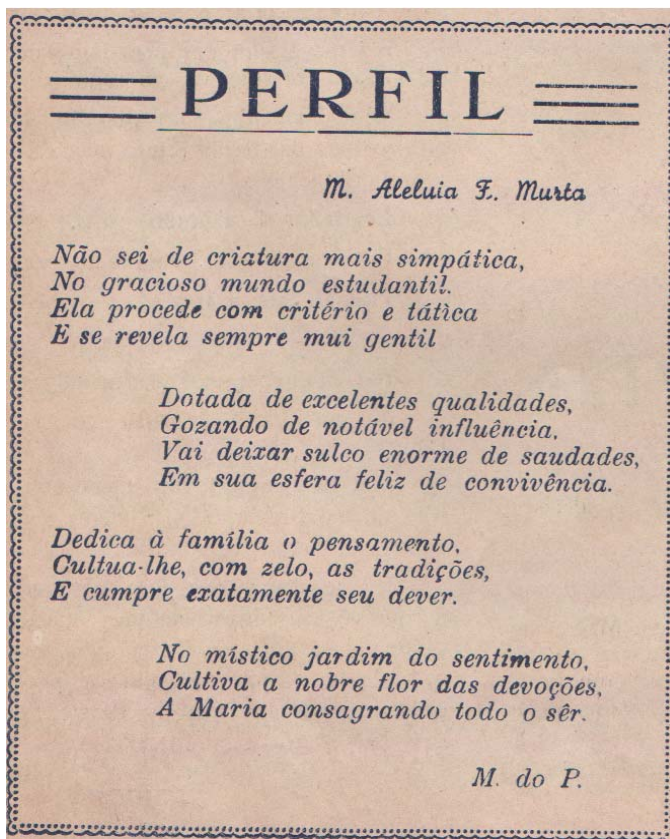


FIGURA 5: Homenagens à aluna Maria Aleluia Murta .  
Fonte: Flor do Lácio Flor do Lácio (1944 nº4, p. 08).



FIGURA 6: Homenagens às alunas Terezinha Nonato e Berenice Melo.  
Fonte: Flor do Lácio Flor do Lácio (1944 nº4, p.11)

## Resultado dos Trabalhos em Prol das Missões pelas Alunas do Colégio da Imaculada Conceição

---

Resultado das barraquinhas, leilões, donativos jogos, vendas de flôres, etc.	CR\$ 12.253,30	
Despesas de bebidas, iluminação e outras		CR\$ 1.134,70
<b>LÍQUIDO ENTREGUE</b>	12.253,30	11.118,60 12.253,30

---

### CLASSIFICAÇÃO DOS TRABALHOS

1.o Lugar: 1.o Ano do Curso Técnico Comercial «Abgar Renault»	Cr\$ 1.936,90
2.o « : 2.o Ano do Curso Normal	1.824,30
3.o « : 1.o Ano do Curso Normal	1.616,60
4.o « : 3.o Ano do Curso Normal	1.370,20
5.o « : 3.o Ano do Curso Primário	1.105,00
6.o « : 1.o Ano do Curso de Adaptação	1.010,00
7.o « : 2.o Ano do Curso de Adaptação	909,20
8.o « : 3.o Ano do Curso Básico Comercial	877,80
9.o « : 1.o Ano do Curso Básico Comercial	762,80
10.o « : Curso Primário	452,30
11.o « : 2.o Ano do Curso Básico Comercial	388,20
	Cr\$ 12.253,30

Montes Claros 15 de Junho de 1944

---

**O resultado acima atesta, cabalmente, o  
apreço em que é tida a Obra Missionária em  
nosso meio.**

**Aos professores e às alunas dêste educan-  
dário, os aplausos da "Flor do Lácio".**

FIGURA 9: Resultado dos Trabalhos em Prol das Missões pelas Alunas do Colégio Imaculada Conceição .  
Fonte: Flor do Lácio, 1944, Nº 3, p.15

**ANEXO B – QUADROS**

**ANEXO B - QUADRO 1: A Imprensa em Montes Claros (1984/1957)**

<b>Nome do Impresso</b>	<b>Tipo de Publicação</b>	<b>Diretor (es), Gerente (s) ou Fundador (es)</b>	<b>Redator (es)</b>	<b>Descrição sobre os empreendimentos jornalísticos</b>
Correio do Norte	Semanario	Antonio dos Anjos e Dr. Antonio Augusto Velloso	Não informado	Órgão do Partido Conservador circulou nos períodos entre 1884-1889
A Lira	Quinzenario	Antonio Augusto Spyer	Não informado	Durou pouco tempo, entretanto foi impresso na mesma tipografia do Correio do Norte
Montes Claros	Semanario	Camillo Philinto Prates, Justino Teixeira Guimarães e Antonio Augusto Spyer	Honorato Alves (no início), Agostinho Detalonde Lopes, sendo substituído por Major Antonio Prates Sobrinho	Foi declarado como jornal apolítico. Circulou nos períodos entre 1893-1899
O Estudante	Não informado	Hemenegildo Prates e João Candido de Sousa	Não informado	Circulou entre 1893-1894, pertencia ao Clube Progressivo. Tratou-se de uma associação composta de rapazes que cursavam a Escola Normal
O Operario	Não informado	Eusébio Sarmiento	Eusébio Sarmiento	Declarado como “órgão defensor dos interesses da classe trabalhadora” circulou, com interrupções, nos períodos entre 1894-1896
O Agricultor	Não informado	Eusébio Sarmiento	Não informado	Lançado no mesmo prelo de “O operário” circulou 1898-1899
A Luta	Quinzenal	Hemenegildo Tito Prates, José Rodrigues Prates Junior e Honor Sarmiento	Hemenegildo Tito Prates, José Rodrigues Prates Junior e Honor Sarmiento	Lutou contra o “partidarismo extremista de politicagem pernicioso” e circulou
D. Joaquim	Edição única	Padres Premonstratenses	Padres Premonstratenses	O Impresso dava “boas vindas” a visita de D.Joaquim, Bispo Codjutor de Diamantina e trazia o programa de festividades no ano 1904
A Opinião do Norte	Não informado	Antonio Augusto Spyer e José Rodrigues Prates Junior e Dr. Jose Tomas	Antonio Augusto Spyer e José Rodrigues Prates Junior e Dr. Jose Tomas	Órgão do Partido Republicano Mineiro De 1905 a 1907



**ANEXO B - QUADRO 1: A Imprensa em Montes Claros (1984/1957) – continuação**

<b>Nome do Impresso</b>	<b>Tipo de Publicação</b>	<b>Diretor (es), Gerente (s) ou Fundador (es)</b>	<b>Redator (es)</b>	<b>Descrição sobre os empreendimentos jornalísticos</b>
O Boêmio	Não informado	Milton Prates e José Barbosa	Milton Prates e José Barbosa	Declarou-se humorístico e crítico circulou 1906-1908
A Veneta	Quinzenário	José Barbosa Neto	José Barbosa Neto	Fundado em 1906 <i>A Veneta</i> Jornal também humorístico e conforme Paula, de vida curta
A Verdade	Semanário	Cônegos Premonstratenses	Pe. Carlos Vincart e Camilo Prates,	Declarou-se científico, literário e noticioso da freguesia. Trabalhou pela criação do bispado em Montes Claros. Alguns artigos também visavam estabelecer limites do patrimônio da Igreja de Montes Claros. Circulou 1907-1917
Opinião do Norte	Bi-semanario	Honor Sarmiento	Não informado	Surgiu em 1908, de declarou não partidário, mas durou menos de 1 ano
A palavra	Quinzenario Literário	João Chaves e Amarino França	Não informado	Fundado em 1910 durou 1 ano apenas. Não conseguimos identificar seu alinhamento político
A Tesoura	Não informado	Clube São Genesco	Clube São Genesco	Fundado em 1910 teve segundo Paula (2007) curta duração. Não conseguimos identificar seu alinhamento político
O Petiz	Não informado	Ezequias Detalonde, Onofre Lafetá e Carlos Ruy Prates	Ezequias Detalonde, Onofre Lafetá e Carlos Ruy Prates	Fundado em 1910 como Jornal das Crianças, teve curta duração
O Sol	Semanário	Não informado	Não informado	Intitulou-se como literário, humorístico e noticioso. Circulou entre 1914-1915
Boletim Paroquial	Não informado	Não informado	Não informado	Primeiro número saiu em 1916. Trata-se de um boletim informativo. Ano que parou de circular não informado

**ANEXO B - QUADRO 1: A Imprensa em Montes Claros (1984/1957) – continuação**

<b>Nome do Impresso</b>	<b>Tipo de Publicação</b>	<b>Diretor (es), Gerente (s) ou Fundador (es)</b>	<b>Redator (es)</b>	<b>Descrição sobre os empreendimentos jornalísticos</b>
O Bisturi	Quinzenario	Hemenegildo Chaves, Carlos Felinto Prates e José Figueredo.	Não informado	Surgiu em 1916, teve curta duração e foi caracterizado como literário, humorístico e noticioso
Montes Claros	Semanario	Antonio Ferreira de Oliveira Antonio Augusto Spyer, Jose Correia Machado e Honor Sarmiento	Olinto Martins, Herculino Sousa,	Surgiu em 1916, ao que parece durou até início da década de 1920
O Binóculo	Não informado	Eurípedes Moreira e Antonio Marinho	Eurípedes Moreira e Antonio Marinho	Não conseguimos identificar seu alinhamento político. Circulou de 1916-1917
O Civilista	Quinzenario	Ciro dos Anjos	Ciro dos Anjos	Sabe-se que circulou em 1916 durou. O seu diretor era aluno do quarto do Grupo Escolar
A Escola	Não informado	Antonio Augusto Durães e José dos Santos Câmara	Não informado	Informa-se apenas que sua produção utilizou a mesma tipografia do <i>Montes Claros</i>
A Braza	Não informado	Alfredo Ramos	Luis Severiano de Oliveira – Vulgo João d’Aqui	Surgiu em 1919, tratou-se de um jornal humorístico com curta duração. Produzido também na mesma tipografia do <i>Montes Claros</i>
O Gelo	Não informado	Mercês Prates, Juraci Prates, Ari de Oliveira e Onofre Lafetá	Ari de Oliveira e Onofre Lafetá	Surgiu em 1919 para fazer oposição a <i>A Braza</i> .
Formigas	Quinzenario	Leônidas Câmara e Alfredo Ramos	Leônidas Câmara e Alfredo Ramos	Sabe-se que durou apenas um ano e contou com apoio do <i>Montes Claros</i>
A Liga	Não informado	Drs. Correia Machado e Antonio Teixeira de Carvalho, Marciano Alves Mauricio e Pedro Lessa Spyer	Drs. Correia Machado e Antonio Teixeira de Carvalho, Marciano Alves Mauricio e Pedro Lessa Spyer	Surgiu em 1921 para fazer propaganda da “Liga Patriótica Mineira” que existia na cidade. Propunha combater o álcool, o analfabetismo e as endemias regionais

**ANEXO B - QUADRO 1: A Imprensa em Montes Claros (1984/1957) – continuação**

<b>Nome do Impresso</b>	<b>Tipo de Publicação</b>	<b>Diretor (es), Gerente (s) ou Fundador (es)</b>	<b>Redator (es)</b>	<b>Descrição sobre os empreendimentos jornalísticos</b>
A Ordem	Não informado	Antonio Augusto Spyer, Jose Barbosa Neto, Jose Correia Machado, Antonio Augusto Teixeira e Clemente Moreira da Silva	Antonio Augusto Spyer, Jose Barbosa Neto, Jose Correia Machado, Antonio Augusto Teixeira e Clemente Moreira da Silva	Surgiu em 1922, era órgão do Partido Republicano Mineiro e durou pouco tempo
O Jahu	Quinzenario	Otacílio Trindade e João Soares da Silva	Não informado	Surgiu em 1927, pequeno formato, era crítico e não durou um ano
A Critica	Quinzenario	Geraldo Freire e Joaquim Nicodemos Santana	Geraldo Freire e Joaquim Nicodemos Santana	Não informado
O Trololó	Quinzenario	Ataliba Machado	Ataliba Machado	Surgiu em 1926, se tratou de um periódico critico e durou um ano
O Cansação	Não informado	Quasimodo e Gwinplaine	Quasimodo e Gwinplaine	Tratou-se de um “jornalzinho” humorístico produzido por dois estudantes da Escola Normal
Folha do Norte	Não Informado	Alfredo Ramos Leônidas Câmara (no início), Jurandi Freire	Alfredo Ramos Leônidas Câmara (no início), Jurandi Freire	Surgiu em 1929 circulando até 1930 destinava-se a fazer a campanha política de Dr. João Alves
A Cidade	Não informado	J. Macedo	J. Macedo	Não informado
O Brasil	Não informado	Armênio Veloso, Ozias Profeta e João Souto	Armênio Veloso, Ozias Profeta e João Souto	Não informado
Chuva de Rosas	Não informado	Não informado	Não informado	“Jornalzinho” único criado para festa de Santa Terezinha, em outubro de 1930
O Operário	Semanario	Prof. Athos Braga	Prof. Athos Braga	Sabe-se que surgiu em 1931, foi fechado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP em 1941(durante o Estado Novo).E reabriu depois manteve o funcionamento até década de 1950

**ANEXO B - QUADRO 1: A Imprensa em Montes Claros (1984/1957) – continuação**

<b>Nome do Impresso</b>	<b>Tipo de Publicação</b>	<b>Diretor (es), Gerente (s) ou Fundador (es)</b>	<b>Redator (es)</b>	<b>Descrição sobre os empreendimentos jornalísticos</b>
Jornal do Sertão	Não informado	Sebastião Massarico e Geraldo Freire	Não informado	Surgiu em 1935, foi caracterizado como jornal “politicamente incolor” que pregava o engrandecimento da cidade e a paz na família
17 de Julho	Único número	Não informado	Não informado	Não informado
Folha do Instituto	Mensal	Dr. João Luis de Almeida	Não informado	Órgão do Instituto Mineiro de Educação tratou de assuntos dos alunos, do educandário e de interesse geral
A Voz do Estudante	Não informado	Não informado	Não informado	Órgão do corpo discente do Ginásio Montes Claros. Não identificamos a data de surgimento e circulação
Yrumoara	Não informado	Rotary Clube	Rotary Clube	Surgido em 1946 noticiava assuntos referentes ao Rotary Clube
Gangorra	Não informado	Candido Canela e Antonio Rodrigues	Candido Canela e Antonio Rodrigues	“Jornalzinho” humorístico surgido em 1946 e com curta duração
Sampaio	Não informado	Não informado	Não informado	“jornalzinho periódico pertencente ao Tiro de Guerra”
O Dever	Não informado	Órgão do Colégio Imaculada Conceição	Professoras com a colaboração das alunas	Publicou “uns cinquenta números, sendo substituído em 1943 por uma revista de publicação periódica
Flor do Lácio	Semestral ou anual	Colégio Imaculada Conceição	Alunas e professoras	1943/44 – 1956/57 (Previsão com base nas nossas fontes)
O Tribuna do Norte	Quinzenario	Pe. Aníbal Pereira dos Reis	Pe. Aníbal Pereira dos Reis	Órgão da Diocese, surgiu em 1951
O Craque	Não informado	Expedito Guarinelo	Expedito Guarinelo	Foi o primeiro Jornal de Esporte, surgiu em 1943 e publicou apenas dois números

**ANEXO B - QUADRO 1: A Imprensa em Montes Claros (1984/1957) – continuação**

<b>Nome do Impresso</b>	<b>Tipo de Publicação</b>	<b>Diretor (es), Gerente (s) ou Fundador (es)</b>	<b>Redator (es)</b>	<b>Descrição sobre os empreendimentos jornalísticos</b>
O Fanal	Mensário	Luis Gonzaga Domingos	Lafaiete Spíndola Castro	Órgão oficial do Centro Cultural Pandiá Calógeras surgiu em 1954 e foi caracterizado como mensário nacionalista. Informa-se apenas que teve curta duração
O Atirador	Não informado	Augusto Freire	T. Figueredo Veloso	Órgão do Tiro de Guerra substituiu o <i>Sampaio</i> em 1954. Não identificamos outras informações
O Esporte	Semanário	Waldir S. Batista	Assis Veloso	Surgido em 1954 publicou apenas oito números. Não identificamos outras informações
O Seminario	Não informado	Pe. Paulo Pimenta	Pe. Paulo Pimenta	Órgão das vocações Sacerdotais surgiu em 1955. Não identificamos outras informações
Montes Claros em foco	Não informado	Ataliba Machado	Não informado	Revista ilustrada saiu o primeiro número em agosto de 1956. Não identificamos outras informações
Encontro	Não informado	Konstantin Cristoff, Lucio Bemquerer, Décio Gonçalves e EnoK Sarmento	Waldir Sena Batista	Informa-se somente que se tratou de uma revista que surgiu a partir dos ideais dos seus fundadores e redatores
Gazeta do Norte	Semanário	Dr. José Tomaz de Oliveira e Jair de Oliveira	Luis Severiano de Oliveira	Fundado em 1918 apresentava-se como “semanário, independente e noticioso” durou até a década de 1960
Jornal de Montes Claros	Semanário	Capitão Eneas Mineiro (1º proprietário) Dr. Osvaldo Antunes (comprou o jornal)	Dr. Luiz Pires Filho Waldir Sena Batista	Iniciou sua tiragem em 1951. Esse jornal foi pioneiro pois: constituiu uma escola de jornalismo, possuiu um grupo de repórteres antenados e adotou esquema de venda avulsa nas ruas

Fontes: Viana (1916) p.91-100; Paula, (2007), p. 201-210; Veloso (2008) p.12-38; e Flor do Lácio (fascículos 1,2,3,4 e 5 e exemplares de 1956/57).

**ANEXO B - QUADRO 4: Autores/as que escreveram matérias para *Flor do Lácio* (1943/1945)**

<b>Nº</b>	<b>Alunas que tiveram Publicações em Flor do Lácio</b>	<b>Série/Curso</b>	<b>Professores/as que tiveram Publicação em Flor do Lácio</b>	<b>Demais Autores/as não classificados como alunas ou como professores/as</b>	<b>Ano/fascículo</b>
01	-	-	-	Pe Osmar de Novais Lima	1943/nº2
02	-	Ex-aluna	Lídia de Souza Medeiros	-	1943/nº2
03	Terezinha Nonato	2º Normal	-	-	1943/nº2
04	Aimée de Oliveira Campos	2º ano Propedêutico	-	-	1943/nº2
05	-	-	-	Sylvia Veloso dos Anjos	1943/nº2
06	Maria Auxiliadora Guedes	3º ano Propedêutico	-	-	1943/nº2
07	Onolita Peixoto	3º ano Normal	-	-	1943/nº2
08	Inês Veloso dos Anjos	1º ano Adaptação	-	-	1943/nº2
09	-	-	-	M. do P.	1943/nº2
10	Maria da Gloria C. Guedes	1º ano Normal	-	-	1943/nº2
11	Júlia Aguiar	2º ano de Adaptação	-	-	1943/nº2
12	Terezinha Machado	3º Ano Normal	-	-	1943/nº2
13	Alaíde Martins Pereira	1º Ano Técnico	-	-	1944/nº3
14	Aleluia Fernandes Murta	3º Normal	-	-	1944/nº3
15	Jeni Canela Barbosa	1º ano Técnico	Professora	-	1944/nº3
16	Terezinha de Brito	1º ano de Adaptação	-	-	1944/nº3
17	-	-	-	Pe. Osmar de Novais Lima	1944/nº3
18	Glaucia Bastos	1º ano Básico	-	-	1944/nº3
19	Berenice Luiza de Melo	1º ano Técnico	Professora	-	1944/nº3
20	Neusa Oliveira	2º ano Normal	-	-	1944/nº3
21	Esponina Bastos	3º ano Normal	-	-	1944/nº3
22	Carmem Lafeté Rebêlo	1º ano Normal	-	-	1944/nº3
23	Inês Velôso dos Anjos	2º ano de Adaptação	-	-	1944/nº3
24	Neuza Pinheiro	3º ano Básico	-	-	1944/nº3
25	-	-	-	Pe. Sena Freitas	1944/nº3
26	-	-	-	Amiga Ursa	1944/nº3

**ANEXO B - QUADRO 4:** Autores/as que escreveram matérias para *Flor do Lácio* (1943/1945) – *continuação*

<b>Nº</b>	<b>Alunas que tiveram Publicações em Flor do Lácio</b>	<b>Série/Curso</b>	<b>Professores/as que tiveram Publicação em Flor do Lácio</b>	<b>Demais Autores/as não classificados como alunas ou como professores/as</b>	<b>Ano/fascículo</b>
27	-	-		Pe. Reitor	1944/ nº4
28	-	-	Felicidade Tupinmbá		1944/ nº4
29	Júlia F. Aguiar	1º Normal			1944/ nº4
30	Alaíde Martins	1ª Ano Técnico			1944/ nº4
31	Iracema	3º Normal			1944/ nº4
32	-	-		Sylvia Velloso dos Anjos	1944/ nº4
33	Ubalдина Andrade	1º ano de adaptação.			1944/ nº4
34	Ana Nunes da Silva	1º ano básico			1944/ nº4
35	Neuza M. Oliveira	2º ano Normal			1944/ nº4
36	Wanda Melo	2º de Adaptação			1944/ nº4
37	-	-	Raimundo Poincaré Deusdará		1945/nº5
38	M. Onolita Peixoto	2º ano Técnico de Contabilidade			1945/nº5
39	-	-		Terezinha Santos Oliveira	1945/nº5
40	-	-		MILGENE	1945/nº5
41	Neuza Pinheiro	4º ano básico			1945/nº5
42	Gláucia Bastos	3º ano Básico			1945/nº5
43	Sofia de Melo	1º ano normal			1945/nº5
44	-	-		Maria José Velloso dos Anjos	1945/nº5
45	Célia Aquini Neto	3º ano Normal			1945/nº5
46	Maria Rodrigues Avelar	2º ano Normal			1945/nº5
47	Maria Aparecida Cunha	1º ano de adaptação			1945/nº5
48	Edeluis Sarmiento de Medeiros	3º ano básico			1945/nº5
49	Hiveralda Abreu	3º ano Normal			1945/nº5

Fonte: FLOR DO LÁCIO/ Fascículos: 02, 03, 04 e 05 (1943/1945). Disponível nos Arquivos do Colégio Imaculada Conceição.

**ANEXO B - QUADRO 6:** Autores/as que escreveram matérias para *Flor do Lácio* (1956/1957)

<b>Nº</b>	<b>Alunas que tiveram Publicações em Flor do Lácio</b>	<b>Série/Curso</b>	<b>Professores/as que tiveram Publicação em Flor do Lácio</b>	<b>Demais Autores/as não classificados como alunas ou como professores/as</b>	<b>Ano/fascículo</b>
01	Cleonice Sarmiento	3º Ano de Formação	-	-	1956
02	Maria José Santiago	3º Formação	-	-	1956
03	-	-	-	L de M.	
04	Shirley Mendes Costa	3º Ano de Contabilidade	-	-	1956
05	-	-	-	Abgar Renault	1956
06	Shirley Mendes Costa	3º Ano de Contabilidade	-	-	1956
07	Nilda Generoso	3º Formação	-	-	1956
08	Celina – 2º Formação	Celina – 2º Formação	-	-	1956
09	Helena Freire 1º Ano de Formação	Helena Freire 1º Ano de Formação	-	-	1956
10	Nice Leite	1º Científico	-	-	1956
11	Mires Dalva Vieira	2º ano de Formação	-	-	1956
12	Zelcir Gomes	Zelcir Gomes	-	-	1956
13	-	-	-	Maria da Consolação de M. Figueiredo	1956
14	Maria Tércia de Freitas	4ª Serie A	-	-	1956
15	Nina Prates	1º de Formação	-	-	1956
16	Ivone Ferraz	Aluna do segundo de formação	-	-	1956
17	-	-	-	-	1956
18	Maria José Narciso Durães	2º Ano Técnico de Contabilidade	-	-	1956
19	-	-	-	Ricardo Alfredo Von Brewer Pereira	1956
20	Cleonice Sarmiento	3º ano de formação	-	-	1956
21	Ivone Ferraz	2º de formação	-	-	1956
22	Leonina O. Ferreira	3ª série	-	-	1956
23	Tânia Ataíde Vieira	2ª Série A	-	-	1956
24	Neuza Corrêa Matos	2º Série C	-	-	1956



**ANEXO B - QUADRO 6:** Autores/as que escreveram matérias para *Flor do Lácio* (1956/1957) – *continuação*

<b>Nº</b>	<b>Alunas que tiveram Publicações em Flor do Lácio</b>	<b>Série/Curso</b>	<b>Professores/as que tiveram Publicação em Flor do Lácio</b>	<b>Demais Autores/as não classificados como alunas ou como professores/as</b>	<b>Ano/fascículo</b>
25	-	-	-	Carminha S. Goutier	1957
26	-	-	-	Emílio Moura	1957
27	Terezinha Rocha	2º Tec. Contabilidade	-	-	1957
28	Ivone C. Ferraz	3º Ano de Formação	-	-	1957
29	Iolanda Fernandes	3º Tec. de Contabilidade	-	-	1957
30	Mires Dalva Vieira	3º ano de Formação	-	-	1957
31	-	-	-	Terezinha Wilma de Alkimim	1957
32	Míriam Inês Veloso Silqueira,	1ª Série “A”	-	-	1957
33	Nina Prates	2º de Formação	-	-	1957
34	Clarice Sarmento	3º de Formação	-	-	1957
35	-	-	-	Iolanda Fernandes	1957
36	Maria do Rosário de Fátima Lima	1º ano Formação	-	-	1957
37	-	-	-	G. Cristian Adaptação da revista Ecclesia por Marise Pimenta Borém	1957
38					1957
39	Leonina Oliveira Pereira	4ª série B			1957
40	-	-	-	Transcrito de “O Diário de Belo Horizonte”	1957
41	Maria da Consolação de Magalhães Figueiredo	1º ano Científico	-	-	1957
42	Mary Rosa Prates Mesquita	4 Série B	-	-	1957
43	Maria Yolanda Silveira	2º de Formação	-	-	1957

**ANEXO B - QUADRO 6:** Autores/as que escreveram matérias para *Flor do Lácio* (1956/1957) – *continuação*

<b>Nº</b>	<b>Alunas que tiveram Publicações em Flor do Lácio</b>	<b>Série/Curso</b>	<b>Professores/as que tiveram Publicação em Flor do Lácio</b>	<b>Demais Autores/as não classificados como alunas ou como professores/as</b>	<b>Ano/fascículo</b>
44	-	-	-	Ivone C. Ferraz	1957
45	Maria Zélia Silveira Almeida	2º Técnico de Contabilidade	-	-	1957
46	Sílvia Capuchinho	2º ano de Formação	-	-	1957
47	Flávia Rabelo	2ª Série A	-	-	1957
48	Madeleine Veloso	1º ano de formação	-	-	1957
49	Maria José Narciso - 3º Tec de Contabilidade	Maria José Narciso - 3º Tec de Contabilidade	-	-	1957
50	Leolina Ferreira	4ª Série B	-	-	1957
51	Beatriz Dias	1º Normal	-	-	1957
52	-	-	-	Laine Dias Barbosa	1957
53	Gilce Alves	4ª Série B	-	-	1957
54	Beatiz Dias – 1º Normal	Beatiz Dias – 1º Normal	-	-	1957

Fonte: FLOR DO LÁCIO/Fascículo (1956) e Fascículo (1957). Disponível nos Arquivos do Colégio Imaculada Conceição.

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57)

<b>FASCÍCULO 2</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>INFORMAÇÕES</b>	Conhecimentos Gerais	-	-	-
	Correspondência	Carta do Inspetor Técnico Regional Sr José Raimundo Neto	Agradece o recebimento do primeiro exemplar da revista e elogia a iniciativa.	13
		Leitor Amigo	Cartão de boas festas	17
	Noticiário	Noticiário	Notícias sobre: alunas 1 e 2º Normal que se destacaram na manhã esportiva; da presença do bispo na colação de grau das professorandas; diplomas do primário; presença de outras irmãs no colégio; cita as Srtas que foram para o convento e parabeniza o Ginásio municipal	04
		Notícia de Última Hora – Ensino Comercial	Relata sobre o ensino comercial já disponível no colégio.	12
		Resultado das Promoções do Ano de 1943.	Lista das alunas aprovadas para as séries seguintes e das que estão dependentes.	15/16
<b>CULTURA &amp; EDUCAÇÃO</b>	Cultura	A Rua dos Estudantes	Fala da dinâmica da Rua Coronel Prates onde alunos/as dos C. Imaculada, Ginásio Municipal Instituto de Infância Dom Bosco se relacionavam durante o período de aulas. Diferenças entre, comportamentos femininos e masculinos.	04
	Educação	Ser Professor	Deus e nação e “Professor é aquele que cuida”	3/4
		Dia inesquecível	Atividade de campo	5/6
		O que achei do Colégio	Descreve o internato e sua disciplina rigorosa	8
<b>SOCIAIS</b>	Entretenimento	Página Recreativa	Traz piadas, comentários, perguntas...	12
		Focalizando	Fotos das duas redatoras da revista e um texto elogiando ambas	07
	Homenagens	Perfil de Hilda do Vale e Perfil de Genoveva da C. Mota	Fotos de ambas e poesias homenageando-as	09
		Homenagens	Fotos das professoras Joana d’Arc Veloso dos Anjos e Dulce Sarmiento	13

**ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação**

<b>FASCÍCULO 2</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
	Homenagens	A Academia de Comércio “Abgar Renault” e o Sr. Milton Prates	Acima foto das alunas que receberam o certificado de aprovação do 3º ano Propedêutico e a seguir faz homenagem ao deputado federal Milton Prates cuja influencia possibilitou a instalação da Academia de Comércio no colégio.	14/15
		Honra ao Mérito	Lista destacando os nomes das Alunas classificadas em primeiro lugar	17
	Personalidades	Brilhante oratória proferida pelo paraninfo da turma das professorandas Pe. Osmar de Novais Lima	O Padre aborda temas como controle e vigilância; pátria e Deus; professoras e a Virgem Maria	01/02
<b>RELIGIÃO &amp; REFLEXÕES</b>	Reflexões	Agonia	Reflete sobre o fim do ano e suas expectativas	06
		Conto de Natal	Reflete sobre o período natalino	11/12
	Religião	Atividades da Pia União em 1943	Foto da capela do colégio; informações sobre as “Filhas de Maria” e as atividades litúrgicas	10/11
		A Gruta	Lugar dentro do colégio onde ficava a imagem de NªSra de Lourdes, é descrito como um lugar belo.	11
<b>FASCÍCULO 3</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>INFORMA-ÇÕES</b>	Conhecimentos Gerais	Meu Brasil	Aspectos de regiões do Brasil e sua natureza	6
		Teste de Raciocínio	Questões de história, geografia, matemática ...	10
	Correspondência	Correspondência às Esmas Srtas dirigentes de Flor do Lácio	O padre Osmar de Novais Lima agradece a matéria de primeira página dedicada a ele na ultima edição	05
		Carta	A aluna Inês Velôso dos Anjos aborda sobre as relações sociais, os estudos e a disciplina.	09

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

<b>FASCÍCULO 3</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>INFORMA- ÇÕES</b>	Noticiário	Noticiário	Curso Técnico de Contabilidade, as Associações Católicas, Madre Blandina, Viajantes e Padres Redentoristas	14
		Resultado dos Trabalhos em Prol das Missões pelas Alunas do Colégio Imaculada Conceição	Prestação de contas sobre os valores arrecadados com barraquinhas, leilões, donativos, jogos, vendas de flores etc.	15
<b>CULTURA &amp; EDUCAÇÃO</b>	Cultura	Evocações do Mês de Maio	Aborda às comemorações marianas	02
		Montes Claros	Poesia sobre Montes Claros e uma foto (Vista da Rua Dr. Santos)	03
		Noite de São João	Descreve as “ <i>festas joaninas</i> ”	04
		Um dia de Feira	Descreve o cotidiano do mercado aos sábados	08
	Soneto (Alfonsus de Guimaraens)	Poesia exaltando a “Virgem Maria” comentário da aluna reafirmando os preceitos católicos	13	
Educação	Minha Primeira Mestra	A autora faz uma comparação da escola que conheceu c/ a escola que a avó e a mãe descreviam. Exalta a imagem da professora	07	
<b>SOCIAIS</b>	Entretenimento	Charadas (para as horas de lazer do 3 normal)	Trocadilhos, charadas...	09
		Aniversários (Fizeram anos em Junho)	Pessoas da escola que fizeram aniversários como: Genoveva da C. Mota (ex: aluna) que se tornou professora da instituição	11
		Humorismo de Classe	Faz-se deboches sobre comportamentos de algumas alunas como: Alaíde Martins, Maria Melo e Edite	12
	Homenagens	Irmã Superiora	Congratulações a “esposa de Cristo” Ir. Maria Berta	05
	Personalidades	A Visita do Sr. Governador de Minas Gerais	Descreve a visita de Benedito Valadares a cidade de Montes Claros (Progresso)	01/02

**ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação**

<b>FASCÍCULO 3</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>SOCIAIS</b>	Personalidades	Dr. Alfeu Gonçalves de Quadros	O texto prestigia o prefeito da cidade	04
	<b>RELIGIÃO &amp; REFLEXÕES</b>	Reflexões	Esquecimento	Texto romântico/ saudades da pessoa amada que partiu
História			Produção de texto sobre certa filha mimada que só depois que foi mãe reconheceu o erro que cometeu com seus pais	10
Oração			Explica-se sobre o sentido da oração	11
Religião		As Campanhas Missionárias	Relata o progresso no século XX e convoca as pessoas a “aumentar o reino de Cristo”	6/7
		Seu Destino	Trata-se de um texto que estimula as jovens a aderirem à vida religiosa	8
<b>FASCÍCULO 4</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>INFORMAÇÕES</b>	Conhecimentos Gerais	Primavera	Redação sobre a referida estação.	13
	Correspondência	Carta (Maria Saudo-a)	Relata a Maria as mudanças no progresso de Montes Claros	4
		Linguagem dos Cartões	Ensina a etiqueta do uso do cartão de visita	4
		Transcrição da Carta de Dr. Abgar Renault (DD. Geral do Departamento Nacional de Educação)	Agradece o recebimento da revista e ressalta a finalidade educativa do impresso	15
	Noticiário	Noticiário	Grupo Escolar Gonçalves Chaves; homenagem as normalistas... Outros assuntos gerais...	17
		Resultado das Promoções do ano de 1944.	Lista das alunas aprovadas para as séries seguintes e das que estão dependentes	17
<b>CUL TUR A &amp; EDU-CAÇÃO</b>	Cultura	Meu programa de férias	Descreve o que pretende fazer nas férias na fazenda. Aborda costume local e enfatiza que “não deixará de cumprir suas obrigações para com Deus”	03

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

<b>FASCÍCULO 4</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>CULTURA &amp; EDUCAÇÃO</b>	Educação	Comentando	O texto faz comentários sobre um filósofo americano chamado John Dewey e sua discussão sobre “Educação e Progresso”	03
		Despertar	O texto descreve sobre cotidiano educacional	07
		Traduzindo Nossa Capa	Relata que a moça da página é a normalista, a sua frente o diploma – o colégio deve ser lembrado como “casa bem amada” “acima Maria do lado da bandeira do Brasil pátria”	10
<b>SOCIAIS</b>	Entretenimento	Humorismos	A aluna Edite (nome mencionado várias vezes no fascículo anterior) mais uma vez é lembrada. O quadro faz sátiras com situações do cotidiano escolar	16
	Homenagens	Página das Professorandas c/ Fotos das alunas (e nomes) e Perfil (de M. Aleluia F. Murta)	Homenagem à turma do 3º ano Normal e Poesia homenageando a aluna M. Aleluia	08/09
		Foto das alunas (manhã esportiva)	-	10
		A minha boa amiga (Terezinha Nonato Batista)	Homenagem à redatora da revista suas qualidades são atribuídas as sua mãe	11
		Berenice Melo	Homenagem à ex redatora que ao que indica deixou o cargo para se dedicar ao trabalho missionário	11
		Quadro de honra (Classificação final dos alunos da Escola Normal “Imaculada Conceição”)	Alunas premiadas em 1º e 2º lugar	12
	Personalidades	Nosso Paraninfo	Faz elogios ao Paraninfo escolhido D. Aristides de A. Pôrto.	01

**ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação**

**FASCÍCULO 4**

<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>RELIGIÃO &amp; REFLEXÕES</b>	Reflexões	Mais um	Menciona sobre o fim das atividades letivas e eclesiásticas. Reforça concepções de virtudes para as formandas e educação. “Árvore se reconhece pelas frutas”	2 e7
		Arvore Sugestiva	Exalta a figura de uma árvore (flamboyant) plantado na porta do colégio cuja autora toma como referencia ao falar de como pretende servir quando for professora	04
		Natal de Ontem e Natal de hoje	Texto reflete sobre uma ceia de Natal	05
		Uma Lição	Comentário sobre texto de Monteiro Lobato “O Automóvel e a Mosca”	14
		Férias	A aluna que é interna, se propõe ao retornar para casa ajudar a mãe nas tarefas domésticas.	14
		Hora do Âgelus	Referente às seis horas da tarde “hora de Maria”	14
	Interpretando	A aluna faz interpretações dos poemas de Augusto de lima e Sto Agostinho.	15	
Religião	O Missionário	O textos faz elogios os missionários, cita exemplos dos jesuítas. Parece que ela posiciona-se contra a modernidade.	06	

**FASCÍCULO 5**

<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>INFORMAÇÕES</b>	Conhecimentos Gerais	Redação	Jogo entre os “teams” de Frei Humberto e Frei Hermano	Contra-capa
		A primavera	Exaltação da estação	13
		Paralelos entre os Estados e o Brasil – Porque estão os Estados Unidos integrados hoje entre as maiores potências?	O texto reporta sobre progresso dos EUA e faz comparações de forma genérica/ pátria/ educação moral/ educação e progresso/ ordem e progresso.	15/16



ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

FASCÍCULO 5				
SEÇÕES	SUBSEÇÕES	MATÉRIAS	ASSUNTO	PÁGI-NA(S)
INFORMAÇÕES	Conhecimentos Gerais	Para suas horas de lazer – Verifique se é capaz de responder, acertadamente, a estas questões. Se o fizer estará de parabéns	São vinte questões de conhecimentos gerais e culturais. Parece que trata de questões que foram trabalhadas em sala de aula: literatura/história/geográfica...	22
		Boas Maneiras a mesa	-	29
	Correspondência	Correspondência	Carta transcrita de Abgar Reanault comentando sobre Flor do Lácio nº 4. A carta foi emitida diretamente do Ministério da Educação e Saúde	18
		Carta	Trata-se de uma carta direcionada a uma amiga onde a aluna descreve sua vocação para com a aviação que na sua visão representa o progresso do país	19
	Noticiário	Notícias	Resultado das missões, Irmã Superiora, Semana da Pátria, Festa da amizade, Intercâmbio Científico, Distribuição de Prêmios, Associações, Normalistas de 1945	Contra capa
	CULTURA & EDUCAÇÃO	Cultura	Foto do desfile 7 de Setembro	-
Ouro Preto (Impressões de uma Viagem)			Relata de forma lírica a impressão que teve da cidade de Ouro Preto. Também toma Bilac como referência ao falar que o mesmo chamou a cidade de “ <i>anciã das lendas e ruínas</i> ”	20
Miguel Strogoff			Relatos sobre um herói de um filme	21
Educação		Evocando	Texto relatando onde a aluna lembra uma aula cujo professor fala do papel de outro professor, da educação, disciplina e instrução.	09
		Interesses Infantis	Cita psicólogo Ferrière sobre idades e interesses da criança	24
		Minha Vida Escolar	A aluna relata sobre o quanto gosta de estudar e as lembranças que tem da sua professora e da sua formatura do pré.	25
		Comentário sobre as Aulas Práticas	A aluna do 3º Normal relata sobre a impressão que teve das aulas práticas	27

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

<b>FASCÍCULO 5</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>SOCIAIS</b>	Entretenimento	Troçando	Brincadeiras com as alunas e suas respectivas séries	12
		Troçando – Uma coisa Puxa Outra	Fala de uma aluna “Maria Melo” que procura servir a todo tempo os professores/as. Ela é chamada de “corropio”.	13
	Homenagens	Cônego Reitor	Homenagem dos “ <i>Elementos dessa escola</i> ”/ “ <i>Filhos Espirituais</i> ” ao Cônego Reitor Francisco de Paula Moureau.	10
		Foto: Flagrante da Festa de Amizade com que o 1º e 2º ano normal	Homenagem às alunas mestras	26
	Personalidades	Sr Milton Prates	Relata as benfeitorias que o Deputado realizou para o Colégio e agradece	01
		Palestra proferida pelo professor do curso técnico de Contabilidade, Dr Raimundo Poincaré Deusdará, ao enejo das comemorações da Pátria – Caxias	Exaltação a personalidade de Caxias	3/4/5
		A aluna do 1º ano normal Ieda Gonzaga fala em sessão do Grêmio Literário de sua classe:	O texto exalta a figura do Barão do Rio Branco	

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

FASCÍCULO 5				
SEÇÕES	SUBSEÇÕES	MATÉRIAS	ASSUNTO	PÁGI-NA(S)
RELIGIÃO & REFLEXÕES	Reflexões	Adaptação de um Conto	O texto traduz como a aluna imagina que seja uma família feliz – o pai, o filho (olhos azuis) e mãe (uma heroína)	06
		Recordando	O texto recorda sobre os tropeiros e sua importância para comércio local . Menciona a mãe que esperava o esposo (texto saudosista)	07
		Manacá	Poesia/ compara com a guerra	07
	Reflexões	Provérbio “Amigo do bom tempo, muda-se com o vento”	Fala dos colegas que só se aproximam quando a pessoa tem posses (bens)	08
		Nossa Senhora vai...	Poesia do poeta simbolista Alfonsus de Guimaraens / Prece à Nossa Sra.	11
		Uma Tempestade no Mar	A aluna relata sobre um passeio cuja barca iria naufragar devido ao <i>comandante e seu ajudante professarem blasfêmias contra Deus.</i>	11
		Reprodução – Um Episódio da vida de Lauro Muller	Texto narrativo percebe-se Valores moral/não demonstrar ignorância sobre sua pátria/não faltar a escola ir de qualquer jeito/ aspectos do positivismo.	19
		Uma Visão Celeste	Texto com conotação moral: mãe/assassinos/morte/paraíso/resignação = visão celeste.	25
		O Cego	Relata como as pessoas saudáveis reagem indiferentes diante de um menino cego e reza por ele.	26
		O crime não compensa	Texto narrativo enfatizando valores morais/honestidade X desonestidade	28
	Religião	Foto	Alunas que se colocaram em 1º Plano em prol da campanha missionária	08
		Jubileu da Congregação das Irmãs do Sagrado C. de Maria (Dedicado à Irmã Superiora)	Melata sobre o Centenário da Congregação/Cita as dificuldades diante do fim da II Guerra/Fala da confiança em Maria “Madona”/ Relata uma breve história da fundação da Congregação e suas origens/ texto apropriado p/ analisar a santa	14

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

FASCÍCULO – ANO 1956				
SEÇÕES	SUBSEÇÕES	MATÉRIAS	ASSUNTO	PÁGI-NA(S)
INFORMAÇÕES	Conhecimentos Gerais	Curiosidades (tradução da revista LIGTH da Bélgica para revista “Flor do Lácio”	Texto com informações sobre custos de materiais bélicos utilizados por países durante II Guerra	10/11
		Teste de Cultura	Perguntas sobre conhecimentos gerais	17
		Inflação e o Comércio	Críticas a inflação e a moeda cruzeiro	18
		Bom Tom	Regras de etiqueta/relações de gênero	19
	Correspondência	-	-	-
	Noticiário	1956 no Colégio Imaculada	Informações sobre notícias gerais e eventos desenvolvidos	07
CULTURA & EDUCAÇÃO	Cultura	Mãe	Texto reporta o dia das mães	02
		Nossos poetas – Para as leitoras de “Flor do Lácio” essa belíssima poesia de um dos melhores poetas mineiros	Poesia de Abgar Renault	05
		Por que gosto do mês de Maio	Descreve a importância do mês de Maria e convida as meninas para serem puras como as flores para se elevarem a Maria	20
	Educação	Suprema Recompensa	O texto aborda o poder da professora ao resgatar uma aluna que era triste	06
		A Leitura	Texto estimulando a leitura de jornais, revistas...	09
		Ser Professora	Texto associa a imagem da professora a imagem materna	14
SOCIAIS	Entretenimento	Mexericos	Sátiras e piadas com os nomes das alunas/ humorismo	08
		O 2º de Formação em desfile	Apresentação das alunas com versos rimados satiricamente	12
		Aniversários/noivados e festas	Comentários sobre alguns eventos e aniversariantes	14

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

FASCÍCULO – ANO 1956				
SEÇÕES	SUBSEÇÕES	MATÉRIAS	ASSUNTO	PÁGI-NA(S)
SOCIAIS	Homenagens	Foto	Homenagem do 3º Ano de formação a Irmã Edmunda	03
		Fotos	Alunas da turma do 3º Ano de formação com Irmã Edmunda	15
	Personalidades	-	-	-
RELIGIÃO & REFLEXÕES	Reflexões	Dela nunca mais me esqueci	Poema	03
		Excelsa Rainha do céu – proferida ao ensejo de Nª Sra.de Fátima	Exaltação a Nª Sra./ aborda sobre fé/preces...	04
		Mamãe	Poesia refletindo o dia das mães	07
		Flores que desabrocham	Relata sobre a importância da amizade entre duas colegas	08/09
		Vitor Hugo, as mort	Texto em francês aborda sobre um sujeito ateu que aderiu a uma fé não católica e que estava sofrendo no final da sua vida mesmo tendo se redimido	09
		Qu'attendez-vous Du prêtre (par François Mauriac	Texto em francês mesmo sentido do texto anterior	13
		Pascal	Texto conta a história de um filósofo que se tornou jesuíta mas mesmo assim sofreu devido uma escolha errada que tomou na juventude	16
		Provérbio Chinês	Reflexão	18
		Um dia inesquecível	Refere-se ao dia que Irmã Edmunda atendeu ao chamado de Cristo...	19
		A Raposa e a Fábula	A fábula critica as atitudes dos homens jovens da modernidade que não conhecem a Deus	19
	Perfil	Perfila a representação ideal de uma aluna com baixa estatura morena, cabelos curtos, pretos e lisos, olhos grandes e castanhos, nariz afilado e boca pequena.	20	
	Religião	Nosso Colégio	História do colégio e de sua formação religiosa	10/11

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

<b>FASCÍCULO – ANO 1957</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI- NA(S)</b>
<b>INFORMAÇÕES</b>	Conhecimentos Gerais	Bom Tom	Regras de Etiqueta / Relações de Gênero	02
		Montes Claros Centenária	Reporta sobre as obras realizadas nas comemorações da cidade	04
		Teste de Cultura	Perguntas de Conhecimentos Gerais	11
		Situação econômico-financeira de montes Claros	Texto aborda sobre o desenvolvimento econômico da cidade	14
		Focalizando o Comercio de Montes Claros	Relata sobre a casa luso brasileira e seu empenho para o progresso da cidade	23
	Correspondência	-	-	-
	Noticiário	Noticiário	Agradecimentos/noivados etc...	21
<b>CULTURA &amp; EDUCAÇÃO</b>	Cultura	Folclore em Montes Claros	Texto fala do valor histórico e mítico das festas de Agosto da cidade	02
		Devaneios	Exalta a terra natal	05
		Listas de revistas assinadas pelas alunas do C. Imaculada	Apresenta uma relação das quantidades de revistas assinadas por alunas do colégio	09
		Ecos de Maio	Exaltação ao mês mariano	11
		Maio	Exaltação ao mês mariano	11
		Recordando minha coroação	Costume católico a coroação a “Virgem Maria”, a aluna descreve a emoção que sentiu ao participar do evento	14
		Maio o mês mais belo	Exaltação ao mês mariano/mês das Flores	20
	Educação	Entrevistando	Entrevista com Eurico Tré Sá Presidente da União Colegial de MG sobre a reforma do E. Secundário e outras questões educativas	05
		Normalistas reflitam em sua responsabilidade futura	Texto fala da importância das vocações dos padres, da ação católica, do papel da mulher numa família cristã.	15

ANEXO B - QUADRO 8: Seções e Subseções de *Flor do Lácio* (1943/45 e 1956/57) – continuação

<b>FASCÍCULO – ANO 1957</b>				
<b>SEÇÕES</b>	<b>SUBSEÇÕES</b>	<b>MATÉRIAS</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>PÁGI-NA(S)</b>
<b>SOCIAIS</b>	Entretenimento	Algumas do 2º Técnico de Contabilidade	Sátiras e piadas com os nomes das alunas/ humorismo	02
		Museu do Colégio	Sátiras com nomes das alunas	10
		Filmes e seus distribuidores	Sátiras as distribuidoras são as próprias alunas	18
		Objetivo do 3º Formação	Mais sátiras com nomes das alunas	22
	Homenagens	Carta Aberta ao Deputado Manoel Almeida	Congratulações	06
Personalidades	Nosso Bispo	D. José Trindade	03	
<b>RELIGIÃO &amp; REFLEXÕES</b>	Reflexões	Desde a madrugada	Poesia louvando Deus	01
		Cântico dos Cânticos	Poesia reflexiva	01
		Porque Gosto de Mamãe	Exaltação da representação materna	04
		O Vagabundo da Lepra Raoul Follereau	Aborda dados sobre a doença lepra. O Médico que dá nome a matéria reporta sobre uma família que surgiu em meio ao tratamento da doença	07
		Saudação a Nª Sra	Hora do Ângelus e relete sobre as virtudes marianas	08
		O Rock pelo Brasil a fora	Crítica ao rock roll	08
		Cartas a Selma	Críticas as liberdades de costumes, as moças namoradeiras, ao uso irregular do corpo que é templo divino	10
		Flor em Botão	Reflexões sobre os tipos de flores que as alunas almejam ser/ fotos de algumas alunas	13/14
		A música das ondas	Texto descreve uma reflexão na praia	14
		Mãe	Exaltação a representação da mãe	20
	Religião	Fulton Sheem – Apostolo da Televisão e campeão das conversões	História de um padre americano culto que tinha o dom de converter pessoas através de programas de rádio	09
		Montes Claros e as Irmãs do Sagrado Coração de Maria	História da chegada da Congregação em Montes Claros	16/17/18/19/ 20

Fonte: FLOR DO LÁCIO/ Fascículos: 02, 03, 04 e 05 (1943/1945), Fascículo (1956) e Fascículo (1957). Disponível nos Arquivos do Colégio Imaculada Conceição.